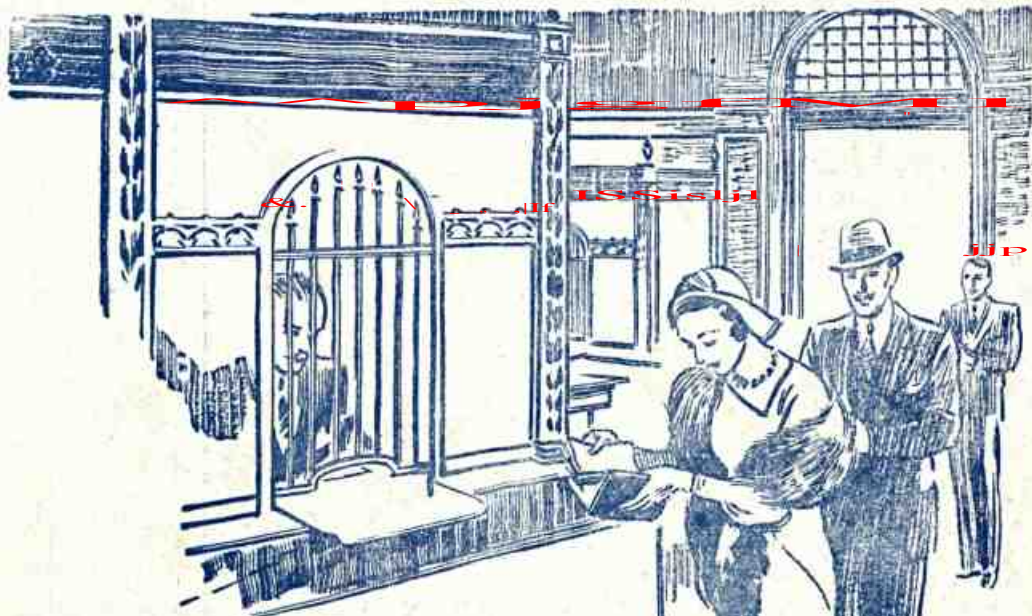
ANNO XXVI — Nº 49
Rio, 3 de Dezembro de 1932
PREÇO: 1$000

FON FON

A confiança exclue a duvida

O que nos leva a depositar nossas economias, —fructo do suor do nosso rosto.—nos cofres de um banco, é a **confiança.**

Para evitar horas de angustia e defender a sua saude e bem estar, não vacille um instante! Tome

o remedio de confiança

contra as dôres de cabeça, dentes, ouvidos; colicas das senhoras; enxaqueca, nevralgias; resfriados, etc.

Elimina qualquer dôr, estimula e reanima as forças e é de todo inoffensiva.

BAYER

O conto brasileiro

CAPRICHO

Por LUCIA DE MORAES

CÉLIA entra precipitadamente no quarto. Tem o rosto afogueado, os olhos brilhantes como duas saphiras molhadas de orvalho... Atira o chapéusinho crême e as luvas de pelica negra sobre o divan e, em seguida, como si desabafasse assim a grande dôr que a opprimia, deita-se de costas sobre o leito de páu rosa e soluça baixinho, longamente, sentidamente...

Ruy, o seu Ruy, o amôr por quem tudo sacrificava, honra e vida, toda a sua honestidade de esposa e de mãe, Ruy, mentiroso e hypocrita como todos os homens, a enganava! E com quem, santo Deus? Com Maurita, a sua melhor amiga, a quem um dia, num gesto impensado de confiança e abandono, narrára toda a loucura do seu amôr... Maurita a enganára! Ruy a enganára! Perdêra, de um só golpe, duas affeições que prezava: a ternura da amiga e a paixão do amante.

Irrompe pelo quarto um pequenino furacão: loiro, rosado, diminuta boneca de Watteau... E a palavra carinhosa e envolvente brotára da deliciosa boquinha de romã:

— Mamãe!...

Célia volta-se, o rosto angustiado, para a filhinha do seu amôr. Num instinctivo gésto de carinho, a criança circumda com os frageis braços o pescoço da mãe e, com beijos, lhe suga as lagrimas que descem, como fios de perolas, pelo rosto desfeito:

— Por que chóras, mamãe? Estás por acaso zangada com a tua Gisa? Oh! Eu não gósto que a minha mãesinha chóre...

Célia abraça loucamente a bonequinha rosea e querida. Sua filha! Ainda tinha o seu amôr sincero e dedicado a lhe encher o doloroso vazio da vida. Ainda tinha o sagrado direito de viver, mesmo depois da derrocada de todos os seus sonhos. Para incentivar e dirigir aquella outra vida que apenas desabrochava... afagou-lhe a cabecinha cacheada e inquieta.

— Não, a mãesinha não está zangada com a Gisa. E' que lhe roubaram um bem enorme. Você não sentiria, filhinha, si lhe tirassem um dia a linda boneca que Papae Noel lhe deu?

Gisa agitou convicta a linda cabeça.

— Oh! Mamãe! Quero tanto bem á minha Ninon!

— Pois é, meu amôr... Roubaram de sua mãesinha alguma coisa tão cara como Ninon o é para você. Arrancaram-lhe um mimo querido, que ella embalava com "berceuses" carinhosas, para o fazer adormecer e olvidar tudo, só se lembrando della.

E não resistindo mais á dôr, Célia aperta a filhinha contra o peito, o seu pobre peito amoroso e exhausto, e rompe em lagrimas e soluços, emquanto os olhos innocentes de Gisa se abrem de pena e de assombro, ella que não podia comprehender ainda a causa daquella magoa tão cruel e violenta...

* * *

Célia era de uma estranha belleza. Seu rosto tinha uma linda côr amorenada e seus olhos verdes como a esperança ou a vertigem, attrahiam e fascinavam quem por um momento se abrigasse sob a sua luz... Sensualissima, seus labios polpudos e humidos o denunciavam e o ondular do seu corpo lembrava a suave convulsão de uma Piton rosada, arquejando de volupia sob a ponta acerada e fina do chicóte do domador. Quando ria, mostrava uns dentes brancos e meudos, promptos para morder ou roçar sómente a superficie mórna de uma carne pagã!...

As mulheres a invejavam e os homens a disputavam. Comtudo, nenhum se podia gabar de lhe ter colhido dos labios mais que a flôr venenosa daquelle sorriso, que era ironia e sarcasmo, piedade e altivez... Quando ella, elegante nos seus vestidos justos e caros, com o seu porte de rainha tyranna, pisava em um salão, os commentarios se multiplicavam.

— E' linda, linda como Venus ou Cleopatra, mas fria como os habitantes do pólo...

Comtudo, houve um dia alguem que lhe quebrou a decantada frieza. Um medico. Seductor e novo. Talvez porque acostumado a estudar de perto os diversos estados do corpo e da alma dos seus pacientes, acabou comprehendendo a verdadeira psyché de Célia. Adivinhou a uma nevrotica, sob a mascara do seu sorriso gelado. Percebeu que caricias requintadas e loucas poderia dar aquelle formoso corpo de hysterica, quando encontrasse alguem capaz de fazêlo vibrar como uma harpa de prazer... Approximou-se. Insinuou-se na vida de Célia com a astucia de um germen venenoso. Falou-lhe com distincção, com delicadeza insuspeita e captivante. Frequentou-lhe a casa. O marido, commerciante rico e burguez, mais acostumado a lidar com cifras que com almas de mulheres, não se inteirou do interesse que a esposa tomava pela nova amizade. Não lhe viu os sorrisos sadios de ventura, quando elle chegava, ou o rosto triste e pesaroso, quando elle faltava...

Um dia, entrando inesperadamente na casa, da qual se tornára intimo, na ausencia do marido, encontrou-a envolvida sómente num "peignoir" côr de pecego, os longos cabellos, que, por capricho, ainda não sacrificára ao despotismo da móda, esparsos sobre os hombros modelados.

Riu, porque não tinha o convencionalismo hypocrita de certas mulheres de sociedade, que acham vergonhoso apparecer a um homem em trajes ligeiros e, no entanto, ás portas cerradas, commettem pequeninas infamias deliciosas, ao elogio que Ruy lhe fez, os olhos em chammas:

— Você assim está provocante, Célia! Muito mais linda que quando apparece com os seus vestidos de séda, que escondem toda a belleza do seu corpo seductor... Lembra-me assim, com os cabellos molhados e sem a protecção dessa fazenda moralista, Aphrodite sahindo do seio das espumas enamoradas...

— Galanteador! Sente-se e conversemos como bons amigos que se querem e esqueçamos todas as aphrodites deliciosas que o mytho nos revéla...

Sentaram-se, lado a lado, os joelhos tocando-se, no vasto divan coberto de almofadas. Conversaram sobre o tempo, módas, emfim, sobre todas essas pequenas futilidades que a gente lembra quando se teme muita coisa differente a dizer. Subito, a mão ousada de Ruy agarrou-lhe a mão pequenina, que ella nem de léve pensou em retirar. Célia era dessas poucas mulheres que se dão todas á emoção do momento e não procuram aniquilar com falsos preconceitos a vóz do amôr e da vertigem... Não se entregára ainda a homem nenhum, porque não encontrára ainda quem a fascinasse, quem fizesse electrizar de sensação o seu corpo vibrante de mulher.

(Continúa na pag. seguinte)

AS VIAGENS NOS TEMPOS ANTIGOS

Viajar é, hoje, a coisa mais banal e facil deste mundo. Antigamente, porém, era um verdadeiro supplicio. No seculo XVI, tudo se conjurava contra os viajantes: a impraticabilidade dos caminhos, os primitivos meios de transporte e a inhospitabilidade dos albergues.

Montaigne refere que, naquella epoca, os italianos offereciam a seus hospedes camas sem colchões.

No seculo XVII as viagens ainda constituiam uma aventura perigosa.

As cartas de Madame de Sevigné attestam isso. Dizem, entre outras coisas, que antes de uma pessôa emprehender uma viagem para Rauen, por exemplo, tratava de fazer seu testamento, pois eram frequentissimos os accidentes durante o trajecto.

A travessia de um rio apresentava grave perigo de vida.

Até o seculo XVIII ainda não tinham sido organizados os pon-

C A P R I C H O

(Conclusão)

— Amo-te!

E os braços de Ruy a enlaçaram e duas boccas sequiosas se uniram, num beijo, longo, ardente de amorosos...

* * *

Agóra, elle a abandonava. Farto da sua belleza quente e voluptuosa, procurava nos encantos da languida Maurita motivo para as estrophes do novo poema de amôr que o seu eu material e voluvel queria entoar.

Célia revoltou-se, porque o amava e sobretudo, porque era mulher. Não lhe tolerou a falta de attenção para os seus mais intimos encantos, que todos acatavam...

Amando-o, louca de desejos, estribou-se comtudo na sua altivez de mulher, e mulher disputada e linda.

Germinou-lhe no cerebro intelligente a idéa ruim da vingança. Sim, vingar-se-ia! Seria cruel como o oriental nas suas torturas... Havia de vêl-o, humilhado e enlouquecido, aos seus pequenos pés de Cendrillon, que os sapatos finos embellezavam ainda mais. Elle retornaria ao amôr antigo, sedento da agua pura que antes desprezava e então a sua vingança estaria satisfeita quando, cruel, lhe retirasse dos labios a taça salvadora, que elle mesmo desprezára...

* * *

O baile decorria animado e brilhante. As mulheres, de espaduas núas, faziam lembrar, naquelle ambiente "rafiné" e perfumado, as bacchantes impudicas dos festins pagãos de Nero, rodopiando donairosas e lindas ante o olhar lubrico do grande imperador... Uma, principalmente, chamava a attenção. A ousadia de suas attitudes e de suas roupas, decotadas e colantes, a sua formosura, tudo perturbava naquella figurinha femininamente "exquise".

ESTRELLAS DE HOLLYWOOD

AS JANELLAS DOS MEUS OLHOS

Todos os dias, quando a tarde cahia devagar
Sobre as ruas parallelas,
meus olhos debruçavam-se sobre as janellas
das suas orbitas para vêrem você passar.

E quando o seu corpo ingenuo de menina
perdia-se na curva da primeira esquina
e, sobre as ruas parallelas,
a noite já cahia,
os meus olhos cerravam as palpebras
e, assim, fechadas as janellas,
esperavam a tarde do outro dia.

Mas, uma vez... você não passou!...

E os meus olhos souberam com muita emoção
que um grupo de gente commovida
a levou dentro de um caixão
para longe delles, para além da vida.

E desde então os meus olhos cançados
— coitados! —
ficaram aquem das suas janellas a chorar,
porque
elles sabem que você
nunca mais ha de passar!...

DE MUNIZ

tos ou "estações" de parada para muda de animaes de monta ou tracção.

Para ter-se uma idéa melhor do que eram as antigas viagens basta dizer que se viaja hoje com mais facilidade e conforto em pleno centro africano que antigamente pelos paizes da Europa.

Ainda em 1853, para se viajar de Paris a Marselha era preciso tomar o ferrocarril em Chalons-sur-Saone, dahi a Lyon, descer pelo rio em barca, de Lyon a Avignon recorrer-se á diligencia e, por fim, voltar a tomar o ferrocarril até Marselha.

O CORTADOR DE... SAIAS

A policia parisiense andou ha pouco ás voltas com um individuo que, na linha da Metro, ramal da Porta-Orléans se divertia a cortar as saias das senhoras utilizando-se de uma navalha.

O referido sujeito aproveitava as horas de menos movimento para commetter suas façanhas de cortador.

Dentro de 3 mezes a policia teve mais de 20 denuncias e estabeleceu uma vigilancia especial, sem resultado, porque o *vampiro* das saias naturalmente verificou que estava sendo vigiado e desappareceu por algum tempo.

Reappareceu, porém, logo depois, levantando-se de novo contra elle o clamor das mulheres prejudicadas.

Trata-se, provavelmente, de um maniaco sem instinctos sanguinarios.

Era Célia. Ruy, ao vêl-a, sentiu como que um chóque no coração. Como estava linda a sua antiga amante! E que desejos ella lhe despertava, quando o seu olhar voluptuoso lhe percorria o corpo modelado e palpitante! O olhar incendido, seguira-a quando, largando o braço de um sympathico advogado, que lhe despertára atroz ciumes, pela preferencia que ella lhe parecia dar, Célia se dirigiu ao jardim quieto e embalsamado, sobre cujas flôres e folhagens a lua, como fada dadivosa derramava os brilhantes puros de sua luz...

— Célia!

Ella voltou-se, surpreza. Ruy lhe estava ao pé, tremulo de amôr e receio. Perguntou-lhe, desdenhósa:

— Que me queres?

Elle fez um gesto, como si a quizesse tomar nos braços. Mas a sua frieza demoveu-o.

— Célia, ouve-me! Eu te amo! Tudo foi loucura. Esquece e volta aos meus braços. Serei teu eternamente...

Célia soltou uma risada sarcastica. Viu alli a opportunidade da vingança. E, sacrificando á voz do seu amôr proprio mal ferido as vózes da prudencia e da razão, ella, que tinha deveres para com a sociedade, sabendo que o ciume de Ruy, revelando tudo, a faria deshonrada e infeliz, mas sciente de que o gólpe que lhe ia dar o feriria fundo, respondeu, friamente:

— A eternidade dos homens dura bem pouco... Felizmente, adaptei-me ao ambiente. E, mesmo assim, quero gozar o amôr, tal qual elle é, dando-lhe todo o ardor da minha volupia... E' inutil insistires: não te amo mais. E a prova é que marquei para amanhã uma entrevista com o joven advogado, que me está interessando...

E, rapidamente, virou-lhe as costas, para que elle não visse a lagrima rebelde que lhe descia pela face pállida e que era como um grito de soffrimento e negação...

MILAGRE

(Para o genial artista de "Luz e Pó")

Dizem — não sei si é facto ou si é mentira —
Que em certa noite assim toda estrellada,
Um par de estrellas lá do azul cahira,
Perdendo-se na esphera constellada.

Logo a sciencia daqui deste planeta,
Em ansias, do pólo norte ao pólo sul,
Assestando a astronómica luneta,
Procurava as estrellas pelo azul.

Creio, comtudo — e quem quizer não creia —
Que esta riqueza — felizardo! — achei-a
Nestes teus olhos lindos, minha flôr.

Estes olhos azues que Deus te deu
São as estrellas lindas, meu amôr,
Cahidas, num milagre, lá do céo.

(Do "Bailado das Estrellas.")

PAULO DE FREITAS

A BARREIRA INTRANSPONIVEL

CONTENDO a respiração, ella permanecêra alguns minutos na sala de espera escura. Uma franja de luz se arrastava por baixo de uma porta. O gabinete de trabalho de seu esposo estava illuminado.

O marido havia voltado, então?

Ella aproveitára aquella ausencia de vinte e quatro horas, annunciada pelo esposo, para organizar sua fuga para outra vida, para outro amor.

Acabava de separar-se de Bernardo, sacudida pela magia dessas palavras carinhosas que dão novas esperanças e novos anseios. Mas no apartamento a presença de Francisco levantava uma barreira intransponivel contra a qual podiam quebrar-se os formosos projectos...

O marido suspeitaria de alguma coisa? Suspeitaria da intenção de sua mulher?

"Espera-me — dissera ella a Bernardo. — Vou em casa buscar alguma coisa de que preciso: uma valise, dois ou tres utensilios de toucador..."

E elle permanecêra no automovel, emquanto ella entrava em sua casa, silenciosa como uma ladrôa.

Quantas vezes imaginára esse minuto em que, livre afinal, poderia unir-se para sempre ao unico homem a quem amava! Tudo vinha desenrolando-se de accordo com as suas previsões.

No jantar recente com Bernardo acabava de ser traçado o itinerario da viagem que os conduziria á felicidade definitiva... Seria muito doloroso fracassar agora, quando a ventura estava ao alcance de sua mão!

Nas pontas dos pés, dirigiu-se a seu aposento. As portas gyraram sobre seus gonzos sem fazer barulho. Os tapetes amorteceram-lhe os passos.

A valise foi rapidamente cheia. Alguns frasquinhos, poucas peças das indispensaveis. Era tão agradavel pensar que Bernardo a queria assim, como era, sem o luxo de seu vestuario, quasi despida! Ah, como pobre e mesquinho lhe parecia o passado deante do futuro cheio de luz e de amor! Todo o seu ser ia transformar-se ao embalo daquella paixão febril e impaciente.

.. ..

Seus passos percorreram novamente a casa. A franja de luz continuava sob a porta do gabinete de trabalho.

Alguém andava no gabinete. Como se explicaria ella, no caso de ser surprehendida assim, com aquella attitude, e aquelle cuidado?

Aproximou-se da porta. Aguçou o ouvido, e escutou. Um silencio profundo reinava no gabinete.

Sentiu-se assaltada por uma duvida. A luz não teria sido deixada accesa por alguma das criadas? Como riria Bernardo, então, dos infundados temores da amada!

No emtanto... o esposo podia estar ali, atraz da porta, espreitando, disposto a apparecer subitamente

De Antoine de Courson

... exigir a explicação daquella attitude, daquella valise, daquelle vestido de viagem...

Só lhe faltava um passo para chegar á escada. Mas o temor a immobilizava. Sua mão segurou o ferrolho. Não, não podia partir sem saber o que fazia alli o esposo.

A certeza do perigo era preferivel ao temor... Ella precisava saber por que estava accesa aquella luz e por que o gabinete permanecia envolto naquelle silencio impressionante!...

Suavemente, empurrou a porta apenas o sufficiente para espiar o interior do gabinete. Um angulo da sala só lhe offereceu á vista: os livros alinhados na bibliotheca, o espaldar de uma poltrona.

De repente, estremeceu. Acabava de ver sobre uma cadeira o chapéo e a bengala de seu marido. Já não era possivel duvidar: o marido havia regressado!

Mas... por que se empenhava, cedendo a sua curiosidade, em destruir todo o seu sonho de amor e de ventura? Porque permanecia alli, junto á porta? Era tão difficil renunciar ao passado detestavel?

Era necessario fechar sem ruido essa porta. Devagar, muito devagar... Para que os gonzos não gemessem... Ah! como lhe tremia a mão!...

Mas, quando a franja de luz se estreitou até ser quasi imperceptivel, a fugitiva descobriu no chão, junto á cadeira, um objecto brilhante.

E um grito ficou estrangulado em sua garganta: era um revolver!

A porta, violentamente empurrada, mostrou agora o interior do gabinete em toda sua amplitude.

O esposo jazia inanimado sobre o tapete. E neste se destacava uma mancha, uma mancha vermelha... Perplexa, como que fascinada pela visão do cadaver, a fugitiva não poude siquer mover-se.

Vozes mysteriosas resôavam-lhe no espirito.

"E's livre!" — dizia uma voz. "Bernardo está á tua espera!" — ajuntava outra.

Mas o tumultuar de seus pensamentos ia se apagando como uma homenagem ao cadaver já frio.

Nada a retinha. Ninguem poderia oppôr-se á sua fuga. A felicidade a esperava fóra dessa casa...

De repente, tocou o telephone. E o som metálico era o unico signal de vida no appartamento. Ella ouviu aquelle chamado e suspeitou sua origem... Bernardo!... Era Bernardo que recorria ao telephone para saber o motivo do retardamento da amada!... Por que ella não corria ao apparelho? Por que não tranquillizava o unico homem digno de seu amor?...

Aquelle telephonema era o chamado da liberdade, o convite da felicidade, e tambem a destruição do passado de todo o seu passado...

Mas a campainha do telephone continuou vibrando inutilmente.

A fugitiva não se aproximou siquer para attender.

A barreira que ella não esperava, a unica barreira realmente intransponivel se levantára entre ella e seus sonhos de ventura. A felicidade, agora, era impossivel.

E o telephone, nervoso, impaciente, continuava tocando inutilmente..

Impressões da Italia

QUANDO, procedente de França, se entra no territorio italiano, logo a transformação do ambiente nos recorda que a palavra "fronteira" não é apenas um termo grammatical, tal é a differença de paizagens, caractéres, mentalidades, gestos e costumes entre a França e a Italia.

Desde que cheguei á terra de MUSSOLINI, ao contemplar a infinita bandeira azul inalteravel do céu italiano, desfraldada sobre as nossas cabeças num contraste surpreendente com o céu de França, especialmente o de Paris, que lembra uma enorme cupula cinzenta reflectindo nos homens e nas coisas a sensação monotona duma paizagem de estanho, compreendi essa differença grandiosa, que começa entre as margens do Sena, sempre vestidas de brumas e as margens claras da Lagôa Veneziana, e se torna frisante entre as barcaças pesadas e lentas do tradicional rio parisiense e as gondolas frageis e elegantes da lagôa da cidade dos doges...

Mas, essa differença entre os berços luminosos de Da Vinci e Rembrandt, explicase facilmente: os francezes são celtas e os italianos latinos...

MILÃO

Quando o trem corta a planicie lombarda, insensivelmente, se pen-

A senhora Maria Neves de Castro, que é um brilhante espirito feminino, servido por sólida cultura, e uma artista de sensibilidade "raffinée", acaba de visitar, deslumbrada, a Italia sumptuosa, e escreveu especialmente para FON-FON as suas impressões dessa visita, numa chronica leve, que vale a pena ser lida pelos admiradores do grande paiz das bellezas eternas.

* * *

sa na iniciação magnifica da raça nórdica da Italia. Lombardia é um centro intellectual que tem por capital Milão. E Milão tem ainda sua capital natural: a praça "Del Duomo". E' na praça "del Duomo", effectivamente, que todos os turistas sentimentaes e todos os viajantes romanticos vão penetrar e identificar a alma lombarda.

Já "el Duomo" é um monumento de belleza surprehendente. A geração dos Visconti e dos Sforza está plasmada nessas pedras lavradas como bibelots, *marmores que não pesam*, para falar como o poeta D'Annunzio. Os condo-
que deram aos milanezes a in-
pendencia politica, o florescim-
intellectual e a graça artis-
amaram "el Duomo" com fervo-
desconhecidos para outra raça.
architectura deste immenso
cio do christianismo é impo-
e complicada; e, desde suas
randas superiores ao mag-
balcão que tem por tecto
visa inteiramente Milão: a el-
ca avenida Vittorio Emanuele
torres da "Hospedale Mag-
o theatro Scala, com a estatua
Leonardo da Vinci em fre-
Museu Poldi — Pezzoli e a
del Mercanti... E' um
edificios historicos! Dos
"del Duomo" eu exercitava a
moria em reconhecer o pa-
Clerici, a celebre bibliotheca
brosiana, o palacio Borromeo
sobretudo, a mole enorme e
dieval do Castello Sforzesco,
laya do orgulho e poderio dos
tigos milanezes.

Milão é a maior cidade da
lia. E' forte, bella e grata;
ensinou-me a conhecer a gran-
italiana feita de arte pura e
dignidade. Junto a Santa
Medicis, repousa no Duomo
Carlos Borromeo. E' já um
bolo...

VENEZA

Affirma-se que existem quatro
cidades dignas de chamar-se
des-museus: a allemã — Ne-
berg; a hespanhola — Toledo;
belga — Bruges, Bruges — a mor-
ta de Rodembach, e a italiana
Veneza. São os quatro pontos
deaes de arte das velhas e ro-
ticas cidades européas.

Nella se erguem o palacio dos
doges, que guarda Tintoretto,
gtegna, Ticiano, Veronez,
etc.; a basilica de S. Marcos,
byzantina, que encerra marmores
e alabastros como nenhuma outra
cathedral da europa, na praça
mesmo nome, celebrizada pela
mesticidade dos seus milhares
pombos. Essa praça, que é a
bella da Europa e talvez uma
mais bellas do mundo inteiro,
sido o scenario de todos os
des acontecimentos da Republica
Veneziana. As excursões á Asia
Africa e ás cidades mediterraneas
mesmo, organizadas pelos Pa-
ri, pelos Dandolo, pelos Pale-
gue e Faliero, pelos inquisidores
dos Conselhos, emfim, enriqueceram
ram durante muitos seculos a
dade veneziana e a transforma-
ram numa vitrine resplandescente
de arte e poesia...

Imagine-se um archipelago

De Maria Neves de Castro

122 ilhas de tamanhos e formas differentes, unidas entre si por 373 pontes! E as ruas, os canaes de agua sonhadora, que, apenas cáe a noite, se transforma em avenidas de silencio e reflexos de ouro, fazendo de Veneza uma cidade de sonho, crystalização de um mytho maravilhoso e supremo... Nem um transeunte, um autoomnibus, um coche ou um automovel!

O grande canal é marginado á direita e á esquerda por 155 palacios soberbos, a maior parte do estylo ogival e Renascença. A iniciação romantica fez deste Grande Canal o estadio do sentimentalismo. Os amores celebres vieram refugiar-se ali, como em uma patria ideal do Amor. Quasi quatro kilometros de palacios de marmore, pintalgados de gondolas que deslisam como sombras. Musset e George Sand decifraram, commovidos, a imponencia mysteriosa dos canaes rutilantes da cidade dos doges... E Wagner, que morreu ali, legou seu coração a Veneza...

ROMA

Descendo-se para o sul, quando o trem pára ás portas da cidade eterna, a evocação historica e esthetica se faz tangivel. Roma é uma grande cidade tentacular. Suas sete colinas guardam, como sete sentinellas eruditas, a historia verdadeira da metropole...

Em Roma existem varias Romas: a de Romulo e Remo — berço do romanismo; a Roma Cesarea — berço da purpura e da tyrannia; a Roma christã — berço dos martyres; a Roma da decadencia — berço de poetas e philosophos latinos, e a Roma actual, que resurge das cinzas millenarias com a impetuosidade duma Phenix cheia de vida em sua agonia imperial.

Affirma-se que a Italia é a patria da Arte; e eu não vacillo em accrescentar que Roma é a verdadeira capital dessa patria!

Os templos da magnificencia pagã e os soberbos templos do christianismo se elegem em Roma como o encantamento das paixões do homem. As termas de Caracalla não estão longe da basilica de São Pedro; o Monte Palatino é vizinho do Monte Vaticano; o Forum está a dois passos do Aventino e quando subindo ao Janiculo, nos encontramos perto do Pincio. Assim os systemas politicos, ideologicos, religiosos e artisticos se identificam e familiarizam.

O encanto de Roma está em suas ruinas. O Coliseo ainda está cheio do rugido dos leões e do pranto dos martyres do christianismo. O rio Tibre arrasta em suas aguas recordações dramaticas. O Arco de Trajano e sua columna famosa são monumentos que assistiram á tempestade do céu e á colera do homem, e, entretanto, continuam ali, altivos como atalaias da Historia.

São Pedro é um poema talvez demasiado eloquente em marmores os mais caros, os mais orgulhosos, os mais bellos, os mais theatraes que olhos humanos têm visto. O tumulo de São Pedro, pela sua magestade e riqueza, dir-se-ia, não o tumulo de um santo, mas o de um imperador da Decadencia ou do Baixo Imperio. Mais que christão no intimo, S. Pedro é o triumpho do catholicismo, como systema, liberto de todo o sentimento!...

E, depois, os museus, os thesouros artisticos que Roma Cesarea tomou de Anatolia, de Gallias, de Grecia e de Constantinopla. Os museus de Roma são os mais ricos e os mais soberbos da terra.

O forum de Augusto, o de Trajano, o de Nerva e o Romano são os mais firmes alicerces da grandeza daquelle tempo. Por isso mesmo Roma é "Eterna"!

Do *Apolo* de Belvedere ao *Moysés* de Miguel Angelo; da capella Sixtina á capella Borghése, sente-se toda a arte que vibra nas columnas historicas e scintillan as das lendas. Do alto das pontes do Tiberio, vê-se cruzar o tempo em episodios esquilinos...

FLORENÇA

A patria de Dante é tambem a patria medular das artes italianas. Todo o mel harmonioso da Toscana vive em suas ruas. O Arno está cortado por pontes que recordam episodios da Divina Comedia; e os Appeninos, coroados de Neve rosada, dão-lhe uma "nuance" de decoração theatral vigorosa, de força pristiana.

Os Medicis andam como sombras errantes pelas ruelas penumbrosas da Cidade Divina. Os Medicis e Machiavel reinam, ainda, junto a Dante. As esquinas e os muros das casas estão ornados com estampas de santos, como na época mais gloriosa da cidade. A praça da Senoria, a galeria dos Uffici, a praça do Duomo o palacio Strozzi e a praça Vittorio Emanuele encerram, pelo menos para mim, o maior encanto dessa encantadora cidade. Os Uffici, principalmente, constituem o mais assombroso museu que se possa imaginar. A historia esthetica de todas as étapas da peninsula italiana está encerrada ali.

Um dos encantos de Florença é andar rythmicamente, em passos lentos, pelas suas ruas. O sol, sob o azul inalteravel do céu, é prodigo em seu ouro millenario...

Não é como o sol um pouco selvagem das terras americanas, que resecca montes inteiros em nosso Brasil... E' um sol que tudo doura e em tudo põe sua magia au-

(*Continúa na pag. seguinte*)

rea, seu resplendor de pedra preciosa...

As igrejas de Florença dão a impressão de museus; os palacios parecem ao mesmo tempo museus e igrejas, sem deixar, por isso, de ser palacios. Atravessando a praça dos Uffici, rodeada de salas, de galerias, de gabinetes, de quadros, de esculpturas, de marmores, de porcelanas, de bronzes, de sedas de relicarios de sarcophagos, de miniaturas sem fim, a gente fica insensivelmente a pensar como é possivel accumular tanto thesouro, tanta riqueza artistica em uma só praça, onde desfilam Dante, Petrarca, Machiavel, Donatello, Orgagna, Bocacio, Aretino, Benvenuto Celini, Miguel Angelo, Leonardo Da Vinci, Giotto, Pisano, Galileo, Americo Vespucio e os cem diversos filhos de Florença...

NAPOLES

A lenda diz que Napoles é a cidade das canções e dos mendigos. Alli, como em toda parte, a lenda tem alguma razão, porém, não tanta como pretende...

Provavelmente, a Napoles antiga, que não alcançamos, era como a descreve a lenda romantica... Em compensação, a Napoles actual está rigorosamente remodelada e limpa pelo fascismo...

Ha em Napolis mendigos e canções, mas ha outra coisa tambem: o esforço moderno de todo um systema politico salutar.

IMPRESSÕES DA ITALIA

(Conclusão)

Talvez, sem o fascismo, Napoles fosse, ainda, apenas, um porto mediterraneo para "barcalas" e cartões postaes...

Hoje, é uma cidade moderna, que não se atreve a expulsar os mendigos e as canções por completo, mas que se veste de hygiene e não joga lixo nas ruas.

Desde os jardins de Pausilippo até ás margens do immenso golfo azul coroado pela imponencia do Vesuvio, que todos conhecem pelos chromos napolitanos, desdobra-se a paizagem deslumbradora da cidade.

Dos restaurantes que se erguem nas alturas do Pausilippo, se divisa o castello de São Telmo e o castello Novo, o "Albergue dei Povere" e a Mole de S. Gennaro, os jardins da "Vida Communale" e o "Viejo Puerto". Depois, sobe-se até o "Capodimante", que é um balcão extraordinario sobre o golfo.

Nada como ouvir uma canção napolitana num dos cafés que parecem suspensos entre o céu e a cidade na hora em que o sol expira, cheio de purpura e ouro em sua imperial agonia...

O Vesuvio acaba por tornar-se um personagem vivo e magnifico.

As ruas que vão até o porto baixo são o ultimo refugio do napolitano pittoresco: nas portas, entre trepadeiras floridas, as senhoras têm ao lado crianças despidas e sujas. Toda essa gente estende seus trapos ao sol, de janella a janella, como em Genova, como no Pireo, como em todas as velhas cidades do Mediterraneo.

ITALIA

Fui a Padua visitar o tumulo de S. Antonio — o milagroso, e a Roma admirar o Apollo de Belvedere — milagroso de belleza perfeita. Citando-os, quero precisar meu pensamento: Italia é uma confusão extraordinaria de paganismo e christianismo.

Ninguem póde admirar-se na Italia de encontrar, junto á figura serena de S. Francisco de Assis, a figura soberba de Nero e, perto da Basilica de Constantino, a Casa das Vestaes.

E, deste modo, varias Italias surgem para a admiração do viajante: a Italia Cesarea, a Italia dos Martyres, a Italia dos Principes decadentes, a Italia parlamentar do seculo XIX e, por ultimo, a Italia fascista, cada uma em sua original personalidade.

Sabe-se da Italia com o espirito parfumado de tristeza fina e subtil, promettendo-se insensivelmente voltar, tendo gravado no subconsciente uma canção, um sorriso latino, uma obra de arte e um gesto romantico.

Assim foi que eu vi e senti a Italia...

Italia, Setembro de 1932.

«RÊVE D'AMOUR»

* * *

Cabaret. Um salão grande, espaçoso, com mesas ao redor.

Uma mulher quasi núa cantava.

Canção de amôr... Que ironia! Num lugar em que tudo era comprado. Até o amôr! Sorriu ao pensamento. Com que ingenuidade amára uma creatura daquellas... Chegára a esquecer que era um simples estudante de direito. Possuia vontade. E confiança. Nem sabia desconfiar de alguem. Só faltava o principal: dinheiro.

Ella o abandonára por um velhote: Um millionario.

Succederam-se as amantes: Nelda, Marisa, Cléo, Clara-Lucia.

— Mais "*champagne*"!

Assustou-se com a vóz. Não notára que estava divagando...

Os corpos collados num só rodopiavam. De vez em quando, ruidos de beijos. Lembrou-se: Um *cabaret* ordinario.

O horror, o nojo, que sentira vendo a mulher amada no meio daquelles brutos. Ouvindo palavras obsenas.

Por que a amára tanto? Talita era uma mulher tão vulgar...

Pudéra! Já passou a época do romantismo.

E sem dinheiro...

Não, estava sendo injusto. Talita o abandonára para não impedir sua felicidade: seu noivado com uma moça rica e bonita, excellente dona de casa, etc.

Como allegára, ella havia de o tornar feliz. Pobre Talita!

Nem sabia como pudéra injuriál-a.

Com a pausa da orchestra, ouviu uma vóz de mulher: "... e era tão tolo, que julgou tél-o deixado por amôr. Para que casasse com uma provinciana."

Riu alto. "E nem notou que eu partia com um millionario".

Gargalhadas.

Carlos Tôrres enterrou o chapéu e sahiu, assobiando...

Que? *Rêve d'amour*, de Liszt.

Quasi irreconhecivel. Moderno. Compasso da fox...

Elly Etienne Dessaune

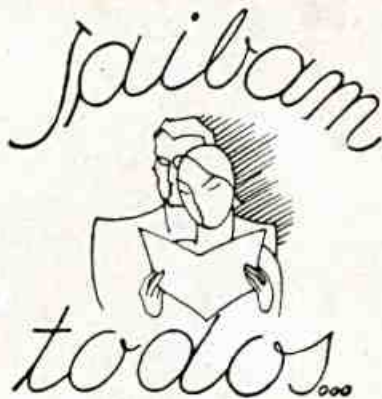
GATINHA ANGORA' (Capital) — Estou encantado com o poema que me offereceu. Não o publico porque seria demasiado cabotinismo de minha parte. Achei-o lindo e me confesso profundamente commovido com a sua lembrança carinhosa. Ha quanto tempo não ouço palavras tão gentis, tão acalentadoras, para quem tem a alma feita em farrapos!

Bemdita seja a mão que o traçou e os fez chegar á minha banca de trabalho.

Mesmo que elles não traduzam a verdade do seu sentimento, sempre terão o merito de uma delicadeza e de uma ternura inesperada.

Desejaria que, com a mesma confiança com que m'os offereceu, quebrasse, de uma vez, o seu anonymato.

Gatinha Angorá! E' muito pouco para uma identificação. Auxilie-me a querer bem, sob uma fórma mais coherente, a quem demonstra desejar-me algum bem...

NILSA ROSA (S. Paulo) — Olá! Até que emfim, v. ex. si quiz dar a conhecer. E' muito interessante a missiva em que v. ex. se caracteriza e fala de sua amiga "Rosa do Vale", a quem não tenho a grande honra de conhecer tão gorda e tão bonita.

Vejamos a sua carta. Dois pontos:

"Yves. O senhor diz não se lembrar de mim?!... E' natural dentre tantas consulentes. Mas, eu me recordo sempre de sua excelsa e magnanima pessôa; ainda mais tendo ella uma divida para comigo. Recorda-se de um "bonbon" prometido se lhe revelasse com toda intemeridade minha idade? Pois dei-a sem tirar nem pôr. O senhor exigiu minha certidão. E' claro que me ofendi! Duvidar da palavra de uma moça! Uma paulista! "C'est troup fort".

Lembra-se agora de mim? Pois se tal acontecer, cumpra a sua palavra, enviando-me os "bonbons" promettidos, senão... irei ai busca-los.

A "Rosa do Vale" agradece suas animadoras palavras. Deus lhe pague e o conserve para o tormento das consulentes do "Saibam Todos" Amem. — Nilsa Rosa."

Apesar dos seus esclarecimentos, eu continúo na mesma.

V. ex. me faz lembrar aquella senhorita que para se fazer reconhecer assim traçava o seu perfil: Sou morena, tenho os olhos grandes, o nariz arrebitado, a bocca pequena, os braços grossos, e o cabello castanho.

Vá a gente saber quem é uma creatura com taes caracteristicos physicos... Si ha tantas nas mesmas condições...

V. ex. allude á sua edade... Muito bem. Mas o certo é que não é só v. ex. quem nega a edade verdadeira... E que se offende quando lhe pedimos o registro civil...

Quanto a "Nilsa Rosa", eu só tenho a dizer é que Deus lhe dê muita intelligencia...

Eviva o glorioso S. Paulo.

VARO DA GAMA (Minas) — Aqui está a sua carta literaria. Li-a, reli-a, e, — francamente — não sei o que o sr. quer dizer com as suas interpretações e a sua philosophia...

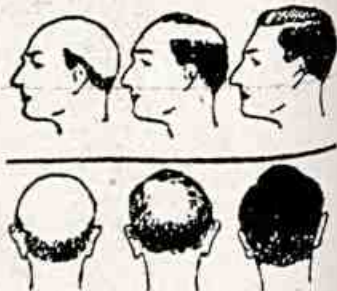
Comecemos a relel-a, mais uma vez:

"Yves: Essa missiva nascia para vida a paradoxal de tres linhas. Apenas para a vibração desses dizeres: "eu creio que comprehendi perfeitamente a sua indifferença "marquee", de amabilidade, diluida nas palavras ante-postas á minha carta publicada pelo ultimo numero de "Fon-Fon"; ou creio que, desastradamente, não as consegui penetrar. eD qualquer fórma impõe-se-me agradecer-lhe e dizer: adeus amigo!"

Mas, resolvi acrescentar alguma cousa. Vejamos:

Você proclamou estar soffrendo de uma crise de scepticismo. E, a sobeja, demonstrou tal aos seus leitores. De facto, em chronica passada, sobre "O que penso das mulheres", deletreando Anatole você collocou os homens na fimbria terrivel da maldade e bondade mediocres. Isso quer dizer: scepitcismo "raffiné"... Respondendo a um "test" de psychologia galante, externou você, velado pela retumbancia de uma "blague", o anhélo amargo de querer ser analphabéto (em que pese a indelicadeza doada á bondosa Cendelia...)). Isso traduz, antes da renuncia ao Bello, um symptoma pathopnomonico de scepticismo...

Até aqui "all quiet", mas de aqui por diante vou trazer ao tex-

teiro a sua piedade ou a sua indignação. Ouve-me.

Eu estou contagiado pelo seu mal. Apanhei-o de si, e vou me fazendo um descrente de tudo, você incluso e como "pars prima". Já perfilho com inveterado jacobinismo o zenroque de Anatole: Os homens (Yves igual homem...) Tem sido sempre como são agora: mediocremente bons e mediocremente maus"... E já desejo (e para essa consecução daria todos teus alfarrabios amigos!) ser um analphabeto integral, tim-tim por tim-tim. Não porque alphabetizado eu possa prejudicar o proximo, mas sim, porque lêdor eu tenho a desventura de ver em lettras o máu juizo que o proprio faz de mim... (Proximo mais menos Yves...)

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

Como vê estou no acme do scepticismo, quasi roubando-lhe os laureis de herói-descrente, tudo porque? Relativo aos outros seres e cousas desse planetinha imbecil não lhe interessa. Relacionando-se consigo, apenas por isso: Você recebe minhas toleimas, tranfereas para a honrosa ribalta do "Saibam todos"... e depois... nada! Penso: Yves igual hypocrita? conclúo: Yves igual ao conceito anatoleano... E' impossivel que eu não mereça de si (são tantos os esmoladores dessa secção que têm defferidos, positiva ou negativamente, seus pedidos...) uma palavra de estimulo, placida como aquella sua amigavel rua onde tem você o lenitivo dôce da innocencia, ou o descansar inflexivel, mas claro, ironicamente palavreado, elegante como "El Descabesado"...

E' por isso Yves que eu me saturo com a irreverencia de Anatole (você já o assimilou...) e peço a Apollo que faça de você um analphabéto...

Para não hombrear com vocês, scepticos superiores, aqui fica o seu amigo goche e "bas-bleu". Adeus do — *Varo da Gama*".

O sr. me faz lembrar a anecdota daquelle cavalheiro trapalhão que tirava sempre uma illação erronea do que ouvia.

(Continúa na pag. seguinte)

Certa vez elle teve uma altercação com determinado cavalheiro.

A certa altura o seu contendor gritou com energia:

— E' preciso notar que sou homem para dar-lhe côbro.

— Côbro? — repetiu elle, insultado.

E raciocinou:

— Côbro é o marido da cobra... Quem come cobra é selvagem... Selvagem é um ser inferior... Um sêr inferior é um patife.

E concluiu:

— Logo elle me está chamando canalha.

E avançou para o contendor com o firme proposito de amassal-o...

O sr. é assim: tira conclusões absurdas das coisas...

AUGUSTO CONDE (Minas) — Caro poeta o seu soneto está defeituoso. Não póde ser publicado.

A. G. R. (Alagôas) — E' curiosa a carta que o sr. me dirige. E' mesmo um tanto desconcertante.

Escreve o sr.:

"Yves. Saudações. Mais um poéta (os poétas novos são os que

SAIBAM TODOS...

(Continuação)

dão mais trabalho), enfadonho, paulificante, para a sua galeria... Eu reconheço que você é um sujeito tolerante mesmo... Muitas vezes eu tenho lamentado a profissão dos criticos e a sua especialmente atravez das paginas de FON-FON.

Basta-se fazer uma idéa dos poemas e sonetos desconjuntados que você está recebendo ahi todos os dias, para serem submettidos á sua critica. Se pelo menos você somente criticasse os bons não era tão mau, mas ter que falar, ter que dá uma satisfação a todos os poétonomanos é que é um sacrificio...

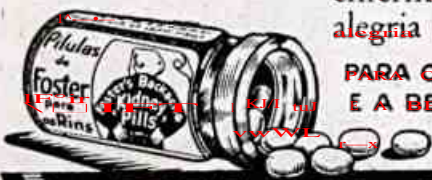
Você dirá: "Se este individuo lamenta a minha profissão de criticar versos maus, porque é que cáe em flagrante, me mandando os versos maus? Será possivel?!"

E' verdade meu caro Yves os "poétas" não se convencem nunca que os seus versos são maus. O artista por mediocre que seja, o seu intimo é cheio de otimismo para a sua obra. Tem sempre uma certeza e uma fé na sua arte. Por isso: é que remeto os meus dois trabalhos: "Dor" e "Você" e fico aguardando o seu breve pronunciamento a respeito."

Ora, o meu espirito de tolerancia se evidencia no facto de permittir que o sr. me chame "sujeito tolerante", numa carta que me remette.

Afinal de contas, eu não sei quem é o sr. Não o conheço nem nunca o vi mais gordo, nem mais magro. E o sr. com a sua falta de cortezia, atira-me de lá, dos cafundós de Maceió, esta phrase amavel... pelo avesso: "sujeito tolerante".

Que pense isso de mim, e o declare na roda dos seus amigos, é coisa insultuosa, mas, que se explica... na ausencia do sujeito... Porque não se fala mal de alguem na frente desse alguem... Agora, que o sr. se dê ao trabalho de escrever-me para me pedir um favor, e ponha, de par com o seu pedido, essa "amabilidade" — é desconcertante!

Os seus poemas são banalissimos. Ocos, vasio de idéas e pobres de fórma. E não o digo pelo facto de o sr. me ter mimoseado com uma phrase pouco gentil: digo-o pela simples razão de que elles são mesmo muito defeituosos.

Uma prova? Eil-a no poema Você:

Você é,
minha querida,
o motivo unico da minha vida.

Se não fosse você,
eu continuava a viver
sem vida, sem amôr, sem nada...
Ia apenas cumprir o meu destino,
o meu destino atroz
de um desventurado...

Mas você veio,
me encher de anceios
de amôr...
Você veio, querida,
encher de sublimidade
a minha vida...

Afinal, que arte, que elevação, que conceitos, que poesia, que merito literario acha o sr. nessa prosa mal rimada?

Qualquer namorado suburbano, de Madureira ou Merity, seria capaz dessa tirada laméchia...

Como vê, é só em arte que não sou "um sujeito tolerante"...

DESIRÉE (E. Santo) — Não, não! Creia que não sou o homem pretencioso que me considera. Sceptico — sim. Displicente? E' possivel. Orgulhoso? Um pouco, falemos a verdade.

Pretencioso é que nunca. A pretenciosidade é o merito dos nullos, dos vulgares, dos individuos que não possuem valor proprio.

A sua carta me agradou vivamente. O seu espirito me fascina A sua intelligencia e fascinante.

Quanto a julgar-me despeitado, creio que não está com a razão. Não reclamei o seu... como direi? o seu interesse (sentimental) pela minha pessôa.

Nem sou homem para perder o meu tempo em apaixonar-me por creaturas que não conheço — nem mesmo photographicamente.

Ha nisso, certamente, uma psychose. Os affectos imaginarios são bons para os romances de Ardel e Delly. Na vida real fatigam, irritam e causam uma sensação de insipidez alarmante.

Mas voltando ao principal objectivo desta nota: não sou o homem *poseur* e ironico que me julga. Sou simplesmente. Apenas, um pouco mais sincero do que devo ser. Dahi as confusões... Mas que quer? Cada um de nós é aquillo que é e póde ser.

E reaffirmo: V. ex. me encanta pelo seu formoso espirito de moça...

E até breve, sim?

Yves

Aos nossos leitores. — Nesta secção prestaremos todas as informações que nos solicitem, bastando tão sómente que sejam formuladas com clareza e logica.

...

Toda e qualquer correspondencia designada a "Sejamos todos" deve ser dirigida a Yves, nesta redacção. Mas para isso é necessario enviar-nos coupon abaixo, devidamente preenchido.

ENDEREÇO

Rua Republica do Perú, 62

Caixa Postal 97

Telephone 2-4136

FON-FON — 3-12-932

Data da consulta...............

Nome da consulente...........

....

CAIXA DE SURPREZAS

A DANÇA DAS GARRAFAS — No seu relatorio annual, o commissario encarregado de fazer respeitar a "lei secca" nos Estados Unidos declarou que, nestes ultimos mezes, os agentes sob as suas ordens detiveram mais de 80.000 pessoas, que se entregavam ao trafico clandestino de bebidas alcoolicas.

Alem disto, aprehenderam cerca de cinco milhões de litros de alcool, vinte milhões de litros de cerveja, quasi dois milhões de litros de diversos vinhos e uns vinte milhões de misturas differentes.

Ao mesmo tempo que aprehendiam todas essas garrafas, os agentes confiscavam os barcos, automoveis e carros de toda especie empregados pelos contraventores no transporte fraudulento das bebidas alcoolicas.

Os barcos e os vehiculos terrestres confiscados representam, em dinheiro, valor superior a 28 milhões de dollares.

A ORIGEM DA PHOTOGRAVURA — A gloria desta invenção, que veiu tornar tão commoda e tão economica a illustração de livros, jornaes, revistas, é attribuida ao physico francez Claudio Felix Niepce de Saint-Victor, nascido em 1805 e fallecido em 1870. No emtanto, um seu tio, José Nicefòro Niepce, que auxiliou Daguerre no descobrimento da photographia, foi quem, realmente, pela primeira vez fez as applicações das "placas heliographicas", como elle chamava, de que resultou, depois, a photogravura.

Seu sobrinho foi, assim, um continuador e aperfeiçoador de sua obra e não o inventor da heliogravura ou da photogravura actual. Uma das modificações por elle empregadas consistiu na adopção das placas de aço e não de cobre, como fizera seu tio, e, alem disso, inventou um novo verniz.

Inventado o processo da photogravura, foram numerosos os seus modificadores depois de 1853, citando-se entre elles, Scamoni, Mungo Ponton, Talbot, Negre, Pretsch, Gillot, Ives, Dugardin, Woodbury, etc.

VELHO THEMA

Passas sorrindo... Nesse teu sorriso,
Flor que desata o calice orvalhado,
Vejo perder-se um beijo e de improviso
A célicas regiões sou transportado.

Olhas. E' o teu olhar um paraiso
Que me extasia e deixa fascinado;
Num olhar qual o teu eu concretizo
Toda a ventura que hei idealizado.

Sorrindo docemente, por mim passas,
Teus beijos esbanjando ás auras lassas,
Auras, oh! quem me déra, fosse eu!

Faiscantes assim, nos seus refolhos,
Esses teus meigos e formosos olhos
São centelhas de luz que o sol perdeu.

Florianopolis.

FRANCISCO TH. ALVES

Evita a carie e o mau halito.

Sardas, Cravos, Espinhas

Rugas, Manchas, Pés de gallinha

VINTE ANNOS A MENOS SE QUIZER...

Mme. Harry Vigier escreve:

Meu marido que na qualidade de medico é descrente de toda classe de remedio ficou muito grato e surprehendido com os resultados que obtive com o uso do Rugol e por isso tambem assigna o attestado que junto lhes envio.

Viuva Sousa Valente diz:

Eu vivia desesperada com as malditas rugas que enfeiavam meu rosto e depois de usar muitos cremes annunciados, comecei a fazer o tratamento com o Rugol, conseguindo não só o desapparecimento das rugas, como tambem as manchas, transformando minha physionomia a tal ponto de provocar a curiosidade das pessôas que me conheciam.

Srta. Esther Gomez de Montevidéo:

Nunca me deitei na cama sem que o meu rosto estivesse perfeitamente limpo com Rugol. Eis ahi o segredo de minha cutis branca, tersa e avelludada.

Unicos Cessionarios para a America do Sul

ALVIM & FREITAS

Rua Wenceslau Braz, 22

SÃO PAULO

A' mulher em toda a edade póde se rejuvenecer e embellezar. E' facil obter-se a prova em seu proprio rosto e em pouco tempo. Experimente hoje mesmo o Rugol.

Creme scientifico preparado segundo o celebre processo da famosa doutora de belleza Mlle. Dort Leguy, que alcançou o primeiro premio no Concurso Internacional de Productos de Toilette.

RUGOL: Opera em seu rosto uma verdadeira transformação embellezando e rejuvenecendo-o ao mesmo tempo.

RUGOL: Differe completamente de outros cremes sobretudo pela sua acção sub-cutanea, sendo absorvido pelos poros da pelle, os preciosos elementos dermicos que entram na sua composição.

RUGOL: Evita e previne as rugas precoces e pés de gallinha, fez desapparecer as sardas, manchas, espinhas, cravos, etc.

RUGOL: Não engordura a pelle. Não contem drogas nocivas. Não estimula o crescimento de pellos no rosto. E' absolutamente inoffensivo podendo ser applicado até no rosto de um recem-nascido.

RUGOL: Dá uma vida nova a epiderme flacida, porosa e fatigada, emprestando-lhe a apparencia real da juventude.

AVISO: Depois desta maravilhosa descoberta, innumeros imitadores têm apparecido em toda a parte do mundo. Por isso prevenimos ao publico que não acceite substitutos exigindo sempre o legitimo Rugol.

Snrs. Alvim & Freitas — Caixa, 1379 - S. Paulo

Junto envio um vale postal da quantia de 9$000, para que me seja remettido pelo correio, um pote de Rugol.

NOME ....

RUA ....

CIDADE .... ESTADO .... (Fon-Fon)

Para o FIM de ANNO
Ultimos Livros Infantis de Monteiro Lobato
EM TODAS AS LIVRARIAS DO BRASIL
Viagem ao Céu . . . 5$
O Sacy . . . 5$
Aventuras de Hans Staden 5$
As reinações de Narizinho 10$
Contos de Grimm . . . 5$
Contos de Andersen . . . 5$
Alice no Paiz das Maravilhas 5$
Outras Edições Infantis:
MONTEIRO LOBATO
A Menina do Narizinho 5$000
O Marquez de Rabicó 4$000
A Caçada da Onça ... 4$000
Aventuras do Principe 4$000
A Cara de Coruja .... 4$000
Irmão de Pinocchio .. 4$000
O Circo de Escavallinho 4$000
Robinson Crusoe .... 6$000
Peter-Pan ..... 5$000
A Penna de Papagaio . 5$000
O Pó de Pirlimpimpim 5$000
Fabulas ..... 4$000
CONDESSA DE SEGUR
Blondina ..... 2$500
A Princeza Rosita .... 2$500
Ursão ..... 4$000
Camondongo Cinzento 2$500
O Bom Henriquinho 2$500
YANTOCK
Capitão Farofia 4$000
VIRIATO CORREA
Reino da Bicharada 5$000
Arca de Noé ..... 2$500
OUTROS AUTORES
As mil e uma noites (2 volumes) — Cada 5$000
Os Tres Mosqueteiros de Pau ..... 5$000
Aventuras do Barão de Munchhausen .. 5$000
Volumes cartonados com illustrações em preto e a côres
Monteiro Lobato
Viagem ao Céu
Contos de Grimm
Monteiro Lobato
O Sacy
Monteiro Lobato
Aventuras de Hans Staden
Biblioteca Pedagogica Brasileira
Monteiro Lobato
Reinações de Narizinho
Contos de Andersen
Adaptação para as crianças
Robinson Crusoe
Alice no Paiz das Maravilhas
Cia. Editora Nacional
Rua dos Gusmões, 26 e 28 - S. Paulo

ANNO XXVI — FON-FON — NUMERO 49

Director: SERGIO SILVA

Rio de Janeiro, 3 de Dezembro de 1932

O ALBUM DA SENHORITA NICOLINA...

A senhorita Nicolina, que collecciona os retratos de todos os artistas bonitos de Hollywood e sabe de cór os sonetos mais romanticos de Olegario Marianno, tem, como todas as mulheres desilludidas, a paixão dos autographos literarios. Nos seus trinta e cinco annos castigados, dedica toda a sua reserva de amor ás assignaturas dos escriptores de prosa e verso que o seu prestigio consegue nas rodas intellectuaes. Gosta mesmo de atropelar os homens de letras nas redacções e até nas mesas dos cafés.

— O senhor ainda não escreveu no meu album, doutor Adelmar Tavares! E eu não dispenso o seu autographo. Todos os grandes poetas brasileiros estão registados aqui. Só falta o senhor.

E entrega ao fascinante cantor de *Myriam* o livro bojudo onde se acham sepultadas algumas das mais notaveis tolices nacionaes.

Adelmar, aggredido assim, intempestivamente, não póde recusar. E escreve tambem qualquer coisa no famoso album.

Verifica, então, desolado, que, ao lado de alguns nomes literarios realmente prestigiosos, figuram poetas e prosadores infames, cujas producções só poderiam ser acceitas no album da senhorita Nicolina.

* * *

Hontem, quando a tarde de novembro, luminosa e azul, começava a cahir sobre a cidade inquieta, a senhorita Nicolina veiu trazer-me o seu album, para que eu, tambem, puzesse o meu autographo naquella preciosidade. Alleguei muito trabalho, na occasião, e pedi-lhe que deixasse o volume até o dia seguinte. Meu intuito, porém, era repassar aquellas paginas verdes onde tanto homem de talento havia escripto, para livrar-se das insistencias irritantes da senhorita Nicolina.

— Pois bem. Como o senhor me inspira confiança, póde ficar com o album — falou, pedantemente, arrastando os ss, a dona do livro bojudo. — Mas olhe que tenho um ciume louco do meu album... Até amanhã.

— Até amanhã.

Quando a senhorita Nicolina sahiu eu me entreguei, paciente, ao exame do seu thesouro. Quasi todos os academicos estavam lá, contrafeitos nas phrases ou nos versos que tinham escripto. Encontrei, ainda, a collaboração de varios poetas, novellistas, criticos, chronistas e jornalistas de renome. Tambem havia, nas paginas verdes, muita gente desconhecida e outras pessôas de profissões e tendencias estranhas á literatura: um jogador de *football*, um professor, um engenheiro, um politico, um militar...

* * *

Li, então, coisas admiraveis no album da senhorita Nicolina. Um dos nossos romancistas de maior evidencia escreveu:

"Gosto muito de chocolate e de mulher..."

A assignatura e a letra do escriptor estavam bem perfeitas para se pôr em duvida a authenticidade do autographo.

Noutra pagina, descobri este pensamento de um chronista festejado:

"A vida é bôa. Mas o feijão é melhor..."

Devo declarar que nenhum dos dois segue, nas letras, a escola futurista. Ambos são, até, bem passadistas.

Perto desse pensamento, que, positivamente, não comprehendi, um poeta, um altissimo poeta, de estro rutilante, vibrou assim a lyra talvez cansada de produzir estrophes empolgantes:

"Viva o Amor! Viva o amor!
Viva a Mulher! Viva a Mulher!
Vivaôôôô!..."

Tive pena do autor desses versos e pensei numa pilheria que elle quizesse offerecer aos leitores do album da senhorita Nicolina. Mas lembrei-me que os albuns attenuam as banalidades dos grandes espiritos e servem até para amparal-os na decadencia...

Fernand Vanderem, solicitado uma vez para escrever num delles, traçou estas linhas que bem definem o embaraço do escriptor que se vê deante de um album:

"Agora comprehendo a attitude do *Pensador*, de Rodin haviam-lhe confiado um album, e elle não sabia o que escrever..."

Eu copiei, no album da senhorita Nicolina, as palavras do escriptor francez. E accrescentei, irreverentemente: "Eu tambem estou sem assumpto. Mas devo, ao menos, respeitar os trinta e cinco annos e homenagear a intelligencia da dona desta prenda..."

* * *

A senhorita Nicolina, que foi obrigada a inutilizar a pagina onde eu escrevêra, tornou-se minha furiosa inimiga e recommendou a todas as suas collegas de mania que nunca me entregassem o seu album...

MARTINS CAPISTRANO

Chronica para fazer chorar

Escrever?...

Senhores, é de facto um dos maiores martyrios este de se escrever, quando a alma só reclama repouso, silencio, e o cerebro, cançado pelo afan de pensar em coisas absorventes, só deseja permanecer nesse "dolce far niente" — que é não se occupar com nenhum pensamento.

Mas, nós, os chronistas, como nota Clemant Vautel, não temos o direito de deixar a penna descançar. Não somos nós — diz o illustre francez — que não devemos repousar, "c'est la plume qui ne doit pas s'arreter devant le papier..."

E assim é, na verdade. Mal depomos o chapéo na redacção, chega o chefe do serviço de composição e observa:

— Seu Fulano, o sr. está em atrazo. A sua chronica de sabbado? Quando m'a entregará?

— Mas, senhor, e as outras que escrevi?

— A machina as devorou...

— Ah, a machina, a linotypo, o Moloch insaciavel...

E eis que a gente se lança em busca de um assumpto, para satisfazer ás exigencias do serviço.

* * *

O assumpto!

Ha nisso, meus senhores, um paradoxo inquietante: não ha assumpto, muitas vezes, porque os assumptos são abundantes...

E o chronista fica sem saber escolher.

Dá-se com elle o mesmo que occorreria a um esthete que entrasse num jardim estylisado e rico de canteiros.

Qual a flor a colher?

A nossa alma está cheia. Principalmente, si isso acontece em um dia de crise sentimental...

Aqui, está uma pequena dôr, scintillante de lagrimas, á maneira de uma joia rodeada de brilhantes. Ali, é um sonho em farrapos, como um trapo de velludo azul-celeste que guarda a essencia antiga de um perfume... Adeante, é um amor que agoniza, como uma linda tulipa desbotada... Mais adeante, é uma saudade pura, discreta, branca, muito langue, como si tivesse tomado um banho de luar...

Oh, não é nada facil escolher um assumpto, quando os assumptos se tornam abundantes...

Em todo caso, eu poderia agora servir-me de um episodio amoroso, que se apaga lentamente no fundo do passado, num canto da minha pobre memoria.

Uma tarde, nós fomos ver o crepusculo. Houve um extase em nossa alma e um beijo que cantou em nossas boccas.

E eu disse, encantado:

— Esse crepusculo começa a ser memoravel para a nossa vida. E' para nós o sonho de um perfume do céo...

E ella, com scepticismo:

— E' um sonho sim, mas um sonho que um dia se esfarrapará em nossa alma, como as primeiras sombras, além, se esfarrapam nas arestas dos montes...

Mas para que escrever uma chronica de recordação? Uma chronica para fazer chorar?

Yves

LETRAS FEMININAS

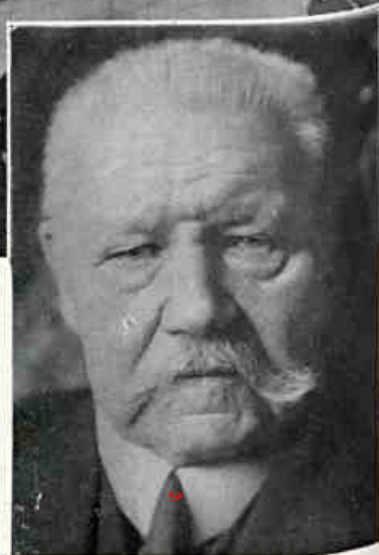
Cacy Cordovil é a joven autora do livro «A Raça», que acaba de apparecer em linda edição da Livraria do Globo, de Porto Alegre. Rocha Pombo, prefaciando a obra de estréa de Cacy Cordovil, preconiza, com a sua grande autoridade, os meritos literarios dessa escriptora de menos de vinte annos, cujo estylo — frisa o historiador — «é nobre e sereno, discreto e luminoso, conciso, e de refulgencia instantanea de relampago». Cacy Cordovil tem, realmente, qualidades que a collocam entre as mais expressivas figuras das nossas letras femininas.

A MULHER CHIC

CREAÇÃO JEAN PATOU

Robe du soir en satin façonné de ton rose-thé. Ceinture et collier fantaisie même ton.

(Photo da Casa Jean Patou, especial para FON-FON).

O 85.º anniversario natalicio do marechal Hindenburgo foi festejado, na Allemanha, com grandes demonstrações de regosijo por parte dos amigos e admiradores do presidente da Republica Germanica. Entre outras commemorações dessa data, se destacou a missa promovida por elementos militares e celebrada na igreja de um regimento, em Berlim. O nosso «cliché» focaliza o marechal Hindenburgo quando assistia á cerimonia religiosa, ladeado pelo marechal von Schleicher (á direita) e pelo almirante von Raeder (á esquerda), e uma photographia tirada nesse dia.

Durante o recente jejum voluntario do apostolo hindú Gandhi, que tanta repercussão teve no mundo inteiro, foi realizada em pleno coração de Dehli, capital da India, uma imponente manifestação de solidariedade ao famoso chefe nacionalista. Milhares de «párias» reuniram-se alli para orar pela conservação da vida do seu grande advogado. E' um pittoresco aspecto dessa manifestação o que podemos apreciar na photographia de baixo.

(Photos do Serviço Especial de FON-FON em Paris).

Uma grande figura das letras hispano-americanas

Visión de Anáhuac

EN aquel paisaje, no desprovisto de cierta aristocrática esterilidad, por donde los ojos yerran con discernimiento, la mente descifra cada línea y acaricia cada ondulación; bajo aquel fulgurar del aire y en su general frescura y placidez, pasearon aquellos hombres ignotos la amplia y meditabunda mirada espiritual. Extáticos ante el nopal del águila y de la serpiente — compendio feliz de nuestro campo — oyeron la voz del ave agorera que les prometía seguro asilo sobre aquellos lagos hospitalarios. Más tarde, de aquel palafito había brotado una ciudad, repoblada con las incursiones de los mitológicos caballeros que llegaban de las Siete Cuevas — cuna de las siete familias derramadas por nuestro suelo. Más tarde, la ciudad se había dilatado en imperio, y el ruido de una civilización ciclópea, como la de Babilonia y Egipto, se prolongaba, fatigado, hasta los infaustos días de Moctezuma el doliente. Y fué entonces cuando, en enviduable hora de asombro, traspuestos los volcanes nevados, los hombres de Cortés ("polvo, sudor y hierro") se asomaron sobre aquel orbe de sonoridad y fulgores — espacioso circo de montañas.

A sus pies, en un espejismo de cristales, se extendía la pintoresca ciudad, emanada toda ella del templo, por manera que sus calles radiantes prolongaban las aristas de la pirámide.

Hasta ellos, en algún oscuro rito sangriento, llegaba — ululando — la queja de la chirimía y, multiplicado en el eco, el latido del salvaje tambor.

O illustre diplomata e escriptor Alfonso Reyes.

VISIÓN DE ANAHUAC é o titulo de uma verdadeira obra-prima literaria da autoria do sr. Alfonso Reyes, embaixador do Mexico junto ao governo brasileiro. Authentico homem de letras, o illustre diplomata pertence á familia privilegiada dos puros artistas da penna, que guardam o segredo subtil dos magnificos effeitos estheticos, revelando-os no milagre de uma prosa tersa, harmoniosa, encantadora. Visión de Anáhuac é uma successão de quadros panoramicos, maravilhosamente pintados, com a marca de um estylo proprio. A influencia do espirito historico incensa, com o perfume do passado, as paginas mais lindas de evocação. E o livro elegantissimo, que a gente lê de uma assentada, sabe a poesia, tal o gosto literario e o cuidado da fórma, que presidiram á sua feitura. O nome de Alfonso Reyes, antes de ser continental, já era consagrado nos melhores circulos intellectuaes do Velho Mundo. Agora o Brasil tem a rara fortuna desta dupla felicidade: amar o artista e conviver com o homem.

Da Visión de Anáhuac tiramos o fragmento que, nesta pagina, offerecemos aos leitores para seu gozo intellectual.

Caverna de Ali Babá

VERSOS DE DIVERSOS

Os poetas, como já uma vez demonstrou entre nós Humberto de Campos, nem sempre são os donos de seus versos. Deixam-se influenciar por outros, imitam-nos e até mesmo os copiam. Ainda recentemente a magnifica revista literaria "Monterrey", correio literario do alto espirito de Alfonso Reyes, embaixador do Mexico no nosso paiz, nos indicava em Gerard de Nerval, o principe da Aquitania "à la tour abolie", as fontes melhores talvez de Gutierrez Najera.

Com effeito, o francez assim se expressa no seu poema "La Grand'Mére":

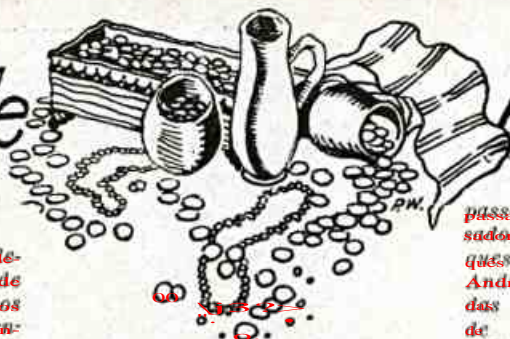
Voici trois ans qu'est morte ma grand'mère,
— La bonne femme — et, quand on l'enterra,
Parents, amis, tout le monde pleura
D'une douleur bien vraie et bien amère.

Moi seul j'y songe, et la pleure souvent;
Depuis trois ans, par le temps prenant force,
Ainsi qu'un nom gravé dans une écorce,
Son souvenir se creuse plus avant!

E o hispano-americano reproduz o gaulez:

Tres años hace murió Abuelita:
Cuando la fueron a sepultar,
Deudos y amigos en honda cuita
Se congregaron para llorar.

Yo solo tengo luto y tristeza,
Y su recuerdo fuerza cobró,
Como del árbol en la corteza
Se ahonda el nombre que se escribió.

Este final de anno tem sido assignalado pelo apparecimento de optimos livros, quer de autores consagrados, quer de nomes novos no scenario das letras nacionaes. Enfileira-se entre os ultimos o sr. Castilhos Goycochêa, que acaba de publicar o volume de contos «No Circo da Vida», revelando-se portador de um talento forte, bem servido de cultura e de estylo. As suas paginas apresentam, quasi sempre, aspectos dolorosos da paizagem humana e social. Mas são bem escriptas, contêm muita belleza e alcançarão, de certo, o successo a que faz jús o merito de quem as escreveu.

A figura de Romeu de Avellar, tão divulgada em todo o paiz desde o seu romance «Os Devassos», é das mais curiosas e interessantes. Por isso mesmo, os seus livros agradam sempre, uma vez que retratam o seu feitio individual bizarro e inquieto. Romeu de Avellar acaba de augmentar a sua bagagem literaria. Publicou «N'uma Esquina do Planeta», romance de ironia e mordacidade, onde fixa, com o seu humor habitual, vultos e aspectos que nos são familiares. O novo livro de Romeu de Avellar está sendo recebido com todo o agrado.

CHRONICA DOS LIVROS

O espirito encantador de Tostes Malta brindou-nos com um livro interessante em que reuniu suas chronicas literarias na "Noite". No prefacio, o autor as considera simples registos bibliographicos. Não as julgarão assim os seus leitores, porque se deixarão prender pelo calor do estylo, pela personalidade que resuma dos conceitos, pela espontaneidade do sentimento e pelo brilho das idéas, ficando com a impressão de que esses registos são amostras do talento dum escriptor notavel.

Nas paginas claras desse volume sympathico passam figuras do passado e do presente, poetas, prosadores, historiadores: Xavier Marquês e Berilo Neves, Goulart de Andrade e o autor dos Dialogos das Grandezas do Brasil, Goulart de Andrade e Afranio Peixoto, Raimundo Morais e Gustavo Barroso, Ribeiro Couto e Olegario Marianno, João Ribeiro e Claudio de Souza, Adelmar Tavares e Monteiro Lobato, cada qual com sua e seus traços caracteristicos.

O CASAMENTO NA LITHUANIA

Na Lithuania, as moças só se podem casar aos 24 annos e depois de haverem acabado de fazer seu traje destinado ao futuro noivo.

A' sahida da igreja, fazem a desposada dar tres voltas em redor duma fogueira. Mandam-na depois sentar e lhe lavam os pés com agua morna, que serve, após, para borrifar todos os moveis e utensilios do novo lar. Esfregam-lhe mel nos labios, afim de que delle somente saiam palavras doces. Vendam-lhe os olhos e conduzem-na até a porta da casa, na qual deve bater e entrar com o pé direito.

Após o jantar, na hora em que se deve levar a desposada ao quarto nupcial, cortam-se-lhe todos os cabellos, emquanto os convidados dançam em torno.

SÉSAMO

Acaba de se formar em direito pela Faculdade da Universidade do Rio de Janeiro o dr. Bolivar Machado Barbosa, que é, tambem, prestigioso elemento da industria pharmaceutica brasileira, em cujo meio se tem feito acatar por seu espirito grandemente emprehendedor e activo. Por esse motivo, tem sido muito cumprimentado o novo bacharel, brilhante de intelligencia e distincto elemento da sua turma.

GARIMPEIROS

Meus dedos andarilhos são felizes. Felizes porque tacteiam tua linda cabeça de boneca. Boneca feita de sol, com cabellos fulvos como laminas de ouro.

Tenho a impressão de que veiu do alto uma poeira de ouro que pousou e adormeceu hypnotizada na tua cabeça. E meus dedos felizes são dez garimpeiros avidos que procuram pepitas...

.. ..

A Terra é redonda — aprendi em creança. Com o progresso, esses dez garimpeiros que sentes e estimas fazem a volta ao mundo de tua cabeça em segundos apenas!

No enlevo embalador a que te entregas, apagas a luz de duas lanternas côr do mar... e elles nem se importam: caminham á sombra. Não se cansam jamais dessas amorosas peregrinações...

Esses garimpeiros felizes têm sêde de ouro...

Paula Chaves

Foi uma nota de inconfundivel elegancia e espiritualidade a da hora de arte, realizada no Automovel Club do Brasil, quinta-feira, 24 de novembro ultimo. A nossa pagina fixa dois aspectos da encantadora reunião, a que esteve presente o que a sociedade carioca tem de mais representativo e luminoso. O grande salão do aristocratico club da rua do Passeio, de tantas tradições gloriosas, esteve num dos seus dias mais bellos e attrahentes. O programma, primorosamente organizado por uma commissão do Comitê de Imprensa, composta dos srs. Povina Cavalcanti, Berilo Neves, Porto da Silveira, Aureliano Amaral e Martins Capistrano, foi applaudidissimo. Claudio de Souza fez a palestra inicial sobre os «Salões e as Letras», uma obra-prima literaria; Olga Preguer Coelho, acompanhada pelo prof. Souza Lima; Jorge Fernandes, com o acompanhamento do prof. Mario Cabral, e Lilian Paes Leme cantaram, cada qual mais expressivo no seu genero. A musica de Joubert de Carvalho, com a interpretação maravilhosa de Correia de Sá, foi um successo. Zoraide Aranha declamou lindissimamente com os seus incríveis 5 annos, apenas. Mesquitinha obteve um êxito surprehendente de comicidade e graça. O Trio T. B. T. alcançou vibrantes palmas. E nas seis definições sobre o «flirt» Bastos Portela, o poeta delicioso e encantador, Paulo Gustavo, admiravel de verve e sentimento, Luis Martins, Hyldeth Favilla, Diva Jabôr e Didi Caillet, «autores» brilhantes da nova geração intellectual, foram todos magnificos na arte literaria dos seus esplendidos trabalhos. A directoria do A. C. B., representada pelos drs. Carlos Guinle, Nelson Pinto e Povina Cavalcanti, foi captivante com os seus numerosos convidados.

O embaixador da Belgica e a senhora Ferdinand Peltzer offereceram domingo passado, no Copacabana Palace Hotel, uma recepção á colonia belga desta capital para commemorar a data onomastica de sua magestade o rei Alberto I.

"AMÔRES DE GENTE NOVA"

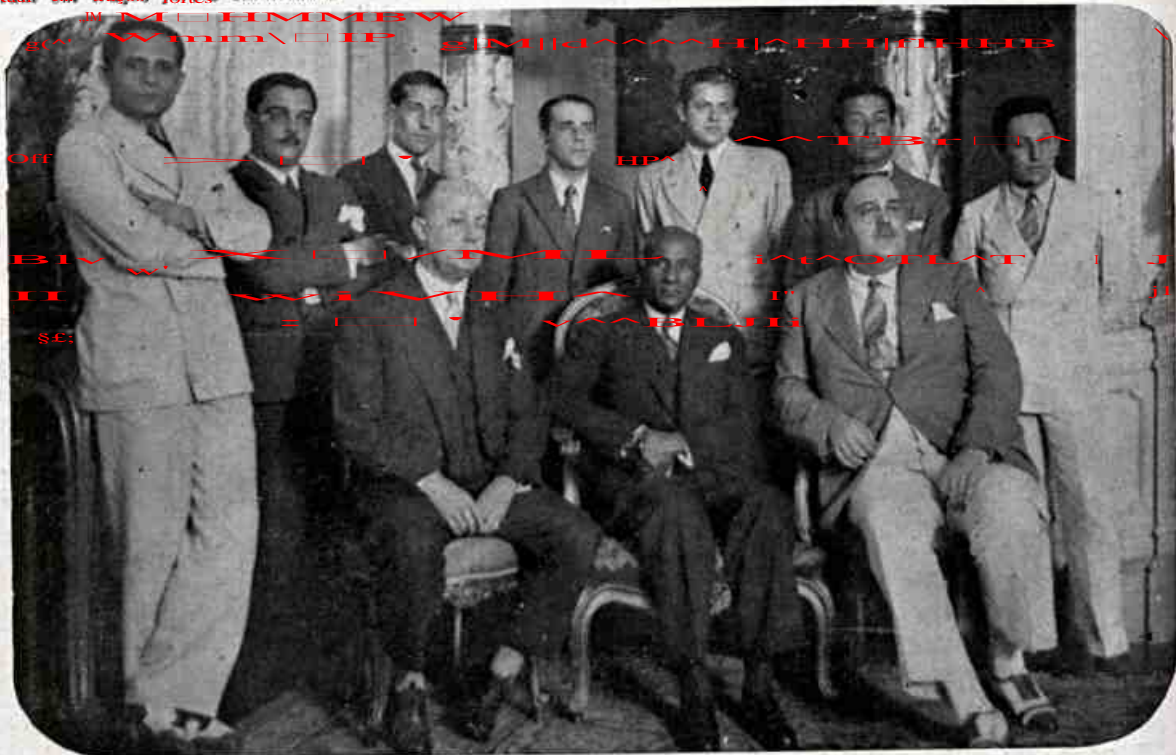
(O ROMANCE DE RAUL DE AZEVEDO)

Este livro nos lembra uma aguarela
de artista de talento e mão segura:
— A linha é sempre correntia e pura,
seja horrenda a figura, ou seja bella.

No quadrado pequeno de uma téla
Raul em traços fortes emmoldura
a alta róda do Rio de mistura
com gente cabotina e tagarella...

Godinho, Lima Rosa, Olga, Sylvestre,
Silveirinha, Miranda... São de mestre
estes retratos typicos, reaes...

E esse Adolpho Gustavo?... E essas intrigas
entre pessôas intimas amigas,
Que a gente vê e não esquece mais!!...

BELMIRO BRAGA

O novo ministro do Perú nesta capital, sr. Ventura Garcia Calderón, que é um diplomata «double» de escriptor e jornalista, reuniu, sexta-feira penultima, na séde da legação do paiz amigo, á avenida Pasteur, um grupo de collegas de imprensa, para um almoço intimo, que se assignalou por esse caracter de expressiva simplicidade tão do agrado dos brasileiros. Eram cerca de dez convivas, incluindo o sr. Ministro Calderón e os dois secretarios da legação, que são, tambem, duas creaturas amabilissimas. Durante o almoço, que decorreu cordeal e sem discursos, se conversou muito sobre o jornalismo brasileiro, que o sr. ministro Garcia Calderón se mostra interessado em conhecer como legitimo homem de imprensa. A presente photographia foi tomada pouco antes do ágape e nella apparece o illustre diplomata peruano em companhia dos seus convidados de sexta-feira penultima, entre os quaes se encontrava o representante de FON-FON.

DOIS LIVROS DE ACTUALIDADE

Mario Poppe.

Martins Capistrano.

"A MULHER QUE MATA", DE MARIO POPPE

A MULHER QUE MATA... Um titulo, á primeira vista, de novella de sensação, genero Sherlock Holmes, este com que Mario Poppe apresenta ao nosso grande publico o seu primeiro romance. Escriptor de largos recursos intellectuaes, servido por uma imaginação faustosa, rica, e dotado ainda de admiravel faculdade de observação, Mario Poppe, na actualidade literaria brasileira, é um victorioso a marchar de triumpho em triumpho. Alargando, dia a dia mais, a luminosa projecção do seu nome no scenario da vida mental do paiz, o chronista primoroso de *A Cidade do Amor*, *Do que ellas gostam* e de *Você me conhece?* — genero literario que primeiro marcou e deu relevo á sua interessante e curiosa physionomia espiritual — acaba de surprehender gratamente o vasto circulo de seus admiradores, estreando victoriosamente num genero mais complexo, mais difficil, mas para cujo dominio e execução artistica lhe não escasseavam os recursos necessarios.

E, por isso mesmo, é que elle, dos pequenos, mas movimentados, e, não raro, frivolos aspectos da vida, enquadrados nas poucas linhas de uma chronica, de um conto — passou, com admiravel facilidade, á movimentação larga do romance, ao jogo difficil das almas que se encontram e harmonizam ou se chocam e repellem no palco immenso da vida.

Mario Poppe dominou o romance com mestria. Possuidor desta *stereoscopic imagination*, que é o encanto e a delicia de alguns escriptores inglezes, Mario, irreverente, *blagueur*, cheio de verve sadia, de um *humour* encantador e fino, na chronica leve, actual, pontilhada de ironia, mas rica de idéas, revela, no romance, um admiravel senso de equilibrio, este *sens de limitation* que faz a harmonia de conjuncto de toda obra de arte.

D'ahi, desta qualidade mestra, que marca o seu estylo, imprimindo-lhe forte expressão de suggestibilidade, o encanto da sua arte fascinante, bem dosada, bem equilibrada, bem ajustada e coordenada.

E todo o suggestivo encanto dessa arte do escriptor de raça, que é, Mario Poppe derrama, em profusão, nas paginas magnificas de *A mulher que mata*, — romance modernissimo na factura artistica e nos surprehendentes attractivos do enredo movimentado, vertiginoso, trepidante dos seus capitulos curtos, incisivos, que enquadram os scenarios e o ambiente de uma verdadeira tragedia passional.

E' de Paulo Werneck a bella capa de *A Mulher que mata*, de Mario Poppe, que a "Civilização Brasileira" editou e acaba de expor á venda nas grandes livrarias da cidade, com uma acceitação que vem ultrapassando as melhores expectativas.

"NEVROSE", DE MARTINS CAPISTRANO

MARTINS CAPISTRANO, outro nosso querido companheiro de trabalho, vem de marcar mais uma victoria magnifica no scenario da actividade literaria brasileira.

Escriptor moderno, vibrante, seguro de sua arte, revelada nos primores de um estylo scintillante, que tão bem caracteriza sua individualidade literaria, o festejado autor de "Vertigem" — obra recentemente premiada pela Academia Brasileira de Letras — acaba de publicar um novo volume de contos, sob o suggestivo titulo de "Nevrose".

Fadado, como o primeiro, ao mais ruidoso successo de livraria, este novo trabalho de Martins Capistrano, com ser vasado nas mesmas linhas da serena harmonia que synchroniza e movimenta sua arte de alta linhagem espiritual, revela nuances e detalhes psychologicos bastante evidenciadores de que o escriptor, excellindo na movimentação, no jogo dos personagens que focaliza, mais e mais lhes penetrou a alma, com a segurança de um psychologo de *coup d'oeil* percuciente, penetrante, affeito ao estudo e observação da vida no seu ambiente espiritual, lá onde ella é mais luz e é mais sombra, e mais revelação e mais mysterio, porque mais profunda e mais infinita.

Dando, assim, mais relevo, mais vigor ás pinceladas com que exterioriza o mundo interior em que se agitam os personagens desta nova serie de contos, o illustre autor de "Nevrose" dá, por isso mesmo, mais forte expressão á sua arte, tornando-a palpitante, vivida, de uma actualidade trepidante, sem quebrar, porém, a impeccavel harmonia do conjuncto, tão elegantemente marcada pela serenidade espiritual com que o escriptor creou, deu fórma e animou a sua obra.

Um livro forte, de grande movimentação psychologica, este que Martins Capistrano acaba de offerecer ao publico que o lê e admira, e cujo ruido de exito exterior tão gratamente repercute nesta casa, onde todos muito queremos o collega e amigo e muito admiramos o escriptor.

Nevrose, enfeixado em artistico volume do editor A. Coelho Branco Fº., traz uma linda e suggestiva capa de Manoel Constantino. Expõem-na em suas vitrines as principaes livrarias desta capital e, sobre este ultimo livro de Martins Capistrano, a critica se vem manifestando na mais perfeita unanimidade de louvores e referencias honrosissimas ao laureado escriptor de "Vertigem".

MARIA ELISA

Maria Elisa, minha filha,
Filha querida,
Em cujos olhos scintillantes brilha
á expressão commovida,
A elevada expressão
Dos que, por serem bons, ennobrecem a vida!
Dá-me tua mão,
Descansa em mim,
Repousa sobre o meu teu coração,
Ouve e relembra o que te peço:
Sê sempre assim —
Activa, natural, prompta ao perdão,
Alegre e bôa como te conheço!
A mocidade passa, a belleza tem fim,
Mas a virtude, não!

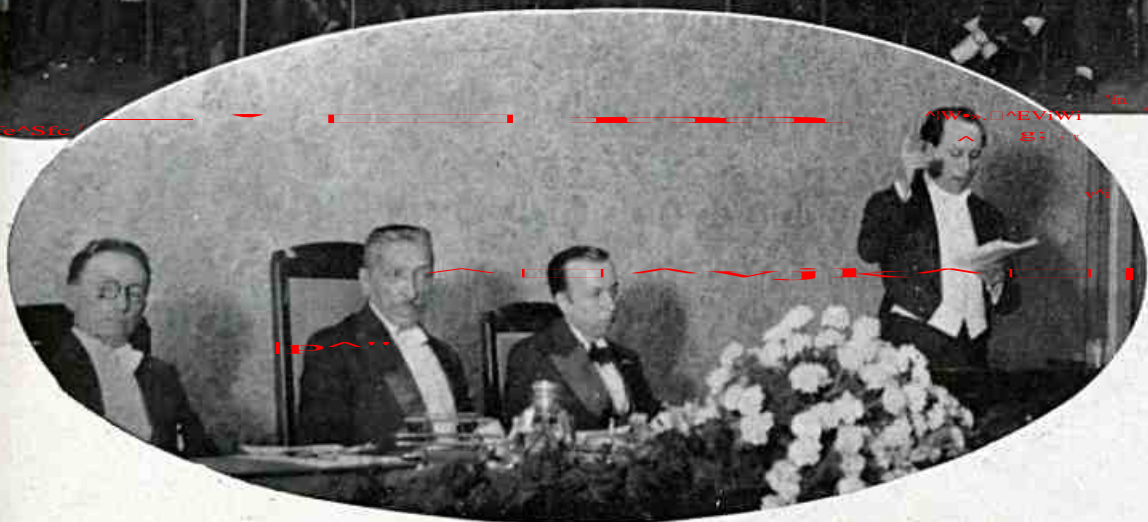
Que a seducção das rosas encarnadas
Da primavera ardente ou as pedras e o espinho
Do pó do chão de todas as estradas
Não te afastem jamais do teu caminho.

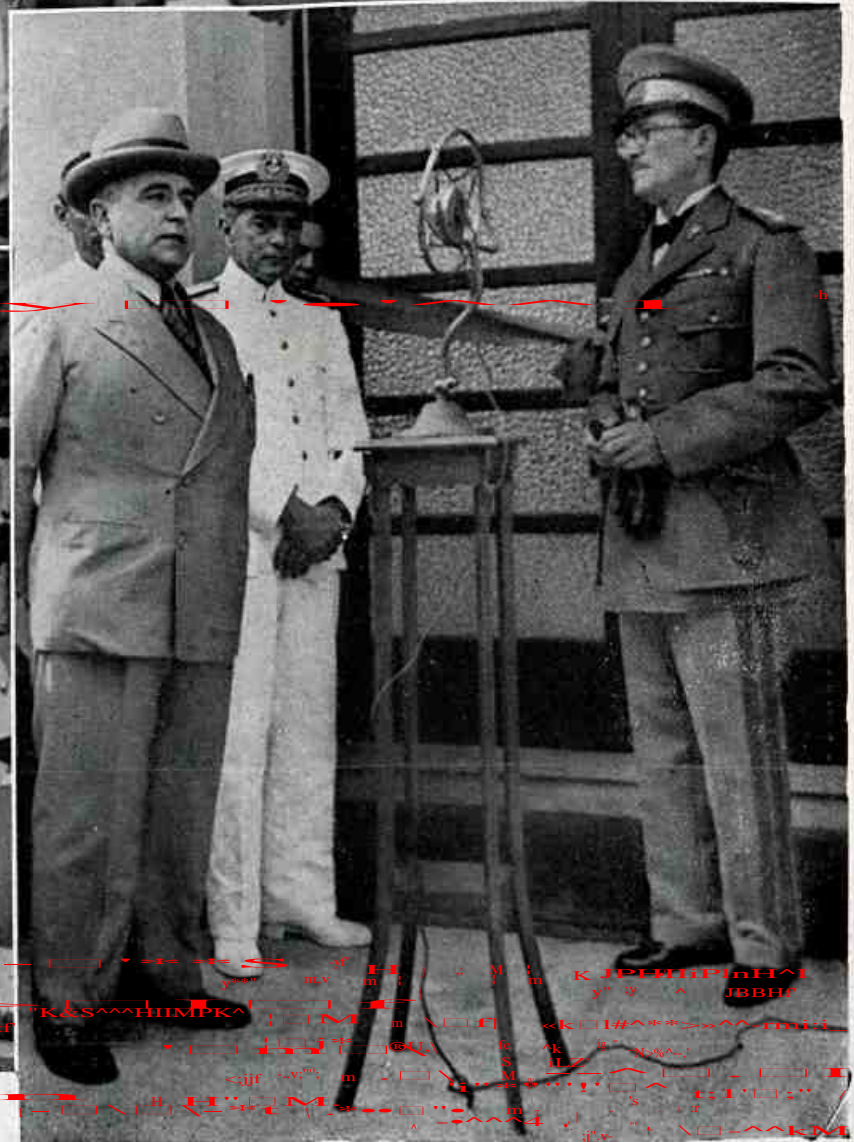
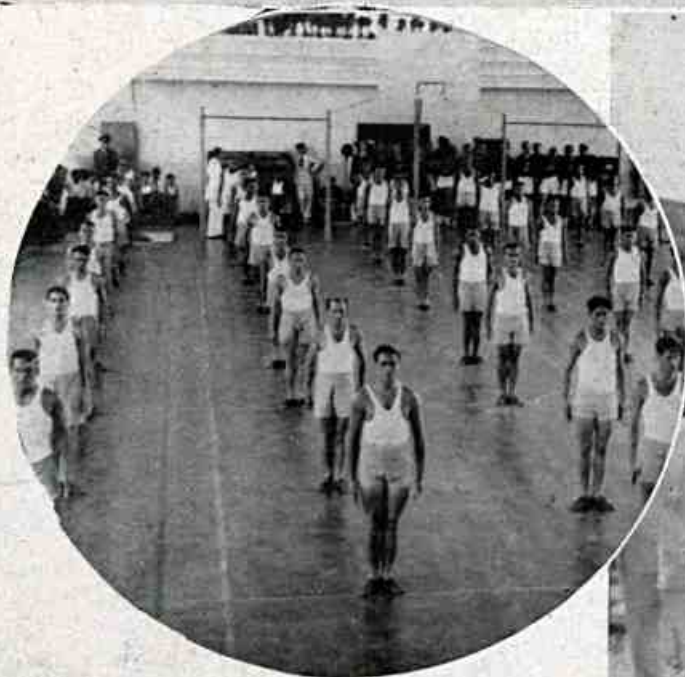
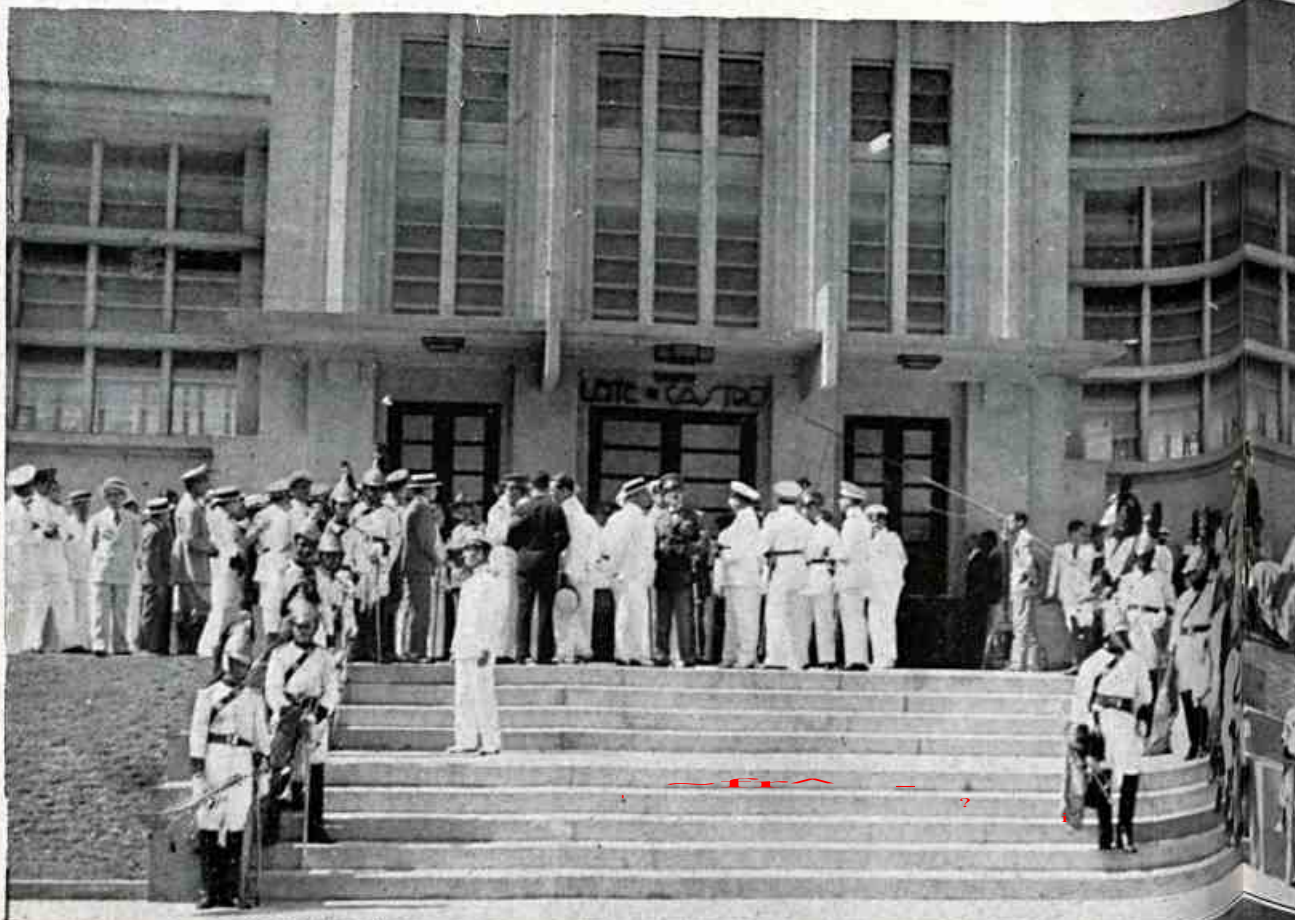
De animo forte,
Acceita a dôr e as alegrias
Que te reserve á sorte
Ao longo de teus dias.

Mistura a lagrima ao sorriso,
O prazer ao pesar;
Une-os no teu amor, porque é preciso —
Para ser bom — saber sorrir, poder chorar.

Dá uma só finalidade
Ao teu contentamento e ás tuas penas.
A vida humana vale, apenas,
O que possa exprimir pela sua unidade.

Quando votada ao bem,
Uma força invencivel nos mantém
Fieis a nós mesmos e aos deveres
Que nos aperfeiçôam;
E entre os mundos e os seres
Innumeraveis, que os povôam,
A' miséria mortal, a essa fragilidade
Que somos na existencia tão fugace,
Empresta a força de encarar em face,
Desassombradamente, a eternidade!.

FLAVIO DA SILVEIRA

O Instituto da Ordem dos Advogados Brasileiros commemorou, quinta-feira penultima, o 89.º anniversario de sua fundação com uma imponente solennidade, que se realizou no Syllogeu Brasileiro, sob a presidencia do dr. Astolpho Rezende e com a presença de altas autoridades e figuras representativas das letras, da sociedade, da diplomacia, etc. Fixamos aqui dois aspectos da cerimonia.

A colônia paraguaya desta capital reuniu-se sexta-feira penultima, sob a presidencia do sr. ministro Fulgencio Moreno, para festejar a data de 25 de novembro, que assignala a passagem do anniversario da emancipação politica daquelle paiz. Por essa occasião, foi solennemente empossada a directoria do Centro Paraguayo, usando então da palavra, entre outros oradores, o dr. Fulgencio Moreno, que realçou, em brilhantes palavras, a significação daquella data na vida do Paraguay.

No pateo da fortaleza de S. João, foi inaugurado, com grande brilhantismo, o Gymnasio Leite de Castro, do Centro Militar de Educação Physica. A solennidade teve a presença do chefe do governo provisorio, do ministro da Marinha, dos generaes Góes Monteiro e Mariante, do dr. Pedro Ernesto, interventor do Districto Federal, e muitas outras autoridades civis e militares. Durante o acto inaugural, falaram o tenente-coronel Newton Cavalcanti, commandante do forte; o general Leite de Castro e, por ultimo, o dr. Getulio Vargas, que declarou inaugurado o edificio do Gymnasio Leite de Castro. São aspectos da solennidade o que focaliza esta pagina de FON-FON.

Alto-Falante

Celestino, filho do sr. Levi Alves Rodrigues e de d. Cecilia Alves Rodrigues.

A SUAVE ILLUSÃO

— O passado?...

— Sim: todo o nosso profundo passado...

— Para que recordal-o?

— Para podermos ser felizes de novo...

— Felizes... depois de tudo, quando já é tarde para reconstituirmos a vida que se foi?...

— Nunca é tarde para a felicidade.

— Mas, meu querido amigo, estás a pilheriar... E eu me sinto tão triste, tão profundamente triste...

— Triste? Por que, minha filha, se este encontro, depois de dez annos de separação, de soffrimento e de saudade, vae marcar o inicio da nossa verdadeira felicidade?

— Felicidade!... Que coisa estranha...

— Choras?...

— Sim, choro... Antes... outrora, eu sempre tinha um sorriso para a felicidade, que tambem me sorria através da caricia verde da fascinação da sua illusão. Hoje... Basta-me ouvir falar no seu nome... e ella, a felicidade, chora nos meus olhos, meu amigo, a saudade de tudo que não mais voltará...

— Tolinha! A vida é assim... A vida mal comprehendida é que traz esse desencanto, esta impressão, bem falsa, de que a felicidade só sabe acolher-se e vibrar no coração inquieto e ardente da mocidade. Engano...

— Como te enganas, tu!... Felicidade é alegria e é alvoroço; é sangue sadio e quente e exaltação de carne moça, impregnada da volupia floral de um sonho de amor... Felicidade é loucura de beijos, caricias de corpos e de almas que se buscam e se transfundem uma na outra, na divina transubstanciação do amor infinito... E eu já não tenho nem carne, nem sangue, nem alma para realizar, de novo, o milagre da felicidade que, um dia, fez a festa e a exaltação da minha vida!...

— Então, só os moços, só a mocidade, para ti, tem o direito de ser feliz?

— Sim, meu amigo: porque só a mocidade pode sentir a alegria da felicidade... Não posso acreditar nessa felicidade de cabellos de prata, olhos sombreados de melancolia e alma cheia de desencanto, de desillusão, que queres fazer reviver das cinzas do passado.

— A verdadeira, a unica felicidade... Porque é paz e é renuncia... E' harmonia e é saudade... A dos moços, essa é apenas illusão: exaltação de momento, ansia de desejo, espasmo dos sentidos em febre. Floração momentanea de rosaes que entontecem... Festa de volupia. Illusão...

— E a tua felicidade sem ardor, sem enthusiasmo, sem alvoroço, sem beijos quentes... toda renuncia...

— Sem beijos quentes?... Escuta: dá-me tua bocca, meu amor...

— Meu amigo, meu querido, que loucura!

— Amas-me ainda?

— Se amo!

— Muito?

— Muito... Como sempre... Mas... Escuta, querido... basta... Depois, sim?

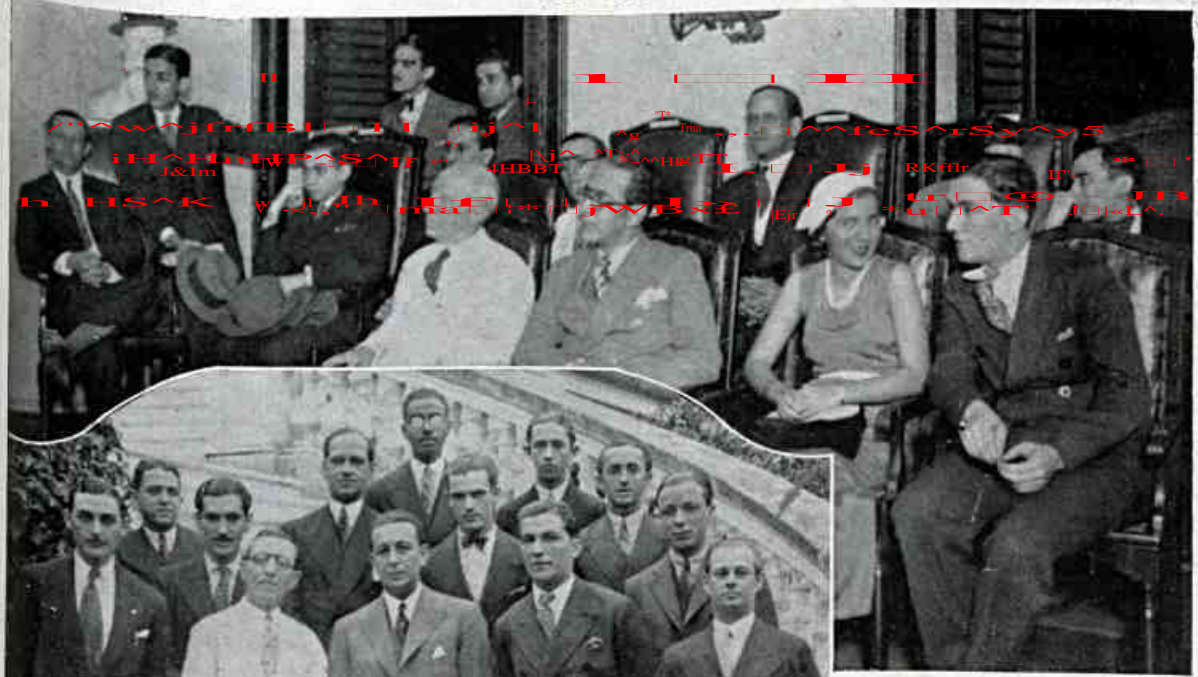
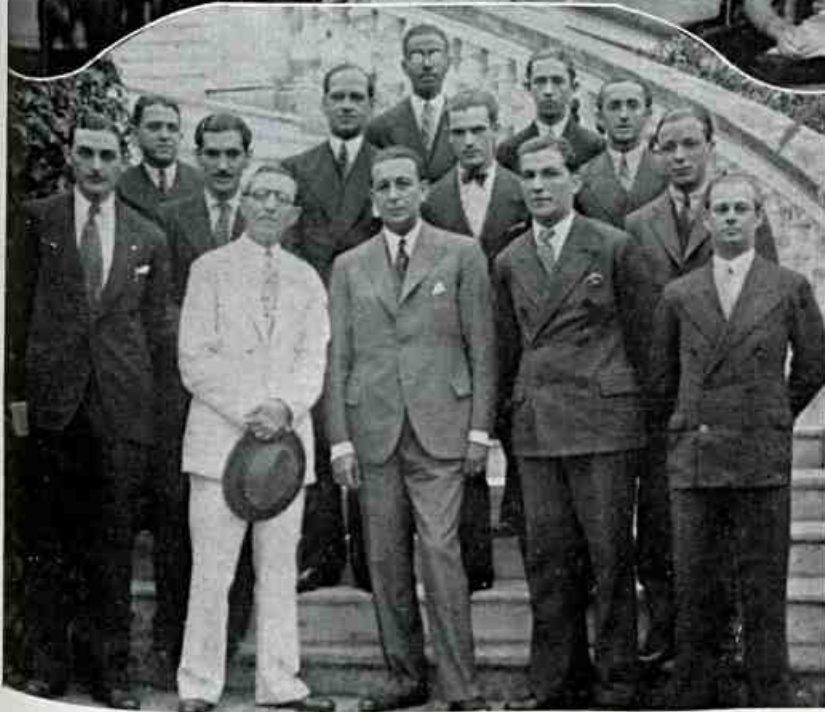
— Sentes que somos capazes de ser felizes ainda?

— Sinto. Perdôa-me. Sou feliz. Enche-me toda a alma, o coração todo, uma felicidade doce, calma, serena, confiante, sem receios, sem temores como a outra — a da nossa mocidade, a de ha dez annos passados. Meu amor, meu grande amor!

— Querida! minha querida felicidade outomnal!...

MAX LINDER

Aloysio Costa, alumno do Collegio Brasil e filho do dr. Jonathas Costa, foi alvo das homenagens dos seus collegas de estudo, não só por motivo do seu natalicio, mas, tambem, pelas optimas approvações obtidas este anno.

Luiz Fernando, aos 2 annos.

No alto: o director da Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, dr. Candido de Oliveira Filho, o professor Alcibiades Delamare Nogueira da Gama e outras pessôas que assistiram á sessão de jury simulado que se realizou naquelle estabelecimento, sob a presidencia do juiz dr. Saboya Lima, por iniciativa da Associação Universitaria do Rio de Janeiro. Ao lado: o sr. embaixador de Portugal, dr. Martinho Nobre de Mello, entre os estudantes de direito que foram, em delegação da Associação Universitaria do Rio de Janeiro, communicar ao illustre diplomata a proxima visita dos universitarios brasileiros ao paiz irmão.

A delegação academica de São Paulo que veiu a esta capital, chefiada pelo dr. Plinio Salgado, visitou, ha dias, a Faculdade de Direito da Universidade do Rio de Janeiro, onde foi recebida pelo professor Delamare Nogueira da Gama, pelo presidente da Associação Universitaria, Justino de Araujo Villela, e pelo universitario e jornalista Mario do Amaral, que se vêem no «cliché», em companhia dos jovens estudantes paulistas.

UMA CARTA DE FELIX PACHECO

A proposito de sua chronica "Um poeta philosopho", publicada na edição de *FON-FON* de 5 do mez findo, o nosso prezado e brilhante collaborador Berilo Neves recebeu a seguinte carta:

"Meu caro collega:

"O seu antigo, a que o *FON-FON* tanto realce deu com a publicação do meu retrato, é uma nova e captivante gentileza sua, que não sei como agradecer. Peço-lhe que diga aos amaveis collegas daquelle semanario como me penhoraram. Quanto ao distincto confrade e patricio, nada preciso accrescentar. Falou, decerto, mais alto, na sua generosa apreciação, a estima de conterraneo que a justiça de critico. Mas isso mesmo encarece mais para mim a bondade de suas palavras, que o "Jornal" de terça-feira transcrevera, não o fazendo logo amanhã mesmo para não entupir demais com o meu nome de retirante a secção que o nosso Gotuzzo encabeça. Novos agradecimentos e um cordeal aperto de mão do collega admr. e amigo — Felix Pacheco."

O novo ministro da Venezuela, dr. Alberto Urbaneja, que na semana passada foi recebido pelo chefe do governo provisorio, para entregar de credenciaes, ao deixar o palacio do Cattete, após a audiencia solemne com o dr. Getulio Vargas.

DA CONFIANÇA

Poderá uma pessôa impôr confiança a outra? Não, certamente.

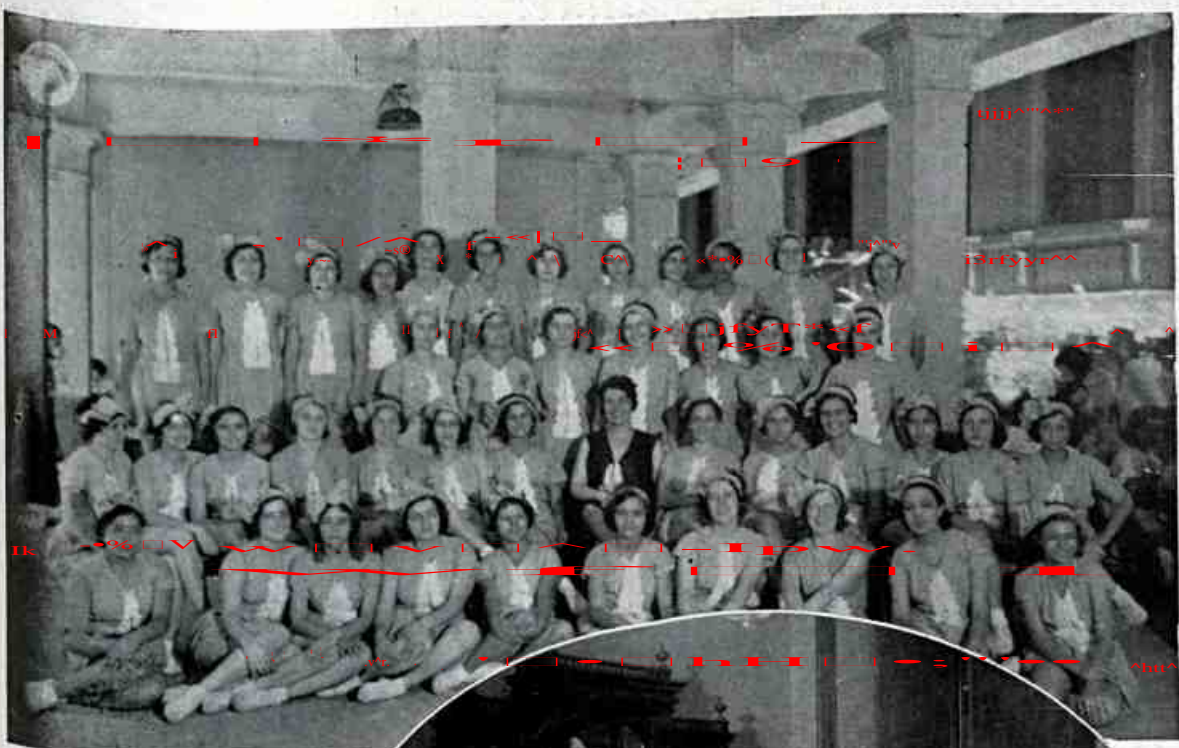
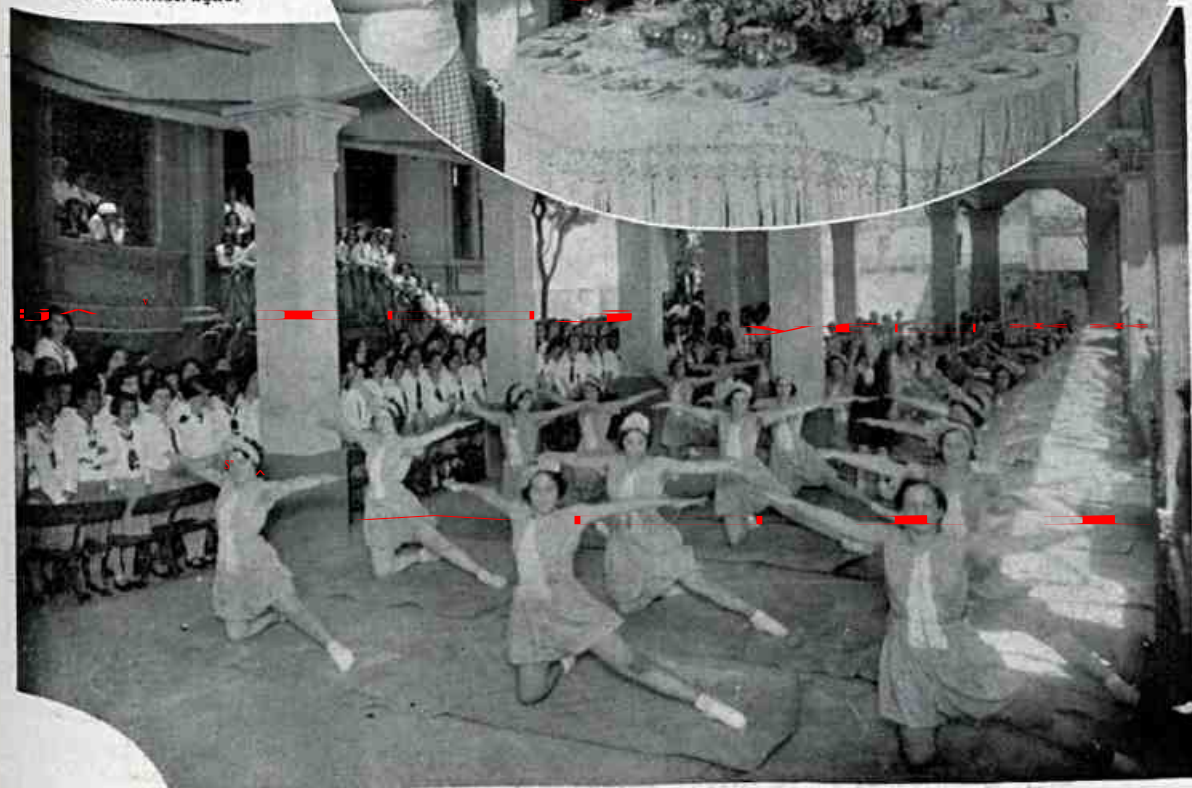
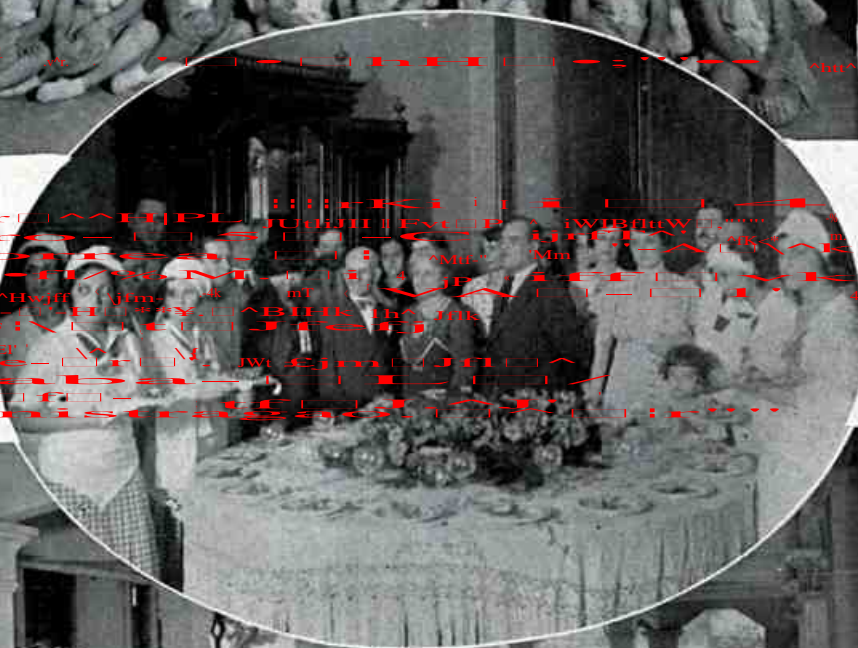
Uma falta insignificante basta para estremecer a confiança que se depositava em alguem.

Quem não confia em si proprio, entrega-se ao desanimo. Desconhecem-se e não se procuram conhecer esses que se deixam vencer por um descuido, do qual a sciencia poucas vezes os absolve.

A unanimidade de provas favoraveis não significa infallibilidade. Circumstancias ha que naturalmente nos atiram ao erro voluntario, forçados que somos a praticál-o, afim de nos libertarmos de outro maior e de consequencias mais graves.

O melhor preservativo para as pequenas transgressões é a confiança relativa.

Alexandre Passos

Na Associação Portugueza de Beneficencia Memoria a Luiz de Camões realizou-se uma grande reunião de representantes das collectividades portuguezas e brasileiras com o fim de se iniciar o movimento em pról de um monumento a erigir no Rio de Janeiro ao genial autor dos «Lusiadas». A reunião esteve concorridissima e a nossa gravura apresenta-nos o numeroso grupo de individualidades de destaque da colonia lusa que tomaram parte nessa reunião.

Um grupo de representantes de jornaes cariocas teve opportunidade de fazer uma visita á Escola Profissional Rivadavia Corrêa, sendo alli recebidos pela directora do estabelecimento. Os jornalistas percorreram, demoradamente, todas as dependencias da escola, onde puderam apreciar a ordem e os trabalhos que tanto honram a sua administração.

Grupo tomado na Associação Brasileira de Imprensa, por occasião da visita dos jornalistas João Penna de Carvalho, presidente da Associação de Imprensa do Pará, e Carlos Spinola, representante da A. B. I., na Bahia, que ahi apparecem ao lado do dr. Herbert Moses e de outros directores da casa.

ARREPENDIMENTO

A chuva cae lá fóra como si fosse o pranto rumoroso da noite...

O seu rythmo sécco faz-se ouvir na janella do meu quarto, insistentemente, revivendo, nesta hora de evocação e de saudade, o signal com que você annunciava a sua chegada para a alegria das noites de amôr...

O seu vulto enfrentava, na rua deserta e humida, a vigilancia do guarda nocturno, o olhar insistente de algum passante friorento e o beijo aggressivo do vento, para trazer o consolo esperado á minha impaciência.

Você enfrentava tudo... vinha... E eu a tomava nos meus braços e a comprimia tanto ao coração como quem comprime ao peito um objecto de sagrada adoração.

Dava a você a maior prova do meu affecto impetuoso nos beijos ardentes que punha nos seus labios molhados...

* * *

A chuva cae...

Eu me lembro da belleza do seu vulto amado, que já lá se vae no fim da minha mocidade como um sonho mutilado numa noite, sobre coxins e almofadas, entre beijos ardentes e caricias de amôr...

* * *

Eu me lembro de você no ruido gottejante da chuva...

Você vinha, em noites iguaes a esta, interromper o meu somno...

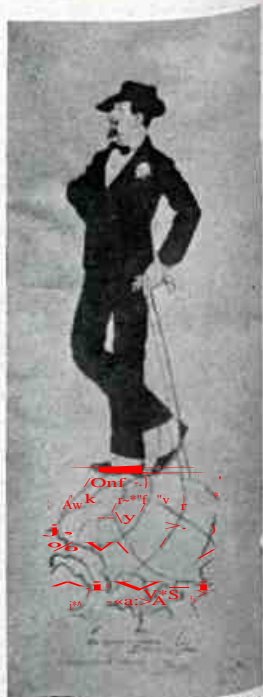
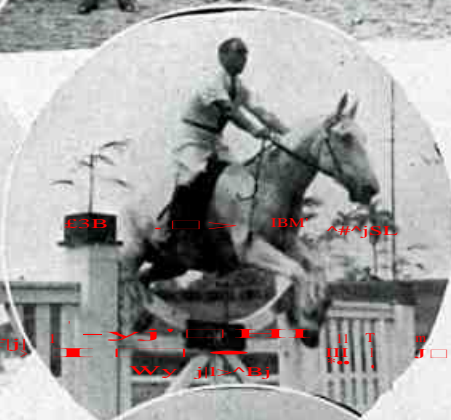
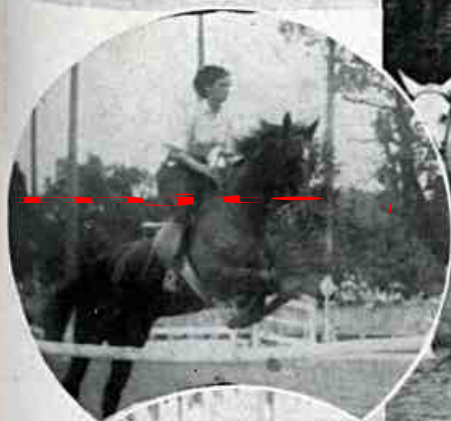
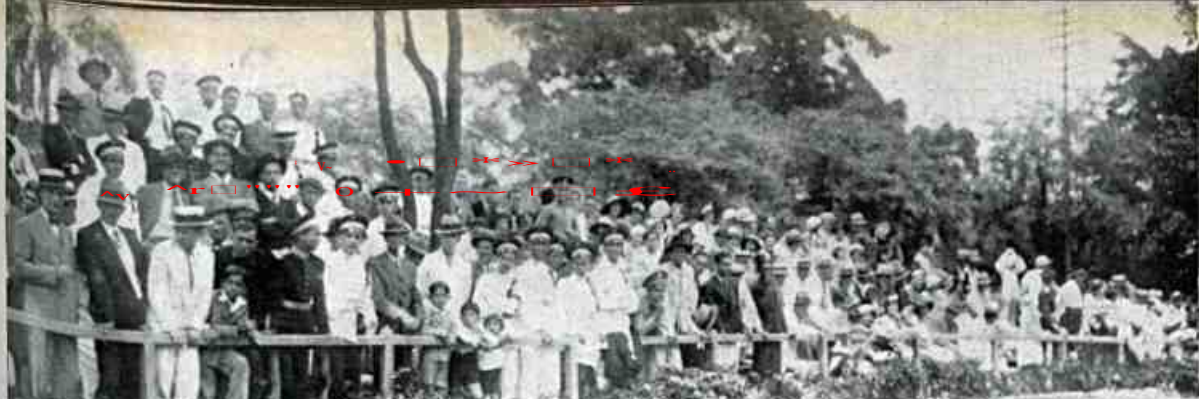
Você vinha viver commigo os momentos mais lindos de felicidade.

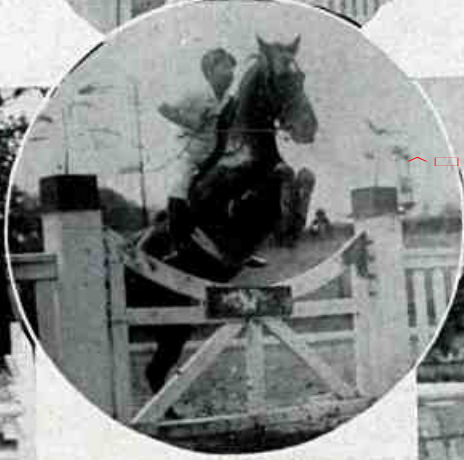
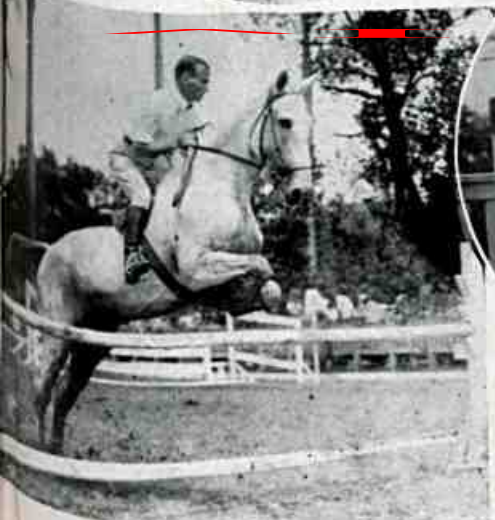
* * *

A chuva veiu hoje e não a trouxe... Emquanto ella bate, insistentemente, na janella, eu penso em você, e a sua figurinha se desenha na minha lembrança, o seu beijo cresce impetuoso na minha saudade, para se desfazerem num bocejo de arrependimento...

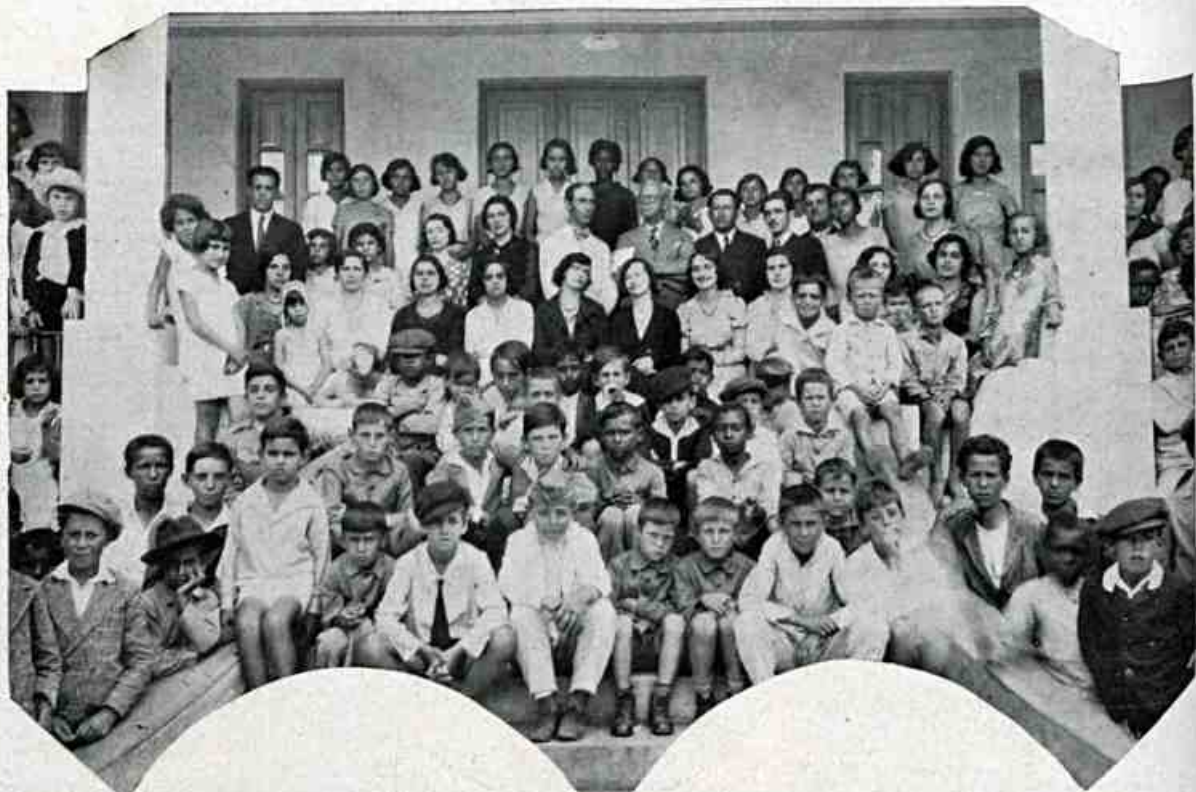
Sim, de arrependimento por não termos prolongado indefinidamente os ultimos momentos de felicidade..

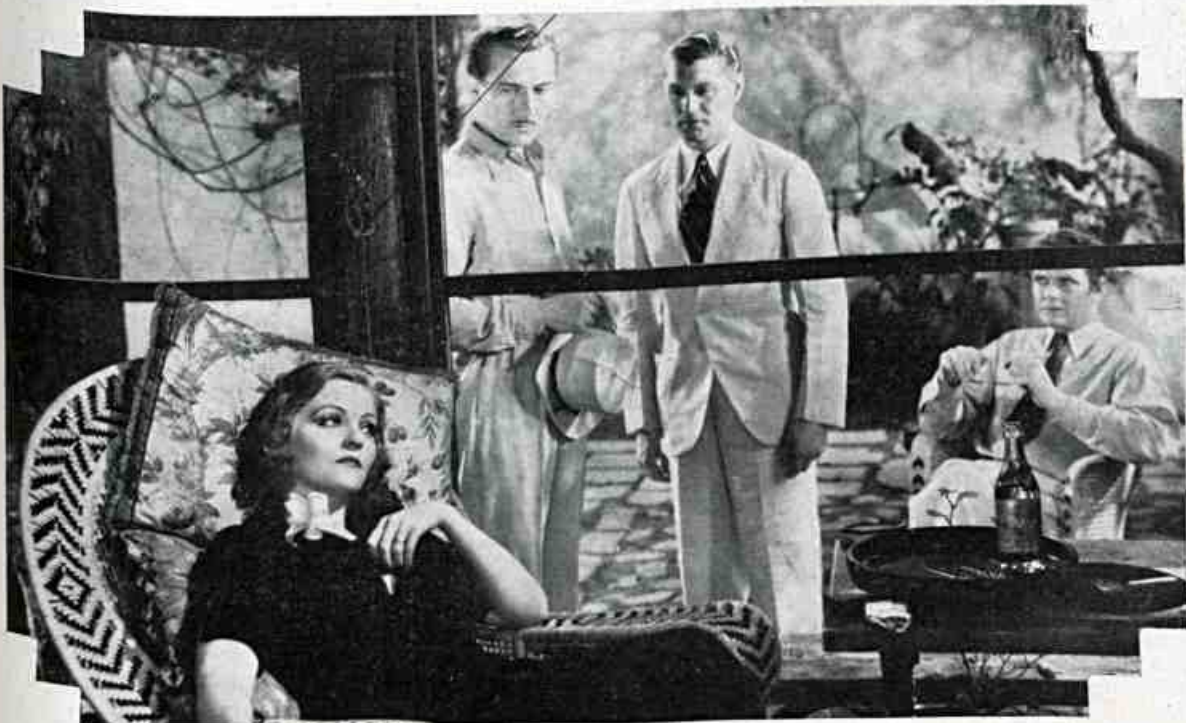
EDWALDO CALMON

Enlace da senhorita Zelia Moreira, brilhante e apreciada collaboradora de FON-FON, com o sr. Waldemar Chame, realizado nesta capital, onde residem os noivos.

Caricatura do dr. Simoens da Silva devida ao lapis de Raul. O dr. Simoens da Silva acaba de partir para o Prata, onde vae representar o Brasil no Congresso de Americanistas, que se reúne em Buenos Aires.

FESTA HIPPICA

Brilhante, sob todos os aspectos, foi a festa hippica realizada na pista de obstaculos do Club Esportivo de Equitação, na manhã de domingo passado. O programma, que foi attrahente, constou de varias provas empolgantes, em que tomaram parte, tambem, muitas senhoras e senhoritas, cuja actuação foi brilhantissima. A nossa pagina focaliza alguns instantaneos bem expressivos dessa festa matinal de hippismo.

O dr. José Augusto Prestes, prestigiosa figura da colonia portugueza desta capital, recebeu, em sua residencia, por occasião da passagem de seu anniversario natalicio, expressiva manifestação de apreço promovida por um grupo de amigos e admiradores daquelle industrial.

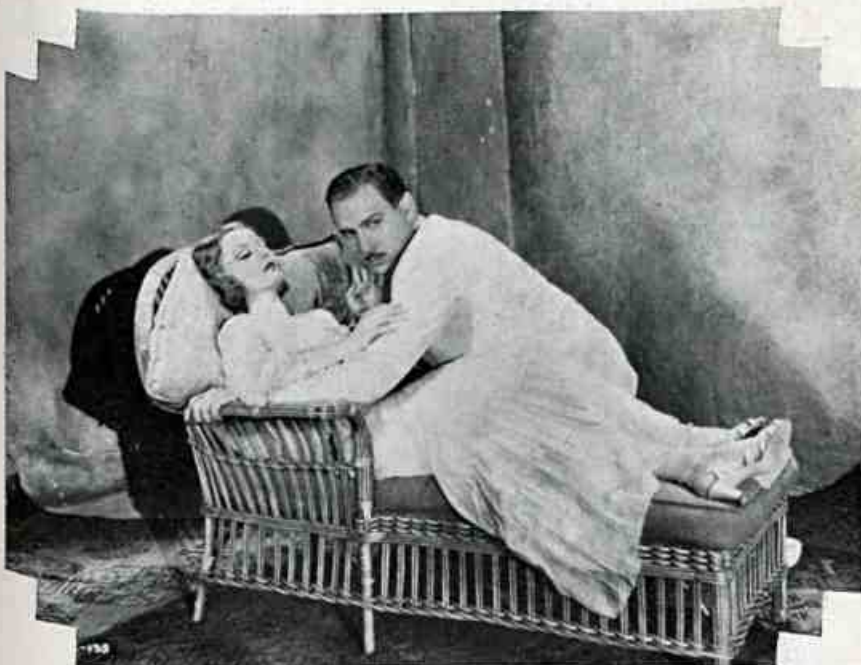
SABEDORIA

Para um homem sereno, o facto de esconder-se em um guarda-roupa, á chegada imprevista do marido enganado, póde representar uma rápida solução ao problema do vestido novo... — Orio Vergani.

As «bodas de prata» do grupo escolar «Dr. João Braulio Júnior», em Lambary, transcorreram num ambiente de festa e de alegria. A directoria daquelle instituto de ensino, celebrando a data da fundação do mesmo, reuniu alli o que a linda cidade mineira tem de mais representativo, numa festa de expressiva e nobre significação. Na gravura acima, além da petizada que encheu de alvoroço o «seu grupo», vêem-se, entre outras pessôas, os drs. Geraldo Renault de Mello Mattos, promotor publico e inspector escolar; Adriano Pinto, director do Gymnasio de Lambary; Mario Rocha, juiz de direito; Luiz Lisbôa, prefeito municipal; a querida escriptora e poetisa Henriqueta Lisboa, além da directora do grupo escolar, d. Helvina Xavier Moreira e professoras do mesmo.

FON-FON NO CINEMA

A paixão dominava-lhe os sentidos.

ESCRAVA DA PAIXÃO

(Thunder Below) — Da PARAMOUNT

com TALLULAH BANKHEAD, CHARLES BICKFORD, PAUL LUKAS e EUGENE PALLETTE

Esquecia tudo pela satisfação dos seus desejos.

As impiedosas investidas do homem atraz da riqueza, que jáz no fundo da terra, não respeitam as proprias dores e afflicções humanas. Na sua sêde de grandezas, o explorador só vê deante de si a mina aberta, rasgando o seio virgem do sólo, e golfando para fóra, a abarrotar-lhe as arcas, o ouro amoedado da sua caudal sem fim de productos...

Conte entre os mais ricos e ambicionados thesouros naturaes as immensas jazidas de petroleo que a natureza, um dia, nas convulções dantescas de suas rebeldias internas, escondeu nas profundezas do continente americano. O valor do ouro, do sólo extrahido, desde que Colombo e Cabral desvendaram o Novo Mundo, é um quasi nada, comparado á immensa riqueza do oleo natural, alavanca poderosa do progresso moderno, cujas machinas, em lhes faltando o combustivel precioso não dariam mais uma volta...

Seria amôr o que ella sentia?

Em busca de novas massas petroliferas, expedira a Continental Oil Company uma turma de habeis engenheiros, com o fim de levantar mappas e explorar certas concessões na parte central do continente. Walt Briggs, engenheiro pratico da companhia, é incumbido da chefia das explorações, e leva comsigo os seus experimentados auxiliares. Acompanha-o tambem, nessa viagem de penetração e risco, a sua joven esposa, Suzan, por quem sente Walt o mais profundo e arraigado dos amores.

Localizado o "quartel general" num logarejo da costa, interna-se Walt com os seus homens pelo interior do paiz, na pista dos amplos lençóes de petroleo, que a companhia suspeita existirem nessa região. Suzan, na ausencia do marido, contenta-se com as infinitamente pequenas diversões da leitura, porque naquelles ermos, entre gente de falar estranho, como que lhe foge até a faculdade da concentração. Os poucos patricios seus, auxiliares de Walt, que existem no logar, são desenhistas e technicos, que levam o dia todo a rabiscar e medir parallelos e latitudes nos seus mappas...

Um dia, tendo Walt chegado ao campo das explorações, sente que a vista se lhe turva a espaços, difficultando-lhe o trabalho de pesquizas. Sem nada dizer aos companheiros, resolve voltar, e de uma agencia telegraphica manda chamar um especialista em molestias dos olhos.

Quando a turma chega em casa, espanta-se Suzan do regresso tão subito, pois mais de um mez pretendia Walt ficar no campo. Mas, logo depois, em tendo chegado o ophtalmologista, confirma este as suspeitas do engenheiro: estará irremediavelmente cego em poucos dias!

A certeza desta tragica revelação deixa Walt profundamente triste. Procura esconder da mulher a sua desgraça mas acaba por confiar-lhe o segredo, que não póde occultar de ninguem. Ademais, cégo, se entregar o serviço, rescindindo o seu contracto, a companhia não lhe concederá a pensão a que têm direito os velhos engenheiros da casa. Cumpre-lhe, pois, ficar ali, gerindo os negocios, até que se encerre o termo do contracto.

Entre os empregados de Walt é Ken, um joven allemão, o que maior confiança lhe merece. Suzan, como pássaro prisioneiro, resente-se dessa desgraça sobrevinda ao esposo, e mais ainda a certeza de ter de ficar ali por espaço mais longo, uma vez que Walt não se retirará senão de vez, ao cabo do serviço.

O proprio marido, que agora lhe adivinha as tristezas pelos suspiros que lhe ouve, procura na bondade de Ken uma companhia para a mulher.

— Por que não a levas a passear, Ken? Suzan gosta de cavalgar... Vae com ella, de manhã, até a praia, para que se divirta um pouco...

Ken, de facto, fizera outróra alguns desses passeios e si os deixára de realizar mais amiúde fôra por ter notado que, si nelles insistissem, Su-

(Cont. na pag. 42)

Querida de todos, esquecida de quem não devia.

ENTRE DOIS FOGOS

DA FOX

com *Joan Bennette* e *Ben Lyon*

Ella escutava as promessas do millionario.

ACOSTUMADA ao luxo, Venetia Carr vê-se sem um centimo quando seu pae se suicida, depois de haver perdido tudo quanto tinha jogando na bolsa. Após ter luctado varias semanas sem encontrar uma collocação, Venetia encontra-se com o seu ex-mordomo, Martins, que é dono de um *cabaret*, o mais luxuoso e preferido de Nova-York.

Martins dá-lhe o logar de amphytria e ella resolve ganhar mais dinheiro sendo a rapariga do fim da semana, isto é, a que dirige as festas e entretem os convidados millionarios de sabbados e domingos. Um desses clientes, Arthur Ladden, sente-se extraordinariamente attrahido pela sua belleza, mas ella, delicadamente, nega-se a acceder ás suas instancias para que seja sua amante, e até mesmo que vá ao seu palacio da Adirondacks, dirigir as suas festas de sabbados e domingos.

O amôr produzira uma joia artistica.

Um encontro com um estudante de Bellas Artes, Jack Williams transformase em amizade e depois em amor. Venetia entrega-lhe secretamente dinheiro para comprar um dos quadros de Williams e este, louco de alegria, resolve pintar um retrato de Venetia para entrar em um concurso cujo premio é uma viagem á Europa.

Ladden continúa com os seus offerecimentos todas as semanas, mas sem obter resultado algum... Antes de concluir o quadro, Williams pede a Venetia que se case com elle, mas Venetia procura convencel-o de que uma esposa é apenas um estorvo para um estudante pobre. Ladden sabe accidentalmente do interesse de Venetia por Williams e convida-o para uma visita á sua casa de campo.

Villiams chega quando o alegre baile está no seu apogeu e fica impressionado ao ver Venetia alli. Convence-se de que ella é amante de Ladden e Venetia, magoada com a sua falta de confiança, recusa-se a dar-lhe a explicação da situação. Williams volta ao seu atelier e modifica o quadro de tal maneira, que ella surge como a victima da tentação do demonio e nessas condições a remette ao concurso.

A pintura ganha o primeiro premio e Williams resolve partir para a

O dinheiro tentava a bailarina.

Europa. Entretanto, Venetia, desesperada, resolve acceitar o convite de Ladden para viajar para o Velho Mundo, mal sabendo que embarcará no mesmo vapor em que viaja Williams. Indo ao *cabaret* momentos antes de partir, Williams fala a Martin, a quem reconhece como um dos seus mysteriosos clientes. Martin diz-lhe toda a verdade a respeito de Venetia e Williams, arrependido, corre ao navio e faz as pazes com a sua noiva, emquanto Ladden discretamente se retira, deixando que os amantes completem a sua felicidade.

*

ESCRAVA DA PAIXÃO

(Continuação)

zan e elle acabariam como cumplices de uma grande paixão. Para fugir a esse perigo é que elle desde então se furtava a sahir com a mulher de seu amigo e patrão.

Mas, a instancias de Walt, saem a passeio certo dia esplendente de sol, e, deitados sobre as areias alvas da praia, não tarda muito que o demonio dos instinctos, que andava fragmentado na brisa fresca do dia, no aroma das flores, na propria voz melancolica do mar, os tomasse de subito...

— Que culpa temos nós de nos amarmos, Ken? Somos apenas humanos...

Suzan, impetuosa como é, quer que sejam honestos em tudo e que, de volta á casa, digam s

(Conclue na pag. 45)

Nos camarins do cabaret, no dia da estréa.

Um pequenino lar feliz.

Modelo e amante.

BREVEMENTE: — A áurea dupla de sempre:

Maurice Chevalier e Jeanette Mac Donald em

«AMA-ME ESTA NOITE» (Love me To-Night) — Uma fantasia comica, tocada pelo dedo magico de ROUBEN MAMOULIAN

Escriptores e livros

Francisca da Silveira Queiroz — FOLHAS DISPERSAS — S. Paulo — 1932

CHRONICAS, manchas, retalhos de sonhos de um espirito feminino que hoje apparecem em volume, para um destino luminoso. Na ansia de fazer o bem, a autora destinou o producto da venda deste livro aos orphãos da revolução paulista, bello gesto sem duvida, digno dos nossos applausos.

Mitigando as dôres alheias, enxugando lagrimas, vae o coração da mulher cumprindo a sua missão gloriosa, fazendo reviver a alegria nos lares onde a luta fraticida deixou manchas de sangue e dôr.

E na hora difficil actual que as intelligencias claras, como a de Francisca da Silveira Queiroz, saibam collocar a sua fé a serviço dos destinos do Brasil unido e forte, para o bem da humanidade.

Baptista Pereira — DIRECTRIZES DE RUY BARBOSA — Comp. Editora Nacional — S. Paulo — 1932 — 6$

A immensa obra de Ruy Barbosa, dispersa e fragmentaria, ainda não foi colligida numa edição completa. E talvez, jamais isso aconteça, porque não é possivel fazer o publico interessar-se pela mesma, pois Ruy não é accessivel ás massas. A sua obra só fascina uma "élite" social.

Mas, não deixa de ser louvavel o esforço de Baptista Pereira, procurando divulgar, por meio de syntheses, "os pontos principaes do seu *organum*, isto é, do corpo doutrinario das suas idéas."

Sobre os diversos assumptos do volume, o illustre dr. Baptista Pereira faz commentarios que reflectem o brilho da sua intelligencia.

Em prefacio, o autor justifica as razões do livro, cujo resumo final transcrevemos para melhor orientação dos leitores: "Parece-me ambicioso o titulo de *Directrizes de Ruy Barbosa*, dado a esta collectanea. Mas um lado ha por onde elle se legitima. As minhas notas só collimam explicar algumas obscuridades, referir um ou outro facto interessante trazer mais um pouco de luz a certos assumptos, por sua natureza penumbrados pelos bastidores politicos.

"Não visam inferir, deduzir ou concluir por minha iniciativa ou alvedrio. E' o proprio Ruy quem aqui se define. Sobre a justiça, sobre a instrucção, sobre as classes armadas, sobre a religião. Sobre a realidade brasileira, sobre a lingua. Com esses materiaes dispersos, *disjecta membra*, pode o leitor intelligente reconstituir a estatura do gigante."

Henri Barbusse — A NOVA RUSSIA — Dist. Civilização Brasileira Editora — Rio — 1932 — 5$

BARBUSSE é um dos mais festejados autores da França, e que desfructa de fama universal depois de ter publicado *Le feu*, talvez o livro mais sensacional da literatura de *après la guerre*.

Por isso, quando escreveu o presente volume sobre o que observou na Russia, houve extraordinario movimento de curiosidade em torno do mesmo.

E quando o publico sentiu que Barbusse não escondia o seu enthusiasmo pelo novo regime russo, o facto provocou viva polemica, taes as revelações contidas na obra. A traducção ora divulgada, vae certamente despertar interesse, pois nós estamos acostumados a lêr apenas obras de fancaria, escriptas com o proposito unico de combater a Russia *vermelha*.

O espirito de analyse é totalmente desprezado, mas, em compensação, os autores pintam a paisagem sovietica com côres berrantes escandalizando as creaturas afeitas ás bôas digestões...

Barbusse fugiu á regra escrevendo um livro notavel, sob todos os aspectos.

E' uma obra de artista e de psychologo. O brasileiro trabalhado pelas idéas novas que revolucionam o mundo, tem neste livro um vasto campo de observação. Os cegos e os surdos, certamente, nada perceberão do espectaculo que empolgou a intelligencia de Barbusse. Em todo o caso, os espiritos de "élite" não devem desconhecer os phenomenos sociaes que abalaram a Russia, e que parecem ter força para provocar o deslocamento de outras *massas*, na sua marcha para a esquerda.

Contos de Andersen — Comp. Nacional Editora — S. Paulo — 1932 — 5$

MONTEIRO LOBATO traduziu para a serie *Litteratura infantil*, da grande editora, alguns contos de Andersen, um dos maiores escriptores de historias para creanças.

A edição primorosa e illustrada a côres, é uma verdadeira tentação para a petizada que ansiosa aguarda pela visita de Papae Noel...

H. R. Berndorff — A DIPLOMACIA SECRETA — Liv. Globo — P. Alegre — 1932 — 6$

ESTA é a segunda obra de Berndorff, traduzida do Allemão para a denominada *Collecção espionagem*.

Trata-se de um trabalho sensacional pelas revelações que contem e que provocou viva curiosidade nos centros europeus, na data do seu apparecimento.

A edição nacional está muito bem apresentada.

NOTAS DE ARTE

A cantora brasileira, srta. Heloysa Bloem Mastrangioli, que é tambem uma das mais acatadas professoras da sua arte, e que realizará no dia 5 deste mez no Theatro Municipal, um grande recital de canto, em que interpretará obras celebres de Gluck, Brahms, Saint-Saens, Schubert, e vários autores brasileiros.

ESPECTACULOS DAS ESCOLAS DE CANTO E DANÇA DO THEATRO MUNICIPAL — Com *La Serva Padrona*, de Pergolesi, *Il Guarany* (3o acto) de Carlos Gomes, e *Il Tabarro*, de Puccini, realizou-se no T. M. em a noite de venerdia, 6a-f., 18 de novembro, o 1o da serie de espectaculos das Escolas de Canto e Danças do T. M., dirigidos respectivamente pelos maestros Salvatore Roberti e Sylvio Piergili e pela prof. Maria Olenewa; no qual figuraram como principaes interpretes — Nice de Araujo Jorge (Serpina) e Alexandre de Lucchi (Uberto), em *La Serva Padrona*; Alzira Ribeiro (Cecy), Sylvio Vieira (Pery) e Alexandre de Lucchi (Cacique), em *Il Guarany*; Nanita Lutz (Giorgetta), Sylvio Vieira (Luigi), Ernesto de Marco (Michele), Nazinha Fernandez Lima (La Frugola), em *Il Tabarro*.

Dentro da relatividade com que se devem julgar exhibições de alumnas, seria fugir á verdade não reconhecer o valor invulgar do espectaculo sob todos os aspectos, vocal, instrumental e choreographico, e ainda quanto a scenarios e indumentaria. O que tudo mostra que já temos elementos básicos para um futuro theatro lyrico brasileiro, e o esforço empregado para conseguil-o pelos tres artistas estrangeiros que dirigem as tres escolas nacionaes de canto a solo, canto coral e dança.

As sras. Ninita Lutz e Alzira Ribeiro revelaram bôas qualidades vocaes e dramaticas: a primeira mais actriz do que cantora; a segunda mais cantora do que actriz.

Os srs. Sylvio Vieira e Ernesto de Marco, bellas vozes de tenor (?) e de barytono não desmentiram os seus predicados vocaes, cantando *Il Guarany* e *Il Tabarro*.

Alexandre de Lucchi deu a todos os papeis relevo proporcional á sua voz e a sua arte, sobresahindo especialmente na caracterização de Uberto.

A srta. Nazinha Fernandes Lima concorreu no pequeno papel de La Frugola para o bom êxito de *Il Tabarro*.

Entre os interpretes appareceu uma figura que merece especial destaque: a srta. Nice de Araujo Jorge, que foi a heroina da opera de Pergolesi. Cantando com bella e educada voz e representando com arte e naturalidade, deu-nos a impressão de uma artista habituada ás lides da scena lyrica. Não foram demais os applausos que recebeu da numerosa assistência.

Nos bailados, que formam quasi todo o quadro do 3o acto de *Il Guarany*, sobresahiu a festejada Luiza Carbonnell, que afinal nos parece mais mestra do que discipula.

Os maestros Fr. Braga e Salvatore Roberti deram á regencia o costumado brilho.

O publico cheio de justo enthusiasmo applaudiu com calor todo o espectaculo, ovacionando ainda os directores das tres escolas: Salvatore Roberti, Sylvio Piergili e Maria Olenewa.

Cinco dias após, em a noite de mercuridia, 4a-f., 23 de novembro, no mesmo T. M. realizou-se, fóra da série official, um espectaculo exclusivamente choreographico que nos proporcionou Maria Olenewa. Quem a elle assistiu não erraria affirmando ter assistido á bella exhibição de uma... Companhia Brasileira de Bailados. Desde a mestra á ultima discipula, salvo inevitáveis senões, todos corresponderam plenamente á espectativa do publico e da critica. Embora ainda haja muito que fazer, muito já se fez. Pelo que vimos, parece poder affirmar-se já possuir o Rio bem apreciavel corpo de baile para bons espectaculos lyricos.

Salve os divertimentos — *Pas des Fleurs*, GOPAK, ANITRA, IDYLIO NUM TELHADO, ZINGAROS, ALVORADA, Sapateado BRILHANTE.

(Cont. na pag. seguinte)

Saltimbancos Chinezes, Dança Sacra — todo o programma compunha-se de choreographias de Maria Olenewa, e foram: *Grande bailado* da op. "Thais", musica de Massenet; *Bailado Infantil*, musica de Villa Lobos; *Rythmo das Ondas*, m. de Debussy; *Noite de festa no Arraial*, m. de Fr. Braga.

De tudo que vimos e applaudimos, o que mais nos impressionou foi o *Bailado das Ondas*, ou mais technicamente o *Rythmo das Ondas*. Além da belleza inherente, á propria composição musical, foi quasi irreprehensivelmente executado. Enlevado pela musica dos gestos synchronizados com a musica dos sons, vimos, numa allucinação de momento, as ondas irem e virem, se altearem e se abaixarem, rolarem e se espreguiçarem, movidas pela força mysteriosa das Ondinas. Maria Olenewa plasmou em esculpturas dynamicas a pagina musical de Debussy. E ella e as suas discipulas souberam

NOTAS DE ARTE

(CONTINUAÇÃO)

realizar com primor a bella idealização plastica do poema sonoro.

O *Baile Infantil*, que foi mais um brinquedo de crianças, que um numero de arte, deu-nos comtudo occasião de admirar e applaudir o talento choreographico de meia duzia de garotas, especialmente da menina Magdalena Rozersveng, que em *Pierrette* se revelou a miniatura de uma artista.

Foram os divertimentos que nos proporcionaram melhor ensejo para distinguir o valor technico e esthetico das alumnas de Maria Olenewa.

Pas de Fleurs, mais um triumpho para a menina Magdalena Rosenzveng e suas companheiras; *Gopak*, numero de musica russa em que muito se distinguiram Waldemar Rodrigues, Durval, Americo Pereira, Edgard Sant'Anna e Roiz; *Anitra*, onde melhor se nos patenteou a vocação choreographica de Germana Barbosa; e mais que tudo, *Idyllio num telhado*, em que Maria Carbonnel e Vicente de Paula viveram com sensibilidade muito communicativa o namoro felino, e *Sapateado brilhante* a que Luiza Carbonnel deu extraordinario fulgor.

Com os dançarinos foram alvo de muitos applausos Fr. Braga, a quem coube a regencia do *Grande Bailado de Thais* e da *Noite de festa no Arraial*; Villa Lobos, que regeu *Bailado Infantil*, e Emanoel de Carolis, regente dos *Divertimentos*. Fr. Braga e Villa Lobos chamados á scena, foram especialmente ovacionados como autores de dois bailados.

Maria Olenewa, essa estava constantemente em scena a receber ovações não só como autora das choreographias, mas tambem como a dedicada mestra, cujo valor era attestado por tão notaveis alumnas.

Como homenagem ás interpretes do *Bailado das* [illegible] registramos aqui os nomes: Maria Olenewa, Luiza e Maria Carbonnel, Telma Windsor, Adalcina Avignon, Albertina Saikowska, Annita Giannini, Consuelo Martin, Clara Antunes, Dina Parone, Edwina Hargreaves, Flora Lutin, Germana Barbosa, Gertrudes Wolff, Helena Jakowa, Jussara Indaya, Lucilia [illegible], Lygia Fontenelle, Nair Josetti, Olga [illegible], Mar-rita Magalhães, [illegible] Ziotkowska, Zenilde [illegible]vaes.

HELENA FIGNER

A srta. Helena Figner, alumna da reputada professora sra. Riva Pasternak, realizou no I. N. M. em a noite de 24 de novembro, uma audição de canto com este programa, além de um extra, constituida por uma Can-

O sr. M. Maurity Santos, novo Chefe dos Serviços Externos do Instituto Freuder, em plena atividade na Avenida Rio Branco na sua intelligente propaganda do Synorol — a melhor pasta para dentes — formula do Dr. Eyer; Cessatyl o remedio que cessa qualquer dôr e magnifico na gripe — Digestivo Eyer — o melhor remedio para o estomago e Calcecalcio para fortificar os dentes e os ossos, o remedio que toda a creança deve tomar para ter os dentes fortes e evitar a carie.

[illegible]cheen, de Tivota (?), cantada em original: I) J. Haydn — Canzonetta [illegible] Concerto; F. Durante — Danza, danza; Gré-try — Céphale et Procris; [illegible] — La [illegible]; M. Ravel — Nicolette; A. Nepomuceno — Dolor Supremo e Soneto; Rimsky-Korsakoff — [illegible] si-[illegible]; Tschaikowsky — [illegible] (Adieu fo-rêts).

Voz de regular extensão e volume, de agradavel timbre, e que revela estar sendo bem educada, causou bôa impressão em todos os ouvintes. Dentro da relatividade com que deve ser julgada uma audição de quem estuda o canto ha mais ou menos dois annos, foi bello, pode dizer-se que agradou o recital. Impressionaram mais especialmente Céphale et Procris e Le Cloche, cantados com accentuada belleza expressiva. O publico animou a joven iniciada com frequentes applausos.

E' de justiça salientar o acompanhamento do prof. Souza Lima, que muito contribuiu para o exito da audição. E por falar no distincto pianista, resgatemos involuntaria falta commettida em chronica anterior. A Souza Lima deveu-se parte do brilho do recente concerto de Marcel Klass. Não acompanhou só, foi parceiro do notavel tenor russo. Ouviu-se um duetto entre o cantor e o pianista.

SOCIEDADE DE CONCERTOS SYMPHONICOS — Dos mais imponentes e mais perfeitos espectaculos musicaes destes ultimos tempos, o 193º concerto da S. C. S. com a execução, precedida da *Symphonia Jupiter*, de Mozart, da 9ª Symphonia de Beethoven, em a noite de 25 de novembro, no T. M., por uma orchestra de 100 professores, dirigida pelo mº. Fr. Braga, um côro de 250 vozes, dirigido pelo mº. Sylvio Piergili e quatro solistas, srs. Itala Cortez (soprano), Gulnar **Bandeira** Stampa (contralto), Sylvio Vieira (tenor) e Alexandre de Lucchi (baixo) dirigidos pelo mº. Salvatore Roberti. Cantada em portuguez ou allemão, a *Nona Symphonia* não fica por isso mais ou menos bella, mais ou menos comprehensivel. O que importa é o concurso da voz humana, como novo instrumento de orchestra. E' esse concurso que torna a grande epopéa sonora, uma symphonia integral; nella figuram todos os timbres instrumentaes e vocaes. Entretanto para nós brasileiros, brasileiros genuinos, e não teuto-brasileiros, é mais agradavel ouvir os sons das linguas latinas que os das linguas germanicas. Dahi lembrança feliz e louvavel de ser cantado em portuguez o *Hymno á Alegria*, de Schiller, poema em que se inspirou Beethoven para compôr a Nona Symphonia.

A orchestra de Fr. Braga pareceu-nos acima de qualquer elogio, de uma perfeição absoluta. O naipe de cordas nos deu a impressão de um só instrumento.

O côro, irreprehensivel. Ouvidos muito apurados poderiam ter notado um ou outro senão, que se perdia na perfeição do conjuncto.

Os solistas, especialmente o contralto e o baixo, deram notavel realce ao conjuncto.

A marcha ascendente da musica instrumental para a musica vocal, que é um dos caracteres da *Nona Symphonia*, percebeu-se com accentuado relevo na execução da *Symphonica*. Muito antes do recitativo dos violoncellos e dos contrabaixos do *Andante cantabile* — que é a pagina mais lyrica da epopéa beethoviana, que supera em poder emotivo os trechos épicos e empolgantes do final, já o ouvinte não continha a soffreguidão que o dominava ansiando pela voz humana, pelo canto coral e dos solistas, que seriam a cupola soberba da grande cathedral sonora...

O calor, o enthusiasmo do publico que enchia o Municipal correspondeu á belleza da execução. Palmas, bravos, flores bem mereceram, e mereciam mais, os victoriosos executantes. Fr. Braga que foi a *alma mater* do magnifico espectaculo, recebeu em scena prolongada e ruidosa ovação.

Não esqueçamos que a grandiosa execução da *Nona Symphonia*, teve como prologo a magistral interpretação da *Symphonia Jupiter*, cujo *Allegro* final como que foi o preludio do *Allegro* inicial da *Nona Symphonia*.

Embora sem intenção didactica, a audição das duas *Symphonias* foi mais uma demonstração desta lei da evolução musical: *Beethoven é filho espiritual de Mozart*.

Oscar D'Alva

O RETRATO

NO meio dessa maré avassaladora de tela pintada que invade os grandes salões e as cento e tantas galerias parisienses, Branca de Rimini conseguira destacar-se depois de tres ou quatro annos de esforços, de talento, de intriga e de diplomacia.

Havia estreado com um escandalo. O joven estheta que escrevêra o prefacio do catalogo de sua primeira exposição não occultára que a pintura que apadrinhava pertencia ao museu secreto. "Ha, aqui, — escrevia — esses grandes gritos de fogo que sahem das profundezas do mais demoniaco dos instinctos. Branca de Rimini oscila entre o peccado e o mysticismo. E' um anjo de luxuria". Anjo de luxuria! A phrase havia triumphado. E todo mundo quiz ver essas telas que promettiam contrastes inesperados.

No fundo, a moral não soffria grande coisa. Eram apenas senhoras despidas entre tigres alados e pavões reaes. O desejo de escandalizar o burguez revelava, não obstante, condições evidentes: um colorido alegre e delicado, um desenho firme e preciso. Um academico, mettido a critico de arte, falou de genio. Um chronista de um grande diario gritou como louco. Controversias, discussões, invectivas: Branca sahira do anonymato.

Soube aproveitar o êxito. Habilmente, se poz a trabalhar. Durante dois annos, pintou ainda senhoras despidas e pavões reaes, mas supprimiu os tigres alados. Depois expoz retratos femininos, de uma synthese vigorosa e de uma intensidade vital palpitante. Havia ainda um ou dois pavões reaes, sobretudo si a pessôa retratada se encontrava em seu boudoir, mas eram menores. Constituiam a marca da fabrica. Dizia-se: Branca de Rimini e seus pavões. Era de bom tom pedir-lhe um retrato.

NO fundo, Branca era uma mulher muito simples e muito burgueza, que se chamava Bertha Martin, e que começara desenhando figurinos da moda. Havia frequentado o studio de alguns pintores baratos, e se vira complicada em varios desses êxitos singulares que tiram uma pessôa da sombra e a collocam no tapete da actualidade. Pintava para seu prazer durante as ferias. Confessava que não tinha mais nem menos talento que os outros. Tinha confiança em sua estrella. Durante dois annos trabalhou em silencio. Depois tentou a fortuna, aconselhada por um amigo fracassado em pintura, e que dirigia uma pequena galeria na rua do Sena. E, sobretudo, animada por Pedro Moldive, seu companheiro de vida, musico enthusiasta a quem as difficuldades dos tempos obrigavam a atacar ares de *jazz* sobre um piano de cinema.

Afinal, veiu o êxito. E o dinheiro. Pedro Moldive abandonou seu officio de pianista e fez representar, graças ao auxilio financeiro de Branca, sua *Aurora Rosada*.

Depois elle se casou com Branca. Quiz assim confundir os escrupulos de sua consciencia, que lhe reprovava acceitar subsidios de uma pessôa a quem não estava legitimamente unido.

Embora a houvessem baptizado com a alcunha de *anjo de luxuria*, Branca era um desses seres sem complicações, que nascem monogámicos, como se nasce loiro ou moreno. Depois de duas ou tres aventuras, que não haviam deixado em seu espirito mais do que o signal que deixa o arroio sobre a rocca, encontrára em Moldive o ser assignalado pelo destino para prender-se a elle por por meio dos vinculos da alma e da carne. Amava-o com um amor vasto e tranquillo, e tão profundo, que já se tornava maternal. Cuidára daquelle rapaz pobre e enfraquecido pelos jantares de café com leite. Emquanto ella ganhava dinheiro, achava que devia desempenhar um papel providencial: devolver a saúde a seu marido e fazer triumphar o artista, pois ingenuamente acreditava no talento incomprehendido de Moldive. Ignorava inteiramente a musica e suas convicções não iam alem do amor.

Satisfeito gastronomicamente e bem vestido, Moldive immediatamente se transformou em outro homem. Adquiriu sufficiencia. Sua audacia nativa se ampliou. Endireitou o busto, tomou ares de importancia e falou de seus confrades com desprezo. De vez em quando dava um concerto e sonhava em fundar uma escola.

Bem alimentado e sem preoccupações, dedicou-se ás aventuras, tanto mais ardentemente quanto havia levado uma juventude casta e necessitada. Foi, no emtanto, prudente, pois sabia que Branca era ciumenta. Animado por sua confiança tranquilla, chegou até a cortejar uma vaga princeza romana, cujo retrato sua mulher executava. A princeza era de opinião que a vida era muito curta

De Gaston Derys

para que a gente se privasse de seus prazeres. Moldive era da mesma opinião, e lho demonstrou mas sem discrecção. Branca teve noticia de sua desgraça.

Que fazer? Seu instincto lhe aconselhava ministrar um sólido castigo a sua rival, mas esta a intimidava com seus ares distantes e seu sorriso a um tempo protector e desdenhoso. Deixando-se levar por sua indignação, não faria Branca uma má reclame entre sua clientela? E os reporteres escreveriam em seus jarnaes: "...E ella não se contenta em estropear seus modelos na tela, mas arruina-lhes a cara..."

E isso não arranjaria nada. Frequentemente, se consolidam certos amores que se querem contrariar pela violencia. Si soubesse calar-se, o capricho de Moldive se extinguiria docemente.

Continuou, pois, sem demonstrar nada de sua indignação e de sua dor, o retrato da princeza, que devia figurar no Salão Independente. De vez em quando, a princeza indicava um pequeno retoque, achava que seus olhos não estavam sufficientemente lánguidos. Seu sorriso bastante seductor. Branca obedecia com uma docilidade surprehendente, consentindo em abdicar sua personalidade.

O retrato, bem terminado, não ficou prompto até a vespera do dia em que Branca devia leval-o ao Grand-Palais.

A princeza exclamava:

— Afinal, vou ter um retrato que me agrada! E' a primeira vez que me fazem tão linda como na realidade sou...

* * *

O dia da inauguração chegou com seu desfile de curiosos, snobs, pintores, criticos e modelos.

A princeza Trouskinoff se apresentou com sua côrte de amigos na sala onde figurava seu retrato. Não o viu... Começou a bater o chão, impacientemente, com o pé, até que alguem lhe disse:

— Mas si está alli deante da senhora, em logar de honra...

— Esse, meu retrato? Impossivel!

— Olhe a etiqueta: "Retrato da princeza Trouskinoff". Evidentemente, está um pouco retocado... Mas tem muita semelhança...

Uma joven, maneirosa, ajuntou:

— Mas és tu, minha querida amiga! Ah, que talento tem essa Branca de Rimini! Que verdade, que accento Vê-se-te até a alma!...

Mais do que um retrato, era uma caricatura, ou melhor, era uma acta de accusação: todas as taras faciaes haviam sido accentuadas sem piedade: olhos de palpebras flácidas, que distillavam os peores desejos, orlados por umas patas de gallo vingativas; faces gastas, atravessadas por diagonaes que as pinturas não podiam occultar; uma bocca contrahida sob um nariz ossudo e um labio superior pequeno adornado com um ou outro cabello duro e negro.

Pallida como a morte, a princeza repetia:

— Isto é uma infamia! Isto é um embuste!

E, brandindo seu pequeno guarda-chuva, como si o mesmo fosse um *tomahawk*, destruiu furiosamente a tela.

Mas a photographia já havia sido enviada aos jornaes, e ao deixar o Grand-Palais, escoltada por dois agentes, que a conduziam á delegacia proxima, a princeza pude ver sua effigie na primeira pagina de uma revista de arte...

* * *

HOUVE uma explicação tempestuosa entre Branca e seu marido:

— Não passava de um capricho — declarou elle, serenamente. — Foi ella quem me provocou... Que queres? Um homem é um homem... Isso não me impede de querer-te... E mais do que nunca! Já estava farto della e não sabia como lho dizer... Agora, tudo se arranja... Amanhã, verás tu, quando estiveres mais calma talvez me agradeça... Ao destruir seu retrato, a princeza te fez mais de cem mil francos de reclame!

— Hugo, por favor, deixe-me...

— Oh, Wanda, amo-te e não te perderei assim!

— E's noivo...

— Que importa? Hoje mesmo terminarei o compromisso e amanhã serei só teu!

— E depois de amanhã?...

— Só teu... sempre!

— Não, dir-me-ás adeus como disseste a ella, e eu terei de despedir-me de ti como de todos os outros; é o meu destino.

— Wanda!

— E suppõe o mundo que sou uma leviana, que os mando embora por volubilidade e, no emtanto, sonho um amor eterno, ideal; mas todos os amores, depois que surge a realidade, se transformam em nada e o romance acaba.

— Eu não serei assim!

— Não, Hugo, tenho médo de ti, tenho médo de ti, porque te amo!...

HOJE E AMANHÃ

(Continúa na pag. seguinte)

HOJE E AMANHÃ

(Conclusão)

— Escuta-me: já não te posso esquecer.

— Em toda a minha vida só havia amado sinceramente um homem, que me quiz muito; um dia, friamente, elle se foi por causa de outra mulher; passaram-se os tempos, descri da vida, de tudo; quando te conheci, abriste-me novos horizontes, foste capaz novamente de interessar-me na existencia, fazer-me crer na felicidade! Agora sei que és noivo!...

— Amanhã, juro, não o serei mais.

— E's noivo!... Estou no mesmo dilema da outra que me arrebatou o meu amado. Que poderei fazer?

— O que o coração pede.

— Devia lutar pela minha felicidade. Podia vingar-me do que me fizeram e, no emtanto, agora tenho pena de tua noiva.

— Que importa que ella fique commigo? Eu não mais a amo.

— Louco, si ella ouvisse isso, como soffreria!... E, no emtanto, talvez não o estejas sentindo realmente.

— Ainda duvidas?

— Duvido. Sei apenas que terminou o romance de teu primeiro amor, porém o affecto, esse continúa a existir. Porque procuras outro romance, si elle um dia tambem ha de acabar?

— Tenho uma nova illusão!

— E por isso desfazes uma vida? Quando quizeres voltar, será tarde demais: nem tu nem ella serão felizes.

— Como sabes?

— Deu-se o mesmo commigo. A mulher jamais esquece a traição do homem que amou.

— Wanda, ainda amas o teu antigo noivo.

— Elle voltou, sim, porém, muito tarde. Não mais o amo.

— Mentes! E é por isso que me mandas embora; era falso o amor que me confessavas!

— Falso?... Estás cégo pelo ciúme.

— Comprehendo agora: não terias tanta coragem em lembrar-me um compromisso que esqueci, si me quizesses realmente.

— Que vaes fazer?

— O que me disseste. Tu tinhas razão: voltarei para ella, que foi a unica que me soube amar.

— Agora, sim, vocês serão felizes. Sinto-me venturosa em fazer o bem a alguem. Quem sabe si foi esse o meu unico valor?

— Mentirosa! Nunca me amaste. Fui um louco.

— Vae-te!

— E's como todos dizem: uma leviana, incapaz de amar; um coração de gelo...

— Vae-te, por favor...

— Odeio-te...

— Não me tortures assim...

— Que tens, Wanda? Porque choras?

— Oh Hugo, és agora, o meu unico amor!...

— Oh!

— Mandei-te embora... mandei-te embora por causa de tua noiva. Tive pena della; lembrei-me que quasi enlouqueci quando perdi Amarillio...

— Mas...

— Comprehendo a minha antiga paixão; reconheço agora que o amor é mais forte do que tudo...

— Wanda, querida!...

— Amanhã talvez não seja mais assim; mas que importa? Vivamos o momento presente!

— Minha amada, como é adoravel viver!

— Não digas isso! Lembra, antes, ao que a vida nos obriga, como é triste viver!

— Não te comprehendo.

— Nem precisas. Hoje tu és todo o meu amor!

WALTER DE SEQUEIRA

Romão. — Vamos, tola vem cá... Tua mãe me disse que passaste a tarde chorando... Que coisa!... Si eu tudo faço para teu bem, unicamente para teu bem...

Ignez. — Sim, sim, papae...

Romão. — Dizes sim, mas eu vejo que é não... E, afinal de contas, não acho que te haja pedido alguma coisa do outro mundo... Tens já dezesete annos, és sadia, forte... Bem pódes começar a trabalhar... Sabes o quanto me custas? Porque vocês, os filhos, não percebem nada... Pedir, pedir e pedir... e aqui está papae para dar, possa ou não possa!... Tens já que trabalhar para ti mesma... Estou verdadeiramente exhausto...

Ignez. — Sim, papae...

Romão. — Ha oito annos que ando procurando trabalho... e como no primeiro dia!... Si não fosse tua mãe, que coze para fóra, nem sei como nos iamos arranjando... E agora, que encontro um bom para ti, chorinhos, e negativas, e tolices... Que queres?... Passar a vida inteira sem fazer nada?... Estariamos promptos!

Ignez. — Não, papae. Eu quero trabalhar, mas gostaria de arranjar outra coisa.

Romão (remedando-a). — Outra coisa!... Que?

Ignez. — Cozer, escrever a machina, empregar-me em algum escriptorio...

Romão. — Quá! quá! quá!... Os empregos estão muito bons!... Pouco ordenado... E si não cáes nas graças do chefe, não passas de uma empregadinha em vinte annos!... E a costura e a machina, para que servem?... Para fazer-te tuberculosa!... Entretanto, no theatro, já sabes: um conto de réis por mez... Um conto... Sabes o que se póde fazer com esse dinheiro? Viveriamos e comeriamos melhor, tú terias bons vestidos, eu poderia levar sempre algum dinheiro no bolso e não fazer os papelões que faço no café e no cinema... Mas tu não comprehendes que é uma verdadeira loteria que te apparece?... A offerta é tentadora! Logo como actriz!... Assim, de entrada... Dentro de um anno, com esse rosto, serás uma *vedette* e *estrella*.

Ignez. — Mas é que eu tenho muita vergonha, papae.

Romão (*tranquillamente*). — De que?... De mostrar as pernas?... Olha as outras mulheres as mostram nas praias, sem a menor cerimonia...

Ignez. — Mas no theatro...

Romão (*impaciente*). — O theatro... O theatro!... A mesma idéa de sempre!... Eu te asseguro que ha mais honradez num palco do que num salão... E depois, não tens tua mãe?... Não estou eu aqui?... ..

EMPREZARIO

Ignez. — Bem, papae: farei o que quizeres.

Romão (*beijando-a*). — E' assim que eu gosto de ver-te!... E vamos rir muito, cantar, dançar...

Ignez (*reprimindo as lagrimas*). — Sim, papae, sim... (*Sáe*).

Bertha (*entrando*). — Que?... Conseguiste convencêl-a?

Romão. — Quasi não. Mas, afinal, consegui. E até acabou se mostrando bem satisfeita.

Bertha. — Graças a Deus!... Porque hontem andava com uma cara de martyr, como si a levassem para a forca...

Romão. — Era uma *pose*, como dizem os artistas... Mas, quando se vir com vestidos novos, e sapatos, e meias, e chapéos... nem se lembrará mais da vergonha!...

Bertha. — Ai! Graças a Deus que vou descansar um pouco.

Romão. — E eu!

Bertha. — Tú?... Mas si nunca fizeste outra coisa em tua vida!

Romão. — Parece-te pouco trabalho o supportar-te vinte annos?... Já posso ser aposentado!...

Bertha. — Não sejas bôbo... Quando penso que Ignezinha vae trabalhar no theatro!...

Romão. — E que chegará a ser *vedette* e *estrella*!...

Bertha. — E que é isso?

Romão. — A Patti do Bataclán!... Dez, quinze contos de ordenado... além de outras coisas!

Bertha. — Outras coisas?!...

Romão. — E' claro, mulher... Os espectadores da primeira fila, os dos camarotes e filas hão de cortejal-a...

Bertha (*com os olhos brilhantes*). — Achas?...

Romão. — Si não o achasse, e não visse a fortuna assim, em minhas mãos... a teria mandado para onde mando?...

Fanfreluche

O enternecedor de corações

De Carlos Ramos

NAQUELLE bairro modesto da cidade, modestamente vivia o velho professor de musica — o maestro — como lhe chamavam os raros discipulos e era conhecido na redondeza.

Havia annos morrêra-lhe a esposa, ficando para consolo de sua velhice tres rapazes cheios de vida, que eram todo o seu encantamento.

Viviam todos na mesma casa, em uma harmonia de provocar inveja, cada um dos filhos mais preoccupado em tornar a vida do velho pae o menos solitaria possivel, confortando-o com a alegria sã que só os moços sabem ter.

Os dias se succediam suavemente, o velho Oliverio — o maestro — a ministrar lições de violino aos seus poucos alumnos, ao passo que os filhos desenvolviam sua actividade no commercio.

O maestro, nas horas de lazer, saboreava um cigarro de palha ou trauteava uma aria antiga, um trecho de musica classica, como a rememorar o passado longinquo. A's vezes, uma lagrima discreta rolava-lhe pela face emmurchecida, para, em seguida, tal como o sól que desponta por traz de uma nuvem negra em céo de verão, esboçar um sorriso bom, que lhe illuminava o rosto. E' que a tristeza do passado se dissipava deante da felicidade que desfructava juntamente com os filhos que lhe queriam tanto bem e a quem amava como pae e verdadeiro amigo.

Foi em uma tarde fria, em que nuvens antipathicas vagueavam pelo espaço como a paraphrazear pensamentos tetricos, que toda a gente sahiu para a rua a commentar a noticia de maior sensação — o movimento revolucionario.

Na casa do maestro, como em toda a parte, o assumpto da revolução tornara-se, por assim dizer, obrigatorio. Faziam-se os commentarios palpitantes com o mais acceso dos enthusiasmos.

O velho Oliverio, alheio ás tertúlias, procurava inteirar-se das occurrencias, ávido de noticias, porém commedido de palavras. A experiencia dos seus sessenta e cinco annos, através de uma existencia plena de vicissitudes, fazia-o prever alguma desgraça que, entretanto, se esforçava por occultar com um sorriso meigo.

* * *

Naquella tarde, os filhos do maestro, envergando com garbo os seus uniformes, esfusiantes de enthusiasmo, entraram pela casa a dentro, como creanças tréfegas, á procura do velho pae. Queriam fazer-lhe uma surpresa. Já se haviam alistado e ansiavam pelo contacto com o inimigo.

— Papae! Papae! — chamaram todos a um tempo. A velha Joanna, companheira de muitos annos, e que ajudára a criar os rapazes, foi quem attendeu:

— Olá, "mininos"! São "mecês"? que susto que "mecês" me deram. Pensei que fossem "mar-feitores". Cruz!

— Onde está o velho? — perguntou o Hélio, o mais velho dos irmãos. — Queremos fazer a nossa despedida. Vamos para a guerra, sabe?

— Não façam isso, "mininos"! "mecês" assim dão cabo do patrãosinho. Elle está "véio", coitado!

— Qual nada! — obtemperou o mais joven, o Caçula — voltaremos heróes, "tróços" na vida, minha velha. Vae ser mesmo um successo do outro mundo. Nesse interim, ouviram a voz do Marcus — o do meio — que chamava os irmãos ao aposento do pae. Pressurosos, accorreram ao chamamento, a verem o que teria acontecido ao progenitor.

Estava elle sentado ao pé da cama, a cabeça apoiada sobre a mão direita, tendo os olhos embaciados de lagrimas.

— Que lhe aconteceu, papae? Por que essa tristeza hoje? — indagou com espanto o Hélio.

— Não vê que viémos fazer-lhe uma surpresa? Olhe para as nossas fardas. Veja como estamos mesmo elegantes — secundou, vivaz, o Caçula.

E o velho professor respondeu, sem levantar os olhos do chão:

— Meus filhos, para mim não ha surpresas. Tenho a experiencia dos annos e por isso sei presentir o futuro.

— Ah! Então sabia que nós iamos nos alistar, não é assim?—

perguntou, admirado, o mais joven.

Ao que o velho redarguiu:

— Quando vi que esse movimento tomava tão inesperado vulto, envolvendo nas suas malhas grandes e pequenos, não duvidei que a nossa casa tambem seria attingida. Questão de dias, apenas. Eis a confirmação do meu vaticinio.

O velho professor de musica fez uma pausa, procurou disfarçar a tristeza que lhe dominava a alma, e proseguiu:

— E' natural, meus amigos. Vocês são moços e têm ideaes. Não poderiam fugir á onda de enthusiasmos que a todos empolga. Lamento, apenas, que para a consecução desse ideal se torne necessaria uma luta sangrenta de irmão contra irmão. Na qualidade de pae, temo pela vida de vocês, que são tudo o que me resta na vida. Custa-me conformar com essa situação.

— Mas isso é egoismo de sua parte, papae — disse o Helio. — Devemos lutar pelo bem da collectividade e o momento exige sacrificios de todos. Os nossos collegas e amigos já partiram ha dois dias. Não podemos hesitar. E' um dever civico.

— Está certo, meu filho. Comquanto o argumento seja sempre o mesmo, não me opponho a que partam para o cumprimento de um dever que a consciencia de cada um lhe impõe. Vencidos ou vencedores, vocês serão sempre heróes. Quem luta por ideaes é digno de respeito. Lamento que de quando em quando esses phenomenos sociaes estalem sobre as nossas cabeças, exigindo, não raro, sacrificios inauditos que envolvem vidas preciosas. E apparentando calma, concluiu:

— Meus filhos, perdôem-me a impertinencia. Sou pae e trago no peito um coração. Eis tudo.

* * *

O maestro Oliverio, após a partida dos filhos para o campo da honra, soffreu uma transformação visivel: falava por monosyllabos e tinha a physionomia annuviada. Agora passava o dia a ler noticias sobre o movimento armado e a indagar da situação dos combatentes.

A principio, algumas cartas vieram-lhe ter ás mãos, procedentes das linhas de combate. Sentia-se, com isso, algo confortado, porém, á proporção que ellas foram rareando o pobre professor, mais a mais, se foi inquietando, por isso que conjecturas más começavam a assaltar-lhe o cerebro.

O horrivel pesadelo da guerra civil a fustigar a alma do maestro accrescido do seu completo indifferentismo pela saúde, maltratou-o sensivelmente.

O destino muita vez têm caprichos que primam pela crueldade.

Certo dia, bateram á porta do professor de musica. Era alguem que trazia uma mensagem official informando-o de que seu filho mais novo — o Caçula — tombára morto, havia dois dias, na frente sul, por occasião de um grande combate. Os outros, segundo a nota laconica, ainda se encontravam com vida.

Uma punhalada não teria ferido aquelle pobre coração com mais crueza. Em terminando de ler as ultimas palavras da mensagem fatidica, o papel amarello desprendeu-se-lhe lentamente dos dedos. Os labios do velho professor proferiram mollemente estas palavras:

— Coitado do Caçula! Adeus, meu filho!

Por instantes permaneceu elle sentado, o olhar fixo no chão e as lagrimas a banharem-lhe as faces macilentas. Não poude dizer mais nada. De repente, arregalou os olhos. Um brilho estranho pareceu denunciar que alguma idéa tomava corpo no seu cerebro. O maestro passou vagarosamente a mão por sobre a cabelleira branca, e sorriu de maneira singular.

— E' verdade! E' verdade! A musica e a poesia têm uma mesma e alta finalidade: enternecer os corações empedernidos dos homens. Por que hão de se empenhar em guerras cruentas sacrificando vidas tão preciosas? Na verdade, não tenho cumprido o meu dever nesta hora amarga. Acaso não tenho sido professor de musica durante quasi meio seculo? Porventura já não colhi louros com o meu velho instrumento em dias que já vão longe? Não sou poeta, mas sou musico.

O maestro levantou-se e correu para o interior da casa, a communicar a triste noticia á velha Joanna, que ficou inconsolavel. Depois, fixando-o com um olhar desvairado, disse:

— Sabe, Joanna?, os homens é que são maus. Ainda não aprenderam a viver. E' preciso amollecer-lhes os corações. Só assim não haverá mais guerras e as machinas assassinas transformar-se-ão em instrumentos de utilidade. Mataram o pobre do Caçula, Joan-

(Continua na pag. seguinte)

LEIAM os romances de *Fon-Fon*, variadissimas collecções do grande escriptor francez Michel Zévaco.

O enternecedor de corações

(Conclusão)

na! E' preciso salvar o Helio e o Marcus. Coitados!

A velha serva fincou os olhos nos olhos do patrão, para melhor comprehendel-o, mas sentiu um arrepio. Elle não parecia o mesmo homem. Falava de um modo esquisito...

Por fim, aventurou uma pergunta:

— Que é que "mecê" pretende fazer, patrãosinho? Palavra que não "tô" entendendo nada.

O maestro deu de hombros e volveu á sala de trabalho, sem dar attenção ao que dizia a velha. Alli chegando, mergulhou de novo o pensamento em suas elucubrações, deixando-se ficar assim por largo tempo. Entregára-se a uma tarefa que lhe merecia toda a attenção. A noite veiu surprehendêl-o a rabiscar folhas de papel e, de quando em quando, a lidar com o seu inseparavel amigo de muitos annos — o violino.

O silencio da casa era interrompido, ás vezes, pelo ruido sêcco de papel amarfanhado, outras vezes pelos accordes e notas isoladas que o professor arrancava do delicado instrumento.

A tudo a velha creada assistia, não sem espanto, por isso que na sua rude intelligencia não achava relação nenhuma daquelle proceder do patrão com o desapparecimento do querido Caçula. Chegou até a suspeita da integridade mental do maestro. Pudera!

* * *

O movimento da cidade era desusado. O caracter bellico dava-lhe um aspecto inteiramente inédito. Caminhões iam e vinham repletos de soldados e material bellico. Todas as physionomias reflectiam um nervosismo que se propagava por toda a parte. O ambiente era de apprehensões e cuidados proprios de época anormal.

Em meio aquelle turbilhão, causava espanto e provocava a curiosidade dos passantes o facto de se encontrar postado a uma esquina um velho de cabellos prateados e physionomia tristonha.

O OPPORTUNISTA

(De uma novella em elaboração)

AURELIO actualmente já se alphabetizou. Já lê um pouco; o necessario para sustentar uma palestra. Não se apoderou de uma ideologia politica, mas, por commodismo mental, é monarchista entre monarchistas, republicanista entre republicanistas, bolschevista entre bolchevistas. A's vezes, colloca-se no opposto ao do seu interlocutor: quando este revela menos vivacidade e promptidão de espirito. E assim vae vivendo, vivendo e vencendo, tido, aqui e alli, como uma "cultura apreciavel", um "jornalista erudito", uma "revelação"...

Cita indistinctamente Santo Agostinho e Renan, Max Nordau e Tolstoi. Discorre com uma convicção cynica sobre Nietzsh e Verlaine; aprecia, displicentemente, Freud, Maranon e Bergerson e affirma, desaforadamente, que Jesus de Nazareth e Lenine se completam... Insinúa grande intimidade espiritual com Mussolini e Hitler, mas acha que Stalin é a maior organização de dictador. Tem decorados trechos da "Illiada", phrases de Platão, de Horacio, e elogia descaradamente Virgilio, na "Eneida". Diz que Sha-

ESCRAVA DA PAIXÃO

(Conclusão)

Walt o que sentem, e, fugindo do logar, possam ir viver um para o outro, em algum rincão distante.

Ken, porém, lembra-se da tortura que isso causaria ao pobre cego... Depois seria uma damnada traição á confiança que o outro lhe tinha.

— Esperemos um pouco, Susan... Dir-lhe-emos mais tarde... Agora não...

Susan tentára por todos os modos vencer a resistencia de Ken, sem o conseguir. Certa de que o rapaz não se demovia de seus propositos, lança uma nova tactica. Vira-se abertamente para Davis um rapaz aventureiro que chega ao logar, emissario de outra companhia petroleira. Davis, levado pela belleza da mulher e des temeroso do que possa acontecer, affronta a colera de Walt, que da sua escuridão visual bem percebe o que em torno de si se trama...

Não tendo podido escravizar Ken á sua vontade, eil-a que agora, para causar-lhe ciumes, fórma uma sahida do logar em companhia de Davis. O vapor que os ha de levar está no porto, á espera da maré. Ken, que sabe de tudo, procura entretanto, dissuadir Walt de que a mulher o vá deixar, e emquanto isto, num ultimo gesto de magnanimidade corre Ken ao porto para impedir a fuga... O navio já sahira, mas lá encontra Susan... Elle não sabe com o forasteiro... Fizéra aquillo só para o attrahir a si, elle a quem ama perdidamente... O

executando uma melodia cheia de sentimento, que a todos prendia de emoção.

— Deve ser algum mendigo — dizia um.

— Toca com muita expressão — dizia outro.

E um terceiro:

— Toca para ganhar a vida. Coitado!

Fazendo conjecturas de todos matizes, os transeuntes iam passando, qual procissão e raro era aquelle que não atirava um nickel aos pés do anonymo tocador de rebeca ou não estacava um minuto para ouvir a musica dolente tão magistralmente executada.

O povo já se acostumára a ver o estranho musico a perambular pelas ruas da cidade sempre agarrado ao seu velho instrumento e cada vez mais acabrunhado. Raramente falava. Preferi que o violino o fizesse por si na linguagem universal da musica. Era o interprete maximo da sua dor. Tinha que durar pouco. O abalo moral fôra demasiado grande para a sua idade.

Certa manhã, os jornaes annunciaram "a morte do menestrel". Uma chuva fria e aborrecida molhava o asphalto quando o anonymo violinista foi encontrado estendido ao longo de uma sargeta, tendo preso nos braços em cruz o violino, companheiro fiel que o consolára até o ultimo instante de sua vida. Fôra o seu derradeiro amplexo na despedida para o Além.

Mais tarde, com espanto geral, é que se veiu a saber que o menestrel não ra um pobre diabo.

* * *

Quando o Helio e o Marcus regressaram da frente de operações, encontraram um grande vazio na velha casa. O pae e o Caçula agora só viviam na sua lembrança, tendo deixado em cada coração uma saudade.

Pouco tempo depois, encontraram entre os papeis do professor a sua ultima composição, intitulada: "O enternecedor de corações", que a morte do Caçula lhe inspirára e que elle, na sua demencia, levára para as ruas da cidade a semear entre os homens.

De Alves Pinheiro

kespeare plagiou Homéro, e accusa Byron de mediocridade... Deyser e Bernard Shaw são-lhe familiares, como as palmas das suas mãos, apesar de condemnar as suas tendencias espirituaes e conclúe sempre por negar os valores brasileiros. Retem algumas phrases feitas do francez, do inglez, do hespanhol, o que lhe fez grangear a fama de polyglota.

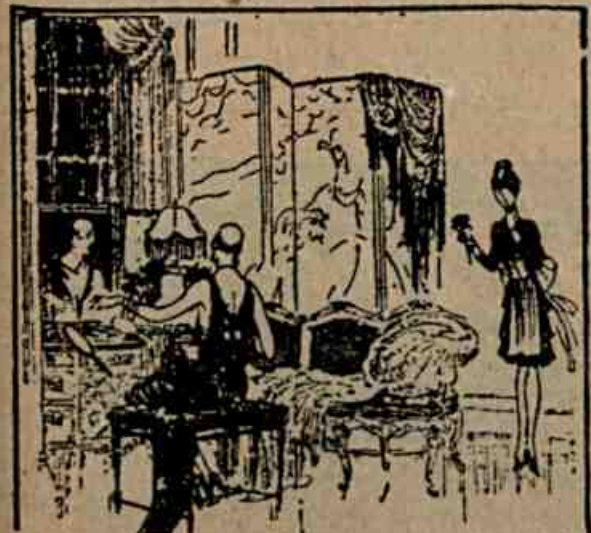
Na revolução de 1930 foi duplamente governista e revolucionario.

Na ultima, apresentou, simultaneamente, além dessas duas faces, uma terceira: radicalista; — por uma conflagração capaz de extirpar todas as raizes da "politica feudal-burgueza"; por um "movimento redemptor" que, extinguindo a exploração das classes e a rivalidade das condições sociaes, nivelasse a humanidade, acabando com os "trusts" e açambarcamentos. Uma revolução que submergisse o passado nas aguas de "Lethes", porque, diz elle, ás gerações porvindouras cumprirá destruir para construir, sobre a face estagnada das ruinas; porque o presente não deve manter mais relações com o passado...

E' preciso criar um mundo novo dentro das solicitações cyclopicas do instante que passa... E era de ver a torrente verbal e Aurelio falando como um enthusiasta meramente artificial... Não podia haver typo mais curioso, completo e scientifico de "opportunista".

rapaz, porém, quasi lhe cede aos rogos, mas não permittiria em fugir com ella, principalmente agora, quando Walt tão afflicto se mostrava...

Susan recusa-se a voltar com Ken para casa, dizendo-lhe que vá na frente, que ella o seguirá depois... E, ao ver-se só, traça um bilhete ás pressas endereçado ao mar... Só um bando de gaivotas, testemunhas inconscientes dessa tragedia, é que lança no ar os seus pipios de alarma...

— Que teria assustado a essas gaivotas? — pergunta Walt a Ken, ao ouvir o afflicto gritar das aves.

— Celestina, encontraste a rosa para meu cabello?
— Sim, senhora. Mas agora perdi o cabello.

O ALEIJADO

(SHERLOCK HOLMES — POR CONAN DOYLE)

(CONTINUAÇÃO)

Falava ás vezes, ao que parece, uma lingua extraordinaria, e as duas ultimas noites tinham-n'o ouvido gemer e chorar no quarto. Não parecia que lhe faltasse dinheiro, mas dera-lhe como signal uma moeda que tinha o aspecto de um florim falso. Mostrou-m'a. Era uma rupia da India.

Agora, meu caro, vê bem aonde estamos e porque preciso de si. E' evidente que esse homem seguiu á distancia as duas senhoras, depois do encontro que teve com ellas; que seguiu através da janella a discussão entre o coronel e a mulher, que nesse momento se precipitou no aposento, e que o animal que levava lhe fugiu. Tudo isto é positivo.

E' elle o unico ser deste mundo que nos pode agora dizer o que se passou em seguida.

— E vae perguntar-lh'o?

— Com certeza, mas na presença duma testemunha.

— E serei eu essa testemunha?

— Seria um grande serviço a prestar-me. Se esse homem consentir em falar, é optimo, se recusa, terei de lhe fazer passar um mandado de captura.

— E tem a certeza que elle ainda lá estará quando chegarmos?

— Não tenha medo. Tomei as minhas precauções. Um dos meus agentes de Baker Street vigia-o e não o deixa um instante. Encontral-o-emos pois amanhã em Hudson Street. E agora, Watson, seria um crime impedil-o mais tempo de dormir.

Era meio dia, no dia seguinte, quando nos encaminhamos para o theatro do drama em Hudson Street. Não obstante a sua muito especial faculdade de dissimular emoções Holmes estava muito sobre-excitado. Quanto a mim, sentia o fremito que me dá sempre este prazer meio sportivo, meio intellectual de estar associado a uma investigação deste policia amador.

— Eis a rua, disse Sherlock Holmes, mettendo-se por uma via ladeada de casas modestas de dois andares; vejo ali Simpson que nos vae elucidar!

— Vae tudo bem, exclamou um pequeno vagabundo, correndo para nós.

— Bravo, Simpson, disse Holmes batendo-lhe amigavelmente na cabeça. Venha, Watson! eis a casa.

Mandou o seu bilhete de visita ao individuo, esclarecendo que se tratava de um negocio importante; e um instante depois achavamo-nos frente a frente com o homem que procuravamos.

Não obstante a temperatura ser muito elevada, estava acocorado ao pé do fogo, e o quarto pequenino parecia um verdadeiro forno. Torcido na cadeira dava uma desoladora impressão de deformidade. As suas feições, embora gastas e avelhantadas, deviam ter sido bellas na sua mocidade.

Os seus olhos de um amarello bilioso, lançaram-nos um olhar desconfiado, e sem mesmo falar ou levantar-se, empurrou duas cadeiras que nos offereceu.

— E' o sr. Henry Wood, chegado ha pouco da India? disse Holmes com affabilidade. Venho procural-o a proposito da morte do coronel Barclay.

— O que é que o senhor quer que eu saiba a esse respeito?

— E' o que eu desejo assentar. O senhor não ignora decerto que até este negocio seja posto ás claras, a sra. Barclay, uma das suas velhas amigas, continúa a ser accusada desse crime.

Ao ouvir estas palavras o homem teve um sobresalto.

— Não o conheço, exclamou elle, e não sei onde foi buscar isso que affirma. Jura que diz a verdade?

— Sim, de certo. Espera-se apenas que ella volte a si, para então a prenderem.

— Meu Deus! Será o senhor da policia?

— Não.

— Então que tem com isso?

— Toda a gente tem direito de velar pela justiça.

— Dou-lhe a minha palavra de honra, ella está innocente.

— Então é o senhor o culpado?

— Não. *

— Quem matou então o coronel Barclay?

— Foi uma providencia inaudita que o matou! mas note bem, se eu lhe tivesse feito saltar os miolos, como era minha intenção, teria tido de mim apenas o que mereceu. Foi o remorso que o assassinou. Se não fosse isso, talvez eu tivesse a sua morte na consciencia. Quer que lhe conte essa historia? Realmente, não sei para que a esconderei, visto que não me envergonha. Eis os factos:

"Vêem-me hoje com uma corcunda de camello e umas costellas torcidas! Pois bem, houve tempo em que o cabo Henry Wood, tinha o "record" de belleza no 117º de linha.

"Estavamos então na India, acampados num sitio chamado Bhurtee.

"Barclay, que morreu agora, era sargento da minha companhia, e a belleza do regimento (a mais linda do mundo, com certeza) era Nancy Devoy, a filha do porta estardante indigena. Dois homens a amavam perdidamente; ella amava um, era eu. Os senhores podem rir, vendo ao canto do fogão este pobre estropiado que hoje sou, e, todavia, ella amava-me e era pelo meu physico seductor. Embora eu tivesse conquistado o coração, o pae queria que ella casasse com Barclay. Eu era apenas um estouvado, um leviano; tinha elle recebido uma educação completa, e era já indicado para a promoção a official.

"A rapariga, entretanto, continuava-me fiel e eu estava quasi a triumphar, quando rebentou a revolta dos cipayos. Parecia que o inferno se tinha descadeiado naquelle paiz. Fomos cercados em Bhurtee nós e o nosso regimento, com meia bateria de artilharia, uma companhia de sicks e uma quantidade de paisanos e mulheres. Não eram menos de dez mil rebeldes tão encanzinados como uma matilha de "fox terriers", á roda de uma gaiola cheia de ratos.

"Passadas duas semanas faltou a agua, e vimo-nos obrigado a tentar communicação com a columna do general Neil que operava na montanha. Era a unica possibilidade de salvação, visto não podermos tentar uma sortida por causa das mulheres e das crianças.

"Propuz-me então ir avisar do perigo o general Neil. Acceitaram o meu offerecimento. Consultei o sargento Barclay, que melhor do que ninguém devia conhecer o terreno, e que me traçou o caminho a seguir para atravessar as linhas inimigas.

"Nessa mesma noite, ás dez horas, parti na minha missão. Tratava-se de salvar mil homens, mas era numa vida só, preciosa entre todas, que eu pensava nessa noite, ao saltar as muralhas. Segui primeiramente pelo leito secco de um rio, de onde não deveria ser visto pelas sentinellas do inimigo.

"Por desgraça minha, quando sahi delle de rastos, cahi no meio de seis que me esperavam na obscuridade; num segundo atiraram-me no chão com uma pancada violenta, e era fortemente algemado.

"Nessa mesma noite, pelo que pude ouvir das conversas, adquiri a certeza de ter sido atraiçoado pelo camarada que tão bem havia traçado o meu caminho, e que para isso se tinha servido de um criado indigena ao serviço do inimigo. Estalou-me o coração! É inutil insistir mais; vêem de que era capaz Jacob Barclay!

"Bhurtee foi, no dia seguinte, descercado pelo general Neil, e os rebeldes levaram-me comsigo na retirada, e assim fiquei muitos annos sem vêr uma cara branca.

"Fizeram-me passar por toda a especie de máos tratos. E quando tentei fugir, tornaram a apanhar-me e ainda me trataram peior. Não é difficil ver o estado em que me puzeram. Alguns, tendo fugido para o Nepaul, levaram-me com elles, e assim me encontrei do outro lado de Darjeeling.

"Os montanhezes dessa região massacraram os rebeldes que me retinham preso, e fiquei seu escravo até o momento em que, tendo conseguido fugir, me dirigi para o norte, e cahi no meio dos Afghans.

"Viajei um anno inteiro nesse paiz, e voltei para o Punjab onde vivi entre os indigenas, ganhando o meu sustento a fazer habilidades que aprendera.

"Pobre, aleijado, que vantagem teria em voltar para a Inglaterra, ou de me fazer reconhecer pelos meus antigos camaradas? Esta sensação da minha deformidade, dava-me uma grande sêde de vingança.

"Preferia passar por morto aos olhos de Nancy, e dos amigos de outr'ora, que se lembravam de um

(Cont. na pag. seguinte)

— Mas, é possivel? Tu tambem te pintas?
— Não, papae, não me pinto. Foi maninho que me deu um beijo...

Henry Wood, direito e elegante, de preferencia a mostrar-me a elles vivo, mas enfermo e encostado a uma bengala. Todos me julgavam bem morto, e eu não pensava em desilludil-os. Soube que Barclay tinha casado com Nancy, e que subira rapidamente na sua carreira; e, não obstante, conservei-me silencioso.

"Quando a gente envelhece volta a saudade da patria.

"Ha muitos annos que eu revia em sonhos as sebes e os prados verdejantes de Inglaterra.

"Por fim não pude mais, e decidi-me a tornar a vêl-os, uma ultima vez antes de morrer.

"Economisei o preço da minha viagem e vim aqui installar-me nesta guarnição onde posso ganhar a minha vida, porque tenho a arte de entreter os militares".

— A sua historia é das mais commovedoras, disse Sherlock Holmes. Sabia já do seu encontro com a senhora Barclay e do seu reciproco reconhecimento. Creio agora comprehender que o senhor a seguiu até a casa, e viu pela janella a violenta altercação que teve com o marido, emquanto o accusava, sem duvida do seu procedimento para comsigo. Não teve mão em si, e atravessando o jardim, entrou em casa delles.

— E' verdade, senhor. Ao ver-me, a cara desse homem tomou uma expressão que não sei descrever, e em seguida cahiu desfallecido de encontro ao brazeiro do fogão. Mas antes de cahir já estava morto! Li-lhe a sentença no rosto tão claramente como posso lêr este texto á luz do fogo. A minha subita apparição tinha produzido o effeito de uma bala que tivesse attingido esse coração culpado.

— E depois?

— Nancy desmaiou. Tirei-lhe a chave das mãos e sahi na intenção de trazer soccorro. Depois no caminho, reflecti que era talvez preferivel deixal-a só, e fugir, pois que se me fosse attribuida essa morte seria preso, e o meu segredo seria por força divulgado.

A' pressa, metti a chave na algibeira e deixei cahir o meu pau quando procurava apanhar "Teddy" que corria pelas cortinas acima. Tornei a mettel-o na caixa e fugi o mais depressa possivel.

— Mas quem é "Teddy"? perguntou Holmes.

O homem inclinou-se, abriu a porta de uma especie de ratoeira collocada no canto do quarto e tirou de lá um pequeno animal avermelhado muito ligeiro, com umas patas de fuinha, um focinho comprido côr de rosa, e um par de olhos muito bonitos, encarnados, como eu ainda não vira em outro animal.

— E' um mangusto, exclamei!

— Sim, alguns dão-lhe esse nome, outros chamam-lhe ichneumon, eu chamo-lhe "apanha serpentes". "Teddy" é maravilhoso contra as cobras. Tenho aqui uma serpente a quem tirei os dentes, e todas as noites "Teddy" luta com ella nas tabernas para divertir os espectadores. Que mais quer saber, senhor?

— Nada. Mas talvez tenhamos ainda de recorrer a si se a situação da senhora Barclay se não esclarecer. Nesse caso voltarei com certeza. Não sendo assim, é desnecessario fazer escandalo em volta de um homem morto, por muito culpado que elle tenha sido para si. Tem ao menos a satisfação de saber que durante trinta annos da vida delle, a sua consciencia foi atormentada pelo remorso do seu crime. Ah! Ali está o major Murphy do outro lado da rua. Adeus Wood. Vou saber se ha alguma novidade desde hontem.

Apanhamos o major á esquina da rua.

— Ah! Holmes, disse elle, sabe que de toda esta historia nada fica de pé?

— Como assim?

— O inquerito terminou, e os medicos concluiram que foi um ataque de apoplexia. Era um caso bem simples, afinal.

— Muito banal, com effeito, disse Holmes sorrindo. Venha, Watson, nada mais temos que fazer em Aldershot.

— Ha comtudo uma coisa que me escapa, disse eu, quando iamos para a estação. Se o marido se chamava James, e outro Henry, a que vinha esse nome de David?

— Essa palavra por si só, meu caro Watson, deveria ter-me revelado toda a historia, se verdadeiramente eu fosse o raciocinador ideal que você costuma gabar. Esse nome representava uma censura.

— Censura?

— Sim. David, como sabe, affastou-se por vezes do recto caminho, e em certa occasião o rei David commetteu o mesmo crime que o sargento Barclay. Lembra-se da historiasinha d'Urias e Bethsabé? As minhas reminiscencias biblicas estão um tanto embrulhadas, não ha duvida; mas encontrará essa narração completa no primeiro ou segundo livro de Samuel.

FIM

No proximo numero, do mesmo autor:

A BICYCLISTA

PREÇO DAS ASSIGNATURAS:

EM TODO O BRASIL:

(Porte simples)

Anno ...... (52 ns.) ...... 48$000
Semestre (26 ») ...... 25$000

(Registada)

Anno ...... (52 ns.) ...... 70$000
Semestre (26 ») ...... 36$000

PARA O ESTRANGEIRO:

(Porte simples)

Anno ...... (52 ns.) ...... 78$000
Semestre (26 ») ...... 40$000

(Registada)

Anno ...... (52 ns.) ...... 115$000
Semestre (26 ») ...... 60$000

As assignaturas terminam e começam em qualquer mez.

FON - FON

Revista Semanal Illustrada

EMPRESA FON-FON e SELECTA S/A.

Director: SERGIO SILVA

REDACTOR-CHEFE: THESOUREIRO:

Gustavo Barroso Cyro Machado

Direcção, Redacção e Officinas:

62, Rua Republica do Perú, 62

(Antiga Assembléa)

Telephones: Administração: 2 - 4136

Director: 2 - 0577 Caixa Postal: 97

Endereço telegr.: FON - FON

Rio de Janeiro

Toda a correspondencia deve ser dirigida á

EMPRESA

FON-FON e SELECTA S/A.

Representante na Europa:

E. Bourdet & Cia. 9, Rue Tronchet, Paris — 19, 21, 23, Ludgate Hill, Londres.

Venda avulsa .... 1$000

Numero atrazado ...... 1$500

O exito de nossa cruzada contra ACIDO URICO deve-se quasi exclusivamente á recommendação de ex-soffredores satisfeitos

ACIDO URICO

Se V. S. é victima de rheumatismo chronico, de terriveis dôres nas cadeiras, se está abatido, sem disposição para o trabalho ou para distracções, se dorme mal, é muito provavel que as desordens dos rins sejam a causa de sua doença. Os rins são trabalham como filtros e purificadores de cada gotta de sangue que percorre o corpo. Devem expulsar do organismo todo o excesso de acido urico ou outros quaesquer venenos. Quando falham em suas funcções sobrevêm as dores e padecimentos.

Sergio Siqueira Telles, Rua da Matriz, 182, Caruarú—Estado de Pernambuco. "Cumpro o grato dever de escrever aos amigos, afim de lhes fazer scientes de minha completa cura com as famosas Pilulas De Witt. Usando as Pilulas De Witt, digo-lhes que, com surpreza, me vi livre e são de todos os males provenientes dos rins, apenas com o uso de dois vidros das mencionadas pilulas."

As Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga, tomadas com regularidade, pódem dar fim a estes males, pois são especialmente preparadas para as desordens dos rins e enfraquecimento da bexiga. Devido á sua acção directa nos rins e na bexiga, estas pilulas dissolvem os crystaes de acido urico expellindo-os do organismo. A sua formula está impressa em cada caixa com toda a clareza. Tome-se uma pilula antes de cada refeição e duas ao deitar-se.

PILULAS DE WITT

PARA OS RINS E A BEXIGA

Pódem experimentar-se em casos de

RHEUMATISMO, DÔRES NAS CADEIRAS, ENFRAQUECIMENTO DA BEXIGA, LUMBAGO, SCIATICA, MOLESTIAS DOS RINS

e todas as Molestias provenientes do excesso de acido urico no organismo.

O seu medico sabe o quanto são boas

Remetta-nos este coupon hoje mesmo

Snrs. E. C. DeWITT & Co. Ltd. (Depto. R 153),
Caixa do Correio 834, Rio de Janeiro.

Queiram enviar-me, livre de despezas, uma amostra das famosas Pilulas De Witt para os Rins e a Bexiga.

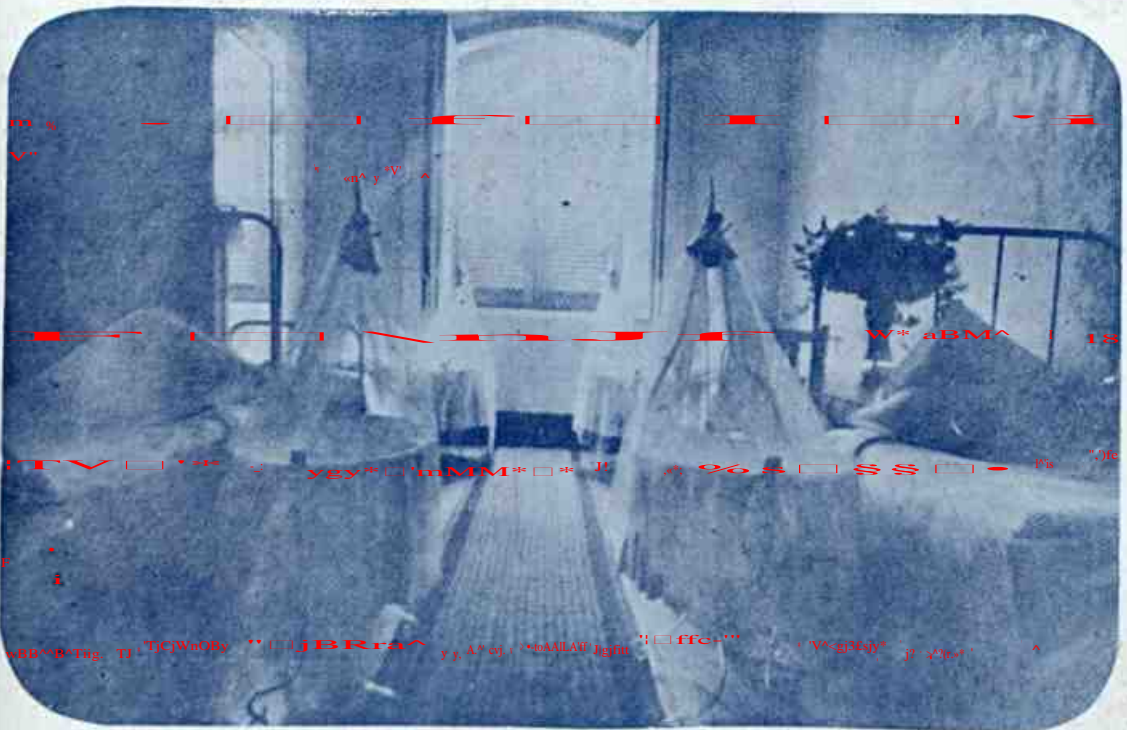
Nome ....

Endereço ....

....

Queira escrever com clareza

Mande em envelope aberto sello 20 Reis

CASA DE SAUDE DR. FRANCISCO GUIMARÃES

MATERNIDADE COM 4 LEITOS

Parto e estadia durante 10 dias: 300$000

RUA ARISTIDES LOBO, 115 — TELEF. 8-3957

A DÔR FAZ
DESAPPARECER
O PRAZER
DRAEGER
AS
HEMORROIDAS
DESAPPARECEM
COM A
POMADA
E OS
SUPPOSITORIOS MIDY
PRODUCTOS PARA OS QUAES NÃO HA CONTRA-INDICAÇÃO